

**ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA  
BRASILIANA**



**BIBLIOTHECA**  
**PEDAGOGICA**  
**BRASILEIRA**  
**SERIE: V — BRASILIANA**

**VOLUMES PUBLICADOS:**

- I — Baptista Pereira: FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS (2.ª edição).**
- II — Pandiá Calogeras: O MARQUEZ DE BARBACENA (no prelo a 2.ª edição).**
- III — Alcides Gentil: AS IDÉAS DE ALBERTO TORRES (synthese com indice remissivo).**
- IV — Oliveira Vianna: RAÇA E ASSIMILAÇÃO (no prelo a 2.ª edição).**
- V — Augusto de Saint-Hilaire: SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO a MINAS GERAES e a S. PAULO (1822) — Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.**
- VI — Baptista Pereira: VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.**
- VII — Baptista Pereira: DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (Segundo textos escolhidos).**
- VIII — Oliveira Vianna: POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL (3.ª edição).**
- IX — Nina Rodrigues: OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Homero Pires) — Profusamente illustrado.**
- X — Oliveira Vianna: EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.ª edição) — Profusamente illustrado.**
- XI — Luis da Camara Cascudo: O CONDE D'EU (illustrado).**
- XII — Wanderley Pinho: CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (illustrado).**
- XIII — Vicente Licinio Cardoso: A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.**
- XIV — Pedro Calmon: HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.**
- XV — Pandiá Calogeras: DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.º volume da serie: Relações Exteriores do Brasil).**
- XVI — Alberto Torres: O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.**
- XVII — Alberto Torres: A ORGANIZAÇÃO NACIONAL.**
- XVIII — Visconde de Taunay: PEDRO II.**
- XIX — Affonso de E. Taunay: VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — (Seculos XVI-XVIII).**

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA  
SERIE V BRASILIANA VOL. XXII

---

E. ROQUETTE-PINTO

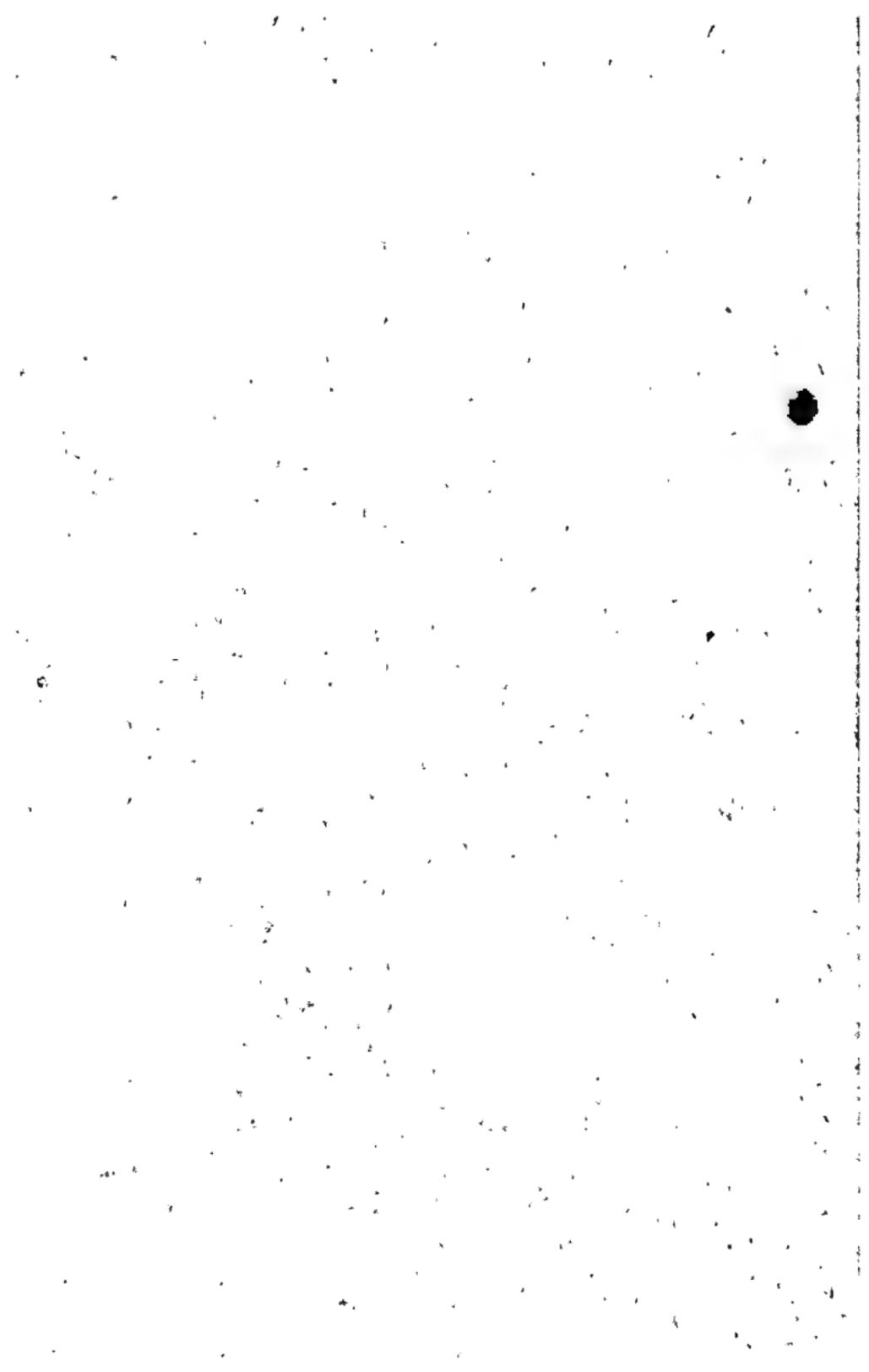
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

---

ENSAIOS  
DE ANTHROPOLOGIA  
BRASILIANA



COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
RUA DOS GUSMÕES, 26-28-30 - SÃO PAULO - 1938



## I

Para as nações modernas não ha problema tão importante quanto o da população. Tudo depende da *gente*; do numero e da qualidade.

*Riqueza natural* — é agua parada que não move os moinhos. Nesse terreno, o *trabalho* vale muito mais do que o *capital*. E o trabalho — é o homem. Só elle, pela intelligencia ou pelos musculos, empresta valor ás cousas. Os brasilianos devem pensar bem nisso, antes de entôar os louvores habituaes ás maravilhas da terra de que são donos.

Ha, porém, em muitas regiões, excesso de gente, em proporção com os recursos naturaes. De sorte que o problema fundamental da população, nessas regiões, offerece difficuldade opposta. Falta de um lado o que sobra do outro. Mas o que existe de mais impressionante no caso não é esse desequilibrio; é o crescimento global da humanidade. Embora os alimentos durem em geral mais tempo do que o preciso para a sua reprodu-

ção; embora seja muito provavel que o tempo exigido pelas colheitas agricolas possa um bello dia ser encurtado, visto que a agricultura ainda está nos seus primeiros passos, certo é que, nas condições actuaes, o mundo caminha para a superpopulação. Esse é o facto que impressiona certos sociologos e anthropologistas.

Explica-se dest'arte que o nome de Malthus tenha sido ultimamente relembrado. Muitas das suas affirmativas, naturalmente, foram postas de lado, porque realmente não estavam certas. Assim a critica impiedosa de Robinet dizia: As especies *devoradoras*... são tambem *devoradas*... Ora, segundo Malthus, as devoradoras crescem em proporção geometrica, enquanto que as devoradas crescem em proporção arithmetica. Facilmente chega-se ao absurdo: — Crescem de um modo, como *devoradoras*, e de outro... como *devoradas*!

Todos os especialistas são hoje accordes em dar a Malthus o posto primacial no estudo das questões relativas á população. Elle escrevia em 1798. Mas parece que, antes, o inglez Robert Wallace, o irlandez Richard Cantillon e o italiano Giammaria Ortes — já tinham tocado no assumpto. E não nos esqueçamos de Buffon que, na sua *Arithmétique Morale*, muitas e valiosas observações a respeito consignou.

Todos sabem que, durante muitos annos, o nome de Malthus foi incluído entre os dos excomungados pregoeiros de *immoralissima* doutrina. Deixou-se de parte o que o seu "Essay on the Principle of Population" possui de valioso, como contribuição segura para a sciencia, enquanto alguns espertos se aproveitavam de induções preciosas para quem deseja enganar a Natureza...

Hoje, diz-nos o professor W. Weich, da John Hopkins University, a reputação scientifica de Malthus é maior do que nunca. O tempo chamou á razão os apaixonados. Seja do ponto de vista biologico, seja do ponto de vista social — fazem devida justiça ao philosopho que positivamente sempre andou longe de pensar nas applicações brejeiras dos seus principios.

"A diminuição da mortalidade, dizia Malthus, é um criterio muito melhor para caracterizar um bom governo e uma real felicidade publica — do que o augmento dos nascimentos".

Nesse conceito acha-se contida a relação que R. Pearl chamou — *Vital index*, indice de vitalidade de uma população, para o qual propoz a formula:

$$I = \frac{100 B}{D}$$

Sendo B os nascimentos (birth) e D as mortes (death).

Isso, porém, não significa, absolutamente, que o pobre Malthus deva ser responsabilizado pela diminuição dos que formam o grupo B...

Deu-se com elle cousa parecida com a que succedeu a Epicuro. Porque o menos *malthusiano* dos homens foi o proprio Malthus, tão pouco *malthusiano* na predica e na acção, quanto era pouco *epicurista* o velho philosopho.

“Reprovarei sempre, escreveu Malthus, qualquer processo de restricção artificial da população”. Para elle, a necessaria diminuição dos nascimentos devia derivar de impulsos moraes capazes de levar homens... e mulheres á continencia.

Seja como fôr, os problemas da população do Mundo estão na moda.

Uma grande Commissão Internacional para o seu estudo foi constituida em Paris.

Fazem parte da União Internacional para o Estudo Scientifico dos Problemas da População: Corrado Gini, Sören-Hansen, R. Pearl, Caullery, Jordan, Crew, Pitt-Rivers, Boldrini, Rappard, Schlaginhaufen, Lündborg, Hrdlicka, Paula Souza (de São Paulo) e Roquette-Pinto, do Rio de Janeiro.

\*  
\*   \*  
\*

Qual é o principal problema da população do mundo?

Nada melhor, para responder, do que passar um golpe de vista na these de doutoramento do sr. Shirley Sweeney, apresentada em 1928 á John Hopkins University — “The Natural Increase of Mankind”.

No seu trabalho propoz-se Sweeney a estudar o *crescimento natural* de varias populações, traçando, ao mesmo tempo, um quadro comparativo de todas.

O autor começa discutindo alguns processos propostos para caracterizar o referido crescimento.

O mais usual consiste em comparar os nascimentos com as mortes. Alguns especialistas dão a este indice valor excepcional. Sunbarg chama ao simples indice de mortalidade — *medida da civilização*.

Como bom discipulo de R. Pearl, Sweeney adopta o *vital index* do mestre, acima referido. Elle permite avaliar o estado actual de uma população dada, quanto ás suas condições geraes de existencia. Se o resultado é maior de 100 a população está crescendo em boas condições. Se menor, acha-se a população em decadencia. E' claro que a imigração póde alterar os termos do problema. Mas, diz R. Pearl, uma população cujo *indice vital* só não cae abaixo de 100 por causa dos immigrantes — acha-se em má condição biologica e até mesmo social.

O discipulo de Pearl, cujo trabalho estou resumindo, não acceita sem protestos o valor de *indice de civilização* que se quer dar á relação apontada.

Se isso fosse verdade, diz elle com razão, os campos seriam mais *civilizados* do que as cidades... Absurdo!

Qualquer criterio que ponha de parte a *qualidade* e seja fixado apenas na *quantidade* não poderá servir na definição do estado de civilização.

Indice vital — é nome um tanto menos pretencioso. Mas, argumenta Sweeney, será mesmo verdade que a relação de Pearl demonstre a saude de uma população? Talvez não. Porque a sciencia e as condições economicas do povo podem influir para alterar os dois termos da questão. No entanto convem não esquecer que tudo, no fim de contas, resulta da actividade do proprio homem. Assim o indice não perde o seu valor.

\*

\*

\*

Tudo então se resume em bem conhecer os *nascimentos* e as *mortes*...

Por isso o autor passa em revista o que se sabe hoje sobre o assumpto, no que diz respeito aos problemas da população.

O declinio apparente do numero de nascimen-

tos é um phenomeno quasi geral no mundo moderno, sejam quaes forem as suas causas. E' principalmente verificado nas chamadas *classes superiores*, nas élites; de onde o desespero dos eugenistas, que tremem pelo futuro da civilização.

Tres explicações são propostas para o supposto declinio dos nascimentos: a) praticas restrictivas; b) influencias economicas; c) variação natural cyclica do phenomeno.

Segundo os que se filiam nesta ultima corrente, a humanidade apresenta verdadeiras ondas de nascimentos. No presente, estariamos atravessando a *depressão*, entre duas cristas.

Para Sweeney, todas as causas se resumem na acção dos factores economicos. Ha, porém, uma opinião que não me parece destituída de certa verdade. E' a de Browslee para quem a oscillação da natalidade, em grande parte, depende da *physiologia das raças*, capitulo novo de que, ha mais de quinze annos, previ o surto actual.

\*

\*

\*

Sweeney estudou o *indice vital* de 56 paizes ou regiões do globo, de 1888 a 1913. Ao lado da Inglaterra, da Prussia, do Japão, acham-se Costa Rica, Jamaica, etc.

O Brasil, como é de regra, lá não figura. Felizmente!

Segundo os dados que acaba de publicar a Directoria Geral de Estatistica da Republica, em 31 de Dezembro de 1927 o Brasil contava 37.970.320 habitantes. Como poder calcular o *vital index* do paiz, si em 618 municipios do Norte do Brasil, só forneceram indicações á Directoria Geral de Estatistica — 119 ?

No grupo meridional, formado pelos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, 57 municipios deixaram de concorrer utilmente para o censo!

Em 1920 o *indice vital* do norte do Brasil pôde ser calculado, com a falha apontada, sabendo-se que foram registrados 2.119 nascimentos e 27.390 mortes.

Isso, num total de mais de 12 milhões de habitantes!

Para que todos possam ver o mal que faz ao bom nome do paiz a defficiencia dos nossos dados demographicos, encontra-se, para 1920, o *indice vital* do norte do Brasil = 7,7 !

Na zona meridional do Brasil foram registrados, em 1920, 229.195 nascimentos e 101.367 mortes, de onde um *indice vital* igual a 22,5! Levando a serio esses dados... estariamos *desapparecendo!*

Emquanto não pudermos saber *quantos somos, quantos nascem e quantos morrem* — é excu-

sado querer encontrar o Brasil na lista das Nações, publicada nos tratados scientificos...

A' declaração de obito o matuto é forçado, para enterrar o seu defunto, "em sagrado"; mas os nascimentos? Só a educação do nosso bom povo conseguirá melhorar isso... e o resto.

Os maiores valores do *indice vital* foram achados por Sweeney em Nova Zelandia (280 a 309); Australia (250 a 279); Uruguay (220 a 249); Argentina (190 a 219); Dinamarca, Estados Unidos, Inglaterra (160 a 189). Os menores são os de Hong-Kong (10 a 39); Mexico (70 a 99); França, India Ingleza, Chile (100 a 129).

O autor não se esquece de notar que as médias mais altas acham-se fóra da cinta equatorial. Nós nos apressamos em acrescentar que debaixo do Equador (Asia, Africa, ou America) — o *registro civil* ainda é *luxo*... Deixem o clima em paz!

A primeira das conclusões de Sweeney é que em geral, a população do mundo *está crescendo* em boas condições biologicas. A falada diminuição dos nascimentos é, pois, facto muito secundario.

A população da Europa — total — attingiu o limite do seu crescimento natural. A America latina — menos o Brasil de que o autor não fala — acha-se muito aquem do apontado limite. E nós todos já sabiamos disso... mesmo sem as lições de R. Pearl.

A guerra e a peste (grippe de 1918) — tiveram muito pouca influencia sobre o indice. O crescimento da especie humana é phenomeno constante e fatal. E o autor conclue indagando, si tal crescimento é illimitado, quaes serão as suas consequencias ?

A permanente luta guerreira, de que a humanidade só se livrará quando se resolver — toda ella a praticar o conselho de Wells: "*better children.*"

No bello ensaio *Biology and War*, Raymond Pearl, depois de mostrar que a guerra é phenomeno essencialmente biologico, conclue que ella *is not an absolute biological necessity*. O desaparecimento da guerra depende, termina elle, do melhoramento humano. Cada guerra felizmente, são palavras suas, leva o homem a dar alguns passos mais, no sentido da paz definitiva.

Ao contrario do que muitos imaginam, a biometria prova que a guerra não é consequencia forçada da superpopulação. Não deriva da *quantidade*; é filha abjecta da *má qualidade* do material humano, que ainda hoje, em toda a Terra, tem muito do troglodita atévo. Porque as populações — grupos de seres vivos — sejam cellulas de levedo de cerveja, sejam protozoarios, sejam homens — crescem, fatalmente, segundo uma curva particular (*Curva em S de Verhulst ou Curva logistica*).

Lei geral da biologia, foi descoberta em 1838

por esse mathematico belga e permaneceu no esquecimento até 1920, quando Pearl e Reed a formularam de novo, sem previo conhecimento dos trabalhos do sabio flamengo.

O mais impressionante resultado do estudo estatistico do crescimento das grandes populações, diz Pearl, é a evidencia de que o seu desenvolvimento não é sensivelmente influenciado pelos acontecimentos economicos ou sociaes, que logicamente deveriam ser decisivos no caso. O estudo do crescimento da população dos Estados Unidos da America, de 1790 a 1920, demonstra que a imigração em nada influiu no traçado da curva logistica. No entanto as condições sociaes e economicas imprimem, nos accidentes secundarios da curva logistica, oscillações segmentarias que exprimem a sua preponderancia transitoria.

Outra memoria de Pearl, digna do conhecimento dos brasileiros que se preocupam com o futuro racial deste paiz, tem por titulo *Vitality of Peoples of America*.

No anno 2100, os Estados Unidos da America terão attingido o que elle denomina *população assymptotica*; possuirão cerca de 197 milhões de habitantes. A *pressão da população* sobre as subsistencias farão a vida, naquella epoca, muito diferente do que hoje é...

Mas, que especie de população será, então, a

dos Estados Unidos? Que elementos passarão a dominar ?

Duas conclusões do sabio professor de Baltimore são particularmente interessantes:

- 1 — *There cannot, by possibility whatever, be anything approaching biologically pure race stocks in this country a century hence.*
- 2 — *The kind of people who will survive and run the affairs of the country, say a couple of centuries hence, when population pressure will be intense, will, y think, not be Englishmen, or Slavs, or Jews, or Italians, but Americans.*

Nós não devemos, evidentemente, applicar, sem maior exame, estas conclusões ao Brasil. Seria precipitado e gratuito, visto a penuria das nossas estatisticas.

Mas si as conclusões de Pearl foram baseadas sobre a *mortalidade* e a *reprodução*; si a nossa população está crescendo de accordo com a curva logistica — e isso é fatal; si os cruzamentos são, aqui, mais geraes e mais profundos do que nos Estados Unidos; ainda quando a nossa “pressão de população” precisasse não de um mas de dois seculos, a priori, não é arriscado prever o futuro da nossa gente, á luz dos prognosticos que a biometria forneceu para os Estados Unidos da America.

Estamos, pelo menos, em boa companhia...

## II

Tenho lido quasi tudo quanto se tem escripto, no Rio e em São Paulo, nestes ultimos tempos, a respeito da emigração dos nossos patricios do nordeste para as regiões agricolas do sul.

A consideração do phenomeno leva o meu pensamento para os ensinios de Alberto Torres, sociologo realmente sabio e profundo, que a nossa cultura, em geral taful e rhetorica, póde apresentar ao mundo.

O caso dos sertanejos, que as seccas impellem a procurar as terras do sul, envolve um paradoxo que mostra, mais uma vez, como andava certo o pensador: o Brasil, como algumas nações da America, tem de ser obra de sabedoria politica; não é nação que floresça por si, como os Estados Unidos, qual ramo transplantado em novo terreno, trazendo a "organização da estirpe originaria". O grande problema do Brasil é a organização dos seus valores.

O caso dos emigrantes nortistas não prova outra cousa senão falta de organização nacional.

Queixam-se, muito justamente, os estados do sul de que lhes faltam "braços" para as necessidades prementes da lavoura; enquanto isso, os estados do norte, não podendo reter uma grande massa de homens validos e prendados, offerecem esses patricios aos que tanto precisam de trabalhadores. E esses trabalhadores não são recebidos de braços abertos... por motivos muito ponderosos, que ninguem deve desprezar. Ahí está o paradoxo, que faz os estudiosos das questões nationaes pensar, immediatamente, naquelle mestre insigne da nacionalidade.

A questão é das mais serias e das mais delicadas. O amor proprio, sobrepticamente, esgueira-se em toda discussão desse jaez. Ha muitas verdades a dizer; mas a sabedoria das nações informa que "nem todas as verdades se dizem"... De sorte que todos quantos têm alguma responsabilidade, theorica ou pratica, não podem deixar de hesitar. No entanto, a nação precisa que os filhos lhe falem sempre, nas horas decisivas, como quem fala de coração. O futuro depende em grande parte de um movimento actual de franqueza e de coragem. O tempo de ser "bom moço", já não é mais de hoje. Cada qual deve a si mesmo o respeito de dizer a palavra da consciencia, com desinteresse e calma, porque o phenomeno conside-

rado denuncia uma situação social cheia de complicações vindouras.

A gente que hoje emigra do norte é a mesma que ha uns cincoenta annos começou a conquista da hyléa Amazonica. E' sobria, resistente, dedicada, corajosa. Mas, do ponto de vista cultural não "está em phase", quanto ao trabalho agrícola, com as populações das zonas meridionaes. E' uma verdade que ninguem discute.

*A dephasagem social* explica o paradoxo.

Eu não acredito, sinceramente, que um só fazendeiro de São Paulo recuse um trabalhador do nordeste sómente por ser de lá. Todos estão conformes em reconhecer que, no fim de algum tempo, os filhos do sertão, fixados em Minas ou em São Paulo, ahi se "educam" no trabalho regular e methodico, e são dos "braços" melhores que alguém possa desejar. Mas compreendo, muito bem, que o homem livre do nordeste, vivendo "au jour le jour", como dizem os francezes, ou "von der Hand in den Mund", como dizem os allemães, ou mesmo "ao Deus dará", como nós dizemos, — compreendo que tal homem não seja recebido com alegria, nas regiões em que os colonos trabalham a horas certas e pagam multa para mudar de fazenda... Cada qual ponha "o caso em si mesmo", e reconhecerá que os agricultores do sul têm suas desculpas. Mas, então, no seio da propria patria, os nossos irmãos do norte hão de morrer na mi-

seria, lá mesmo onde lutam, como nenhum outro brasileiro, com a "terra aspera"?

Não ha, é claro, neste caso, duas respostas cabiveis. Se o sul precisa de "braços" e o norte tem "braços" sem trabalho, só nos cabe procurar o meio de adaptar a um o que o outro lhe offerece.

Gasta-se, annualmente, uma somma respeitavel, para importar dos paizes de emigração os taes "braços" que faltam.

Em 100 desses homens, trazidos a peso de ouro, cerca de metade, sejam uns sessenta, no maximo, permanecem nos campos. A outra metade, ou, na melhor hypothese, uns quarenta, aqui trazidos para "criar" a riqueza, vão para os centros urbanos "consumir" ou, quando muito, promover a "circulação da riqueza". Esses ultimos ainda prestam bons serviços, visto que, falando da riqueza, é ás vezes tão importante "transportal-a" quanto "creal-a".

Considerado deste modo o problema, não é demais chamar a attenção de todos para o bem que o Brasil ha de tirar de um movimento feito no sentido de applicar, pelo menos parte daquella somma, em educar, do ponto de vista agricola, os patricios tão bem dotados que, "espontaneamente" procuram as regiões em que a vida não é siderada pelo desassocego e pelo infortunio. Tal me-

dida não pôde ser proposta como remedio immediato para um mal agudo. Em sociologia, mais do que no resto, pouco se pode fazer para alterar um systema actual. Quanto aos adultos e aos velhos — é quasi certo — nada vale o precocinio. Não é de esperar qualquer transformação nos seus habitos de trabalho incerto e indisciplinado. Mas resta a grande massa dos moços, ainda não definitivamente fixados nos costumes meio-indios do viver ao léo da vida. E' a maior massa, que poderá ser desde já orientada para o trabalho agricola regular, como o que se faz no sul, e, um dia, se ha de fazer no proprio norte.

Algumas "colonias" bem organizadas e bem localizadas, poderiam preparar na actividade systematica necessaria, os que precisam emigrar, ou mesmo os que terão de praticar a cultura de irrigação.

Sei bem que esta minha utopica suggestão será, para muita gente, idéa absurda de um naturalista transviado. Muitos dirão que a manutenção dos institutos existentes já é tão difficil. Como pensar em outros? Mas não se trata de estornar um vintem de nenhum orçamento escolar existente. A metade, ou mesmo a terça parte, do que hoje se gasta *com a immigração estrangeira* seria o necessario para preparar a *immigração nacional*, quando ella não puder ser evitada.

Pelo que dizem algumas vozes autorizadas de São Paulo, dois annos chegam para que o sertanejo se adapte ás condições do trabalho agricola no Estado. Portanto, para começar, a titulo de experiencia, bastaria criar uma *colonia agricola preparatoria*, especie de *fazenda agricola para colonos*. Sendo certo o que se diz, quanto ao tempo de aprendizagem, já em 1935 os primeiros nortistas estariam terminando o seu estagio e entrando para a massa dos cultivadores de Minas e de São Paulo; e seriam, então, recebidos de braços abertos, mesmo porque são carne da nossa carne. Isso, no caso de se verem forçados a deixar a terra onde nasceram. Porque, lá mesmo, o seu preparo só poderia ser vantajoso.

O ideal seria resolver o problema das seccas e fixar os nortistas no seu torrão adorado. De certo. Mas quem imagina que os açudes, barragens e outras obras de irrigação, bastam para isso, rariocina de um modo excessivamente simplista.

Se o trabalho agricola, realizado nas condições normaes, não é cousa que tente aos que se habituaram ao caprichoso labutar da vida sertaneja, como acreditar que a cultura especializada, necessaria nas terras de irrigação artificial, possa, de repente, entrar na sua pratica usual?

As obras monumentaes, em bôa hora projectadas, virão, transformar a "terra"; mas deixa-

rão o "homem" tal qual, durante muitos e muitos annos.

A experiencia alheia não deve ser desprezada. Muita gente acredita que o surto da babugem ás primeiras chuvas, depois da secca, prova alguma cousa de particular, quanto ás qualidades excepcionaes do sólo. Leio em um excellente volume de Griffith Taylor que o mesmo acontece na Australia. (Environment and Race).

Nós todos acreditavamos que a *localização dos trabalhadores nacionaes* fosse cousa muito simples: dar a cada familia um pedaço de terra, estabelecendo "nucleos colonias", uma casa, ferramentas e o mais que corresponde á assistencia do Estado. Foi o que se fez. Muitos nucleos assim se fundaram ha uns 15 annos. Quantos prosperam hoje? Os colonos nacionaes, em geral, abandonaram os seus lotes, venderam o que lhes dera a União e partiram, como hão de partir os sertanejos, apesar dos açudes. Não bastou a terra aos primeiros; a estes a irrigação artificial não bastará. A questão não é apenas de "agua" (Norte), como não foi de "terras" (Sul). E' principalmente de *educação agricola do homem*.

Bem dirigidas as *fazendas para colonos ou colonias agricolas preparatorias* (como quizerem), viverão por si mesmas, sem pesar no orçamento da União ou dos Estados.

No Brasil, os *problemas da terra* estão quasi todos em via de solução: exploração geographica, desbravamento, conquista economica, etc. Restam os outros, mais importantes e mais difficeis — os *problemas da gente*, raça e educação.

Idéas levianas de um naturalista? Quem sabe?

### III

Na escolha da joven brasileira que deverá representar a mulher deste paiz em certo concurso internacional, andam empenhados austeros professores.

A' hora em que escrevo, decide-se a justa graciosa. Amanhã todos saberemos o nome da preferida e, então, a anciedade que neste momento está empolgando os artistas, os litteratos, e os scientistas, os intellectuaes, em uma palavra, será alegria ou tristeza; nunca indiferença. O caso parece, á primeira vista, preocupação muito futil de almas ociosas. No entanto, vejo nelle uns laivos de idealismo que me agrada. Tão descuidados têm sido os meus patricios em tudo quanto diz respeito á *raça*, desde os bons tempos em que certos senhores semeavam mulatinhos por todo lado, que, de facto, esse movimento me parece digno de registro. Para muita gente a grande questão é que não se mande á grande revista mundial alguma "cara bonitinha", ossinhos fininhos, omoplatas ala-

das, clavículas perforantes, com uns seiscentos centímetros cubicos de capacidade vital e pelvis infantil... De principio, essa gente tem toda razão. A graça perturbadora das brasilienses — expressão de um recente viajante germanico — difficulta as apreciações. Todos nós conhecemos numerosissimos typos, biologicamente insufficientes, que, no entanto, causam grande successo de belleza.

Milagres da graça. Não basta, porém, no caso, exigir caracteres normaes. A selecção deve ser muito mais apurada. Não sei como estão procedendo os dignos juizes. Certamente andam praticando o que ha de melhor. E, como estas notas não serão publicadas senão dias depois do resultado, ninguem dirá que aqui se pretende ensinar o padre-nosso aos conspicuos vigarios, tão pouco insinuar methodos ou processos. Estou mesmo crente de que as lindas moças, verificada a sua “boa herança”, foram submettidas a exames biologicos severos — (morphologia, physiologia, radiographia, anthropometria); passaram depois a provas estheticas — (modelo vivo, attitudes...) e finalmente, — como custa ser Miss! — foram levadas a um laboratorio de psychologia experimental, porque não só de pão vive o homem.

Um meu amigo ranzinza e rheumatico exigia mesmo, ha dias, que as distinctas senhoras tivessem de redigir uma carta e dividir fracções. Eu acho que isso é demais. Estou certo de que o modelo da

Aphrodite de Cnido não prestou exame de greú antes de posar no estudio de Praxiteles. O meu amigo, porém, retrucava que isso era naquelle tempo, em que só se reproduzia o que era "bonito". Mas a nossa conversa parou ali, porque não houve meio de nos entendermos a respeito do que é "bonito".

Outro ponto sobre o qual também praticámos foi a questão do "typo".

Elle sustentava que seria preciso mandar aos Estados Unidos o "typo brasileiro". Eu, por meu lado, limitava-me a perguntar-lhe qual seria o typo da franceza. A mulher morena e vistosa do Sul, a Arlesiana? A loura alta e angulosa, ás vezes ruiva, de Flandres? E o da Germania? A do Norte ou a do Sul? Como pois querer que o Brasil possa apontar "um typo?"

O homem levava para a anthropologia e a esthetica a mesma preocupação politica dos "bons patriotas" que acreditam ingenuamente que o codigo civil poderá ser, de facto, o mesmo no Rio Grande do Sul e no Amazonas... Ora o "typo", no caso em questão, deve ser um ideal. Si fôssemos escolher, de facto, o "*typo mais frequente*" em uma determinação scientifica, seria melhor não comparecer ao concurso, visto que elle se fará nos Estados Unidos, onde existe a conhecida "color line" e onde a mais pequena gota de sangue negro, que ás vezes dá tão grandes attributos a alguns

Os nossos melhores e mais bellos typos, é desgraça definitiva.

Assim não deverá ser a “brasiliense typo” mas será “um typo de brasiliense branco” — dentre os que já se pódem apontar com certa precisão. Mas é de todo necessario seja uma mulher que se avizinha do ideal desejado. Nesses termos, o “concurso das Misses” toma o aspecto de uma prova eugénica. Não tem mais nenhum lugar para futilidades e facecias. E as distinctas senhoritas que estão no Rio, se prestando aos tormentos da curiosidade alheia, dão á sua terra uma grande prova de amor; recordam á sua gente que “é hora de pensar na *raça*”. Já não é sem tempo... Para isso é, porém, necessario que o exemplo não se perca. Na lista das concorrentes que a cidade recebeu com tão grandes provas de apreço, encantada, principalmente com a graça de todas ellas, não ha, segundo consta, uma só moça operaria. As meninas que trabalham, têm mais o que fazer e os seus provaveis eleitores seriam tambem operarios que, na maioria dos casos, não podem exercer o seu direito de voto por uma razão... constitucional: não sabem escrever. Precisamente entre senhoritas que trabalham, eu desejaria, na qualidade de humilde estudioso da *raça*, ver escolhidas as “Misses” de todos os Estados. São ellas as futuras constructoras das gerações; são as “pro-

letarias”, donas do ventre benedito de onde sahirá o Brasil dos nossos netos.

Uma proposta em prol da *raça*: realize, anualmente, cada municipio, um grande concurso, entre todos os seus operarios, ou trabalhadores agrarios, para escolher um casal de jovens, dos que attingirem os vinte annos, typos de herança realmente eugenica, e qualidades pessoaes relevantes. Não esperem os fazendeiros e os industriaes por mais uma lei, criando alguns premios cheios de embaraços papelescos. Tomem a si a linda iniciativa. Cooperem no grande movimento, até mesmo porque elle dará, mais tarde, lucro aos patrões, contribuindo para melhorar os artifices.

Em gral, no que diz respeito aos “premios” e aos “castigos” — penso com a admiravel senhora Montessori. Neste caso, porém, a cousa muda de figura. O premio para os dois jovens eugenicos poderia ser um augmentozinho de ordenado... de modo que, “Ella” pudesse casar com “Elle”. E’ o que deseja a Eugenia. Dei conhecimento dessa idéa ao meu amigo ranzinza. E elle me fez uma objecção que, com toda a imparcialidade não quero esconder; isso é um dos muitos sonhos impraticaveis em um paiz acostumado ao “bafajo official”. A iniciativa particular não vae... Depois, ha uma cousa a considerar; se “Ella” gostasse de um candidato “reprovado”? Reconheço lealmente,

a possibilidade daquelle “impatriótico” sentimento. Mas insisto na proposta.

\*

\* \*

O concurso das meninas parecia ser cousa muito frivola; poderia ter-se transformado em algo de realmente util para o paiz, se não tivesse soffrido a influencia de factores absurdos. Resultou ainda mais futil do que parecia, no começo. Em si mesmo, portanto, não merece um segundo de attenção. Mas, de facto, provocou muitos commentarios, em todos os Estados; e os mais exquisitos conceitos surgiram na penna dos esthetas. Todo mundo opinou; e muita gente aproveitou a occasião para escrever tolices, o que era seu direito. Uma das maiores, senão a mais graúda, é precisamente a que consiste em attribuir á prova anthropometrica o intuito de verificar si o individuo a ella sujeito tem ou não tem as proporções de uma determinada figura de marmore, considerada como typo universal da belleza feminina. Isso é comico. A anthropometria, no caso, tem fins bem differentes: a) — determinar si o individuo examinado tem as proporções “normaes”, da “sua idade”, do “seu sexo” e da “sua raça”; b) — determinar si, estando bem collocado no seu typo anthropologico, é o melhor representante desse typo entre to-

dos os seus concorrentes. E' para isso que serve a anthropometria em qualquer occasião na qual se tenha de escolher um individuo da especie humana seja lá para o que fôr: soldado, operario, aviador, ou "miss"...

Não é para "medir belleza"; mas tratando-se de determinar a mais bella representante da "mulher branca do Brasil", deve-se começar pelo principio.

Se houvesse neste paiz um concurso para a escolha da "mais linda broca do café" e o jury se limitasse a "mirar" todos os exemplares apresentados, elegendo, depois, uma que lhe "parecesse" mais bonita — ninguem contestaria ao sr. Arthur Neiva o direito de chamar a falta os imprudentes juizes. No caso da representação da mulher brasileira não ha porque se admirar ver um cidadão — que tem passado mais de vinte annos estudando as raças humanas, em geral, e em particular as do Brasil — exigir que o julgamento das candidatas seja feito por outro criterio que não seja o "criterio sensorial da belleza". Este, póde bastar em um salão de baile. E' o criterio do "viu, gostou, casou" processo de eleição matrimonial que os estadistas estão querendo, mui justamente, controlar, em beneficio da raça.

Quando a escolha não interessa sinão "aos dois", ou quando muito, "ás duas familias", ainda, em vigor, é possível admittir aquelle velho conceito

segundo o qual “quem feio ama, bonito lhe parece”. Mas quando se péde um typo que exprima o conceito colectivo — impessoal — da belleza de uma raça, é acto profundamente leviano tratar os individuos em concurso segundo o simples e elementar sentimento dos juizes. O “vi e gostei” — é muito pouco. Aceitando o que ha de fundamental na esthetica das academias (medida e rythmo); ou negando a possibilidade de uma esthetica definida — porque na arte, hoje e sempre, “retalhos da natureza” se misturam com “fragmentos” do artista, todos comprehendem que não é possível basear a escolha do “mais bello typo da mulher branca nascida no Brasil” — na vaga imprecisão de formulas ridiculas; “graça das linhas, pureza dos contornos”... e outras desse quilate. Esthetica, a olho, e raça, por palpite.

Os francezes têm uma expressão que, francamente, não consigo traduzir: “se payer de mots”. Pois foi o que fizeram. Habitados á rhetorica, contentaram-se com palavras, quando os que estudam a raça pediam, e tinham o direito de pedir, “documentos estheticos” que, ao lado dos outros, — “documentos anthropometricos” — permittissem a todos, em qualquer tempo, verificar o acerto com que se houvesse realizado a selecção.

Não seria preciso muita cousa. Bastaria uma collecção de photographias, “sem retoques” — como se faz, de accordo com a technica, — “todas

na mesma escala, photographias regionaes”, “filagem” comparativa.

Assim como as fichas ahí estão para provar, em qualquer tempo, si a “escolha recahiu na mulher branca, portadora de proporções mais aproximadas do typo mais frequente do Brasil” — ficariam tambem documentos estheticos, comparaveis, de “formas, attitudes e movimentos”.

Todos sabem, pelo menos nos meios que cuidam desses assumptos, que na “raça branca” (é o caso) — a envergadura ou grande abertura (distancia entre os dedos medios achando-se os braços abertos em cruz) — deve ser igual á estatura, ou ligeiramente maior. Menor é que não deve ser. Portanto, deveriam começar “excluindo do concurso” todas as candidatas que não satisfizessem essa relação, característica dos typos da raça branca.

Na raça branca, o indice nasal — (relação entre a altura e a largura do nariz) — é tanto menor quanto mais delicado e fino é o orgão. Nas mulheres da raça branca, nascidas no Brasil, o indice nasal varia de 40 a 60, sendo que o typo mais frequente anda proximo de 50. Esse característico é muito importante, porque domina todos os outros em materia de raça. Pois bem. Tendo de escolher um typo de “mulher branca nascida no Brasil” e havendo algumas com indice nasal proximo de 50 — é razoavel, ou não, que se leve em

conta esse caracteristico? Por estas alturas apparece a tal "esthetica", puramente sensorial e rhetorica: "a graciosidade das linhas, a pureza das formas", etc., etc.

Façam os interessados um concurso para escolher a mais linda abelha do Brasil. Se D. Amaro não disser nada, eu por meu lado ficarei mudo como um peixe. Agora, si o concurso se destinar á escolha do mais lindo peixe do Brasil, ouçam primeiro os conselhos de um ichtyologo, ainda que seja um "concurso esthetico" para determinar o mais bello exemplar destinado a algum "atelier" de animalista.

Todos os casos são de "esthetica"; são casos de "arte"; mas, ponham a historia natural de lado, na base do julgamento, e hão de ver o par de botas.

Na verdade, ha decadentes que ainda perguntam: Então, para ser bella, a mulher precisa ter saude? De certo, si se tratar da "belleza esthetica"; não, si se tratar da "belleza sensorial".

Todo o caiporismo do jury foi confundir o "criterio esthetico" e o "sensorial"; elle poz em pratica o ultimo, imaginando, innocentemente, que estava seguindo o primeiro.

Confesso que hesitei se devia tratar desse caso, aparentemente tão atôa. Mas, como já disse, o concurso teve o grande merito de chamar a attenção de todo o paiz para o "problema da raça". Seria lastimavel não concorrer para que elle se

transforme em cousa realmente bella e significativa: um grande povo, quarenta milhões de individuos, annualmente festejando os seus filhos mais prendados em todo sentido; mais fortes, mais lindos, mais dignos, por si e pelos seus antepassados, de representar o ideal da sua gente.



## IV

Têm apparecido na literatura scientifica de Portugal, nos ultimos vinte annos, numerosos trabalhos de anthropologia que se impõem á leitura e á meditação dos estudiosos.

Por desgraça rarissimos são os que chegam ao Brasil. Mais depressa aqui se conhecerá uma nota ingleza ou allemã do que as monographias da Peninsula.

No entanto, os nomes autorizados em tal materia, desde Fonseca Cardoso são legião: Mendes Corrêa, Alberto Germano da Silva Correia, Rodrigues dos Santos Junior, Gonçalves Lopes, Costa Ferreira, Eduardo Valença, Barros e Cunha, *j'en passe*.

Dos trabalhos mais interessantes da sciencia portugueza, fazem parte algumas importantes monographias que da Escola de Medicina de Nova Goa (India) me enviou o Professor Germano da Silva Correia, volume e opusculo que seria pena deixar de apontar aos meus leitores.

Silva Correia escreve quasi sempre em francez no que faz muito bem, deixando o Padre Vieira, tão do gosto dos nossos scientistas, para as tertulias literarias.

Dos trabalhos recebidos destaco "Le climat et la Nosographie de L'Inde Portugaise", "Les Ranes de Satary" e "Les Lusos Descendants de l'Inde Portugaise". Este ultimo é um livro que francamente, sem elogio, pôde ser chamado notavel pelo methodo scientifico do autor, pela messe de dados colligidos, pelo espirito critico de que elle nunca se apartou.

Commissionado pelo Instituto Internacional de Anthropologia de Paris, Silva Correia cuidou de estabelecer os caracteristicos anthropologicos não só dos portuguezes de Goa, Damão e Diu- restos do antigo Imperio colonial do Oriente.

Dois grandes problemas estão na hora actual, preocupando os anthropologos do mundo inteiro: a acclimação da raça branca nos climas quentes e a constituição de typos ethnicos diferenciados pela mestiçagem.

Em 1912 o Instituto Internacional de Anthropologia resolvia encarar de frente a questão da mestiçagem na especie humana, da qual Fischer já havia dito que fôra um simples thema para- rheticos. Nos ultimos cincoenta annos, escreve o professor Silva Correia, a anthropologia foi invadida e entulhada por systemas *a priori*, theorias

prematuras... construídas na areia. Como reagir? Responde o Instituto: "Fazer taboa rasa das theorias, reconsiderar o problema desde a origem, á luz de *pesquisas*, differentemente orientadas, reunir *factos*, multiplicar as *observações*".

O livro que me chegou da India attraheu desde logo a minha attenção, porque, no Brasil, ha alguns annos as mesmas questões têm constituido a constante preocupação dos meus estudos.

Silva Correia praticou as suas indagações em cem individuos, numero que, si para certas observações é pequeno, para a apreciação de muitos caracteristicos póde ser mais que sufficiente, mórmente em *biometria representativa*, onde a escolha do material deve ser o primeiro e fundamental criterio. As conclusões do professor de Goa podem ser resumidas em poucas palavras.

Os Lusos Descendentes da India Portugueza fixaram-se ali ha cerca de dois seculos e meio. Todos os individuos examinados eram de pura origem portugueza.

A região em que vivem esses descendentes ibericos é situada na zona tropical, clima humido e quente. A demographia prova que não ha diminuição de natalidade, nem menor duração da vida, nem signaes de degeneração physica.

A população branca diminue, contudo, por outras causas de natureza social. Acontece com os portuguezes da India o que se passa com os

francezes nas Antilhas: de doze mil em 1.731 passaram a cinco mil em 1.900. As mensurações do autor indicam que o typo somatologico continua bem proximo do que se acha em Portugal.

Ao terminar a leitura do excellente livro do professor Germano da Silva Correia verifico mais uma vez confirmado o que o nosso caso brasileiro já nos tem deixado observar:

1.º — A raça branca (Nordica, Alpina, Mediterranea) não degenera nas regiões intertropicaes, *sinão por causas que tambem degradam as outras raças.*

2.º — Nas regiões em que o meio natural e o meio social degradam os mestiços — os brancos europeus tambem se degradam.

3.º — Apesar de manter as suas caracteristicas somaticas e demographicas nas regiões tropicaes — a raça branca, até mesmo a mediterranea logo que póde — emigra.

4.º — Sem cruzamento é improvavel que a raça branca se fixe definitivamente nas regiões inter-tropicaes, fóra das zonas em que a altitude influe para modificar as condições da vida (Holandezes, no Sul da Africa, Iberos no Brasil).

Penso que o velho problema do homem branco nos tropicos precisa ser considerado de ponto de vista diferente.

Aos que dizem: a mestiçagem é um mal e como a raça branca pôde viver na zona tropical, tratemos de canalizar para lá os europeus — costume responder: a mestiçagem só é um mal quando realizada ao Deus-dará dos infortunios, sem eira nem beira, *sem hygiene e sem eugenia, sem educação e sem familia.*

Pódem canalizar a peso de ouro a raça branca. Ficarão alguns individuos cujos descendentes mais tarde hão de narrar a historia do desastre si não se perderem nas sombras em que se debatem os mestiços calumniados, como aquelles jagunços de cabellos louros e olhos azues que, nas tropas de Antonio Conselheiro, recordavam os antigos companheiros de Nassau.

E muita gente boa acredita, piamente, que os holandezes não ficaram no Norte do Brasil... porque foram "expulsos".



## V

Em sessão da National Inter-racial Conference, reunida em Washington a 17 de Dezembro de 1928, leu Raymond Pearl, da John Hopkins University, uma nota a respeito dos factores biológico da mortalidade, na raça negra. Começou affirmando que todo programma sanitario util e pratico deve ser, antes de mais nada, baseado na biologia. Sempre que parece fundamental e exclusivamente social, de facto, a questão é, originariamente, vital. A grande difficuldade que se apresenta a quem quer separar o que cabe á "herança" e o que é dominio do "meio", no estudo dos sêres vivos, nasce das contingencias em que elles *evoluem*. Quem prescindir das condições ambientes jamais poderá estudar um ser vivo, nem mesmo caracterizal-o. Assim, diz R. Pearl, o problema pôde ser proposto nestes termos: Certo individuo tem 82 annos de idade e sempre gozou excellente saude. Em tal caso, qual a parte razoavelmente attribuyvel á "constituição hereditaria" desse ho-

mem, e qual a que se deve reconhecer como resultante do seu "modo de vida"?

Em relação aos grupamentos humanos, classes ou povos, a questão permanece mais ou menos a mesma.

Como, porém, não é possível estudar um individuo, ou mil, desprezando o meio em que vivem, só ha um recurso: applicar methodos indirectos que permittam attingir a solução desejada. Para R. Pearl um dos melhores processos indirectos utilizaveis em taes casos, consiste em tirar partido de uma situação em que uma das "variáveis biologicas fundamentaes", compreendidas no problema, seja tão differente quanto possível em dois grupos considerados, e verificar, por comparação como se comportam, em ambos, as "variáveis secundarias".

Foi, assim, o professor da John Hopkins University levado a estudar comparativamente a pathologia e a mortalidade de brancos e negros nos Estados Unidos da America do Norte.

A pathologia das raças é um capitulo quasi em branco da biologia humana. O autor não acredita que os seus resultados sejam definitivos. No entanto, as suas observações são sempre interessantes, mórmente para nós outros. Recordando os estudos de Herskovits, Bean, Baker, Bacon que trabalharam na anatomia dos negros norte-ameri-

canos, Pearl confirma a individualização racial dos pretos, que ha muitos annos o prof. L. Lapique havia anthropologicamente demonstrado. Será talvez curioso assignalar que, pelos estudos norte-americanos, na raça negra, o lóbo temporal do cerebro, o baço e o figado são sempre menores do que na raça branca. Felizmente não acharam differença no tamanho do coração... As duas raças, pelas necropsias do John Hopkins Hospital, mostraram reagir differentemente ás doenças chamadas organicas. Os negros parecem mais sujeitos ás "doenças infecciosas".

O cancer é muito mais frequente nos brancos. Nos negros os neoplasmas malignos surgem, em geral, no aparelho digestivo (homens) e no aparelho reproductor (mulheres). Nos brancos o facto não é tão definido; o cancer apparece com igual frequencia em outros territorios organicos.

Nos brancos a diffusão dos tumores por metastase, é muito mais frequente. Uma das conclusões a que chegaram os estudiosos de taes estatisticas é que as characteristics e a distribuição actual da mortalidade, em nossa especie, resultam em grande parte da evolução soffrida pelo proprio corpo humano. Parece, escreveu Pearl, que os differentes aparelhos do organismo não conseguem resistir igualmente bem ás sollicitações do ambiente que encontram. E', mais ou menos, em outro terreno o que dizia Galton, ha mais de trinta annos; a

civilização tornou a vida muito “pesada”, embora aparentemente a facilite.

Tentando elucidar aquella primeira observação, Pearl recorreu á estatística da mortalidade nos bichos do Jardim Zoologico de Londres. Mas os dados que apresenta mostram que, de facto a civilização não alterou as fontes biologicas da mortalidade, si é que nos permitem essa formula paradoxal de dizer. Tal qual acontece na especie humana, verifica-se que, nos repteis, nas aves e nos mammiferos inferiores, são, por ordem de frequencia, as doenças dos aparelhos respiratorio, digestivo e circulatorio, as que mais concorrem para eliminar os individuos.

Nos quadros publicados pelo prof. R. Pearl encontro repteis, aves, mammiferos do Zoo e homens da Inglaterra, do paiz de Galles e de S. Paulo (Brasil).

São Paulo já exporta dados estatísticos utilizados nas reuniões sábias. Para quem está habituado a ver o nome do Brasil sempre ausente em taes estudos — é uma surpresa e uma alegria.

Nos Estados Unidos, os negros morrem mais de lesões circulatorias e respiratorias; os brancos... morrem mais pela bocca.

Embora fugindo ás conclusões, Pearl termina chamando a attenção para a pathologia racial que, hoje, não deve mais ser desprezada. Em certos casos, diz elle, o negro parece muito mais resistente

do que o branco. Em outros, ao contrario, elle dá a impressão de ser menos bem adaptado ás condições do meio. "Auxilia-o nestes casos, para que a sua mortalidade diminua, é servir a todos, brancos e negros, em beneficio da humanidade."

São estas as palavras com que o illustre Professor encerra o seu trabalho.

Isso é Eugenia.



## VI

Na linguagem dos primitivos é commum encontrar-se o mesmo vocabulo exprimindo as idéas de bello e bom ou feio e máu.

O hespanhol, ainda hoje, chama ao remedio ruim, de máu gosto: muy féo...

Ha uma associação sub-consciente, entre as impressões sensoriaes e a sympathia. Essa é, em grande parte, a origem psychologica de conceitos pejorativos que muitas vezes se têm formulado a respeito das raças humanas.

Para uns tantos senhores, gente bonita é gente bôa; feia, não vale nada. Mais de uma vez eu mesmo tenho apontado esse facto como razão de ser, inconsciente, de algumas pessoas contrarias aos japonezes. Os negros, até hoje, vêm padecendo por culpa do mesmo phenomeno psychologico. Mas, felizmente, a humanidade caminha derrocando preconceitos, e actualmente, já não se podem mais contar os livros que fazem justiça ás raças feias.

Ao mesmo tempo que terminava a leitura das cartas de Fritz Müller recebia eu dois outros documentos interessantissimos, para a historia dos defeitos e qualidades da raça negra. Foi o primeiro uma carta de Rudiger Bilden, da Columbia University, enviando-me de maneira excepcionalmente cordeal, copia authentica do artigo escripto para os jornaes norte-americanos por occasião da visita do presidente Hoover ao Brasil.

Rudiger Bilden, scientista consciencioso e bom amigo do Brasil, traçara algumas paginas brilhantes sobre o thema "Brazil, Laboratory of Civilization". O trabalho, entregue aos jornaes que o encommendaram, de accordo com as necessidades da imprensa que precisa agradar aos seus leitores... foi cortado no que possuia de mais valioso, como apreciação insuspeita dos nossos mestiços. Assim mesmo foi o artigo de Bilden publicado no Brasil. Agora em presença do original, vejo que realmente mutilaram a obra do professor da Columbia University. Um dos fragmentos cortados diz assim:

"Ha, de certo, muita cousa, na vida do Brasil, que não é satisfatoria. Mas attribuir taes condições á composição racial do paiz ou á mistura de raças, é completamente errado.

Um estudo critico do desenvolvimento historico do Brasil demonstra que taes males são con-

sequencia de um emmaranhado de factores, consequencia da sociedade escravagista.

A causa dos males não é a raça; foi a escravidão.”

Compreendo muito bem, pela parte que me toca, quão inconvenientes seriam estas palavras de Bilden... nos U. S. A. Mas tenho grande prazer em completar o seu artigo, transcrevendo-as aqui; porque ellas exprimem um antigo ponto de vista de que me não afastei até hoje. Ao contrario. Penso, ás vezes, no que poderia ser o Brasil dos nossos dias, si os nossos avós tivessem cuidado um pouco de educar e instruir os escravos; si o “neto de Marco Aurelio” tivesse, embora conservando o captiveiro, já que isso lhe parecia necessario, promovido a adopção de algumas providencias capazes de melhorar as condições de efficiencia da raça negra.

O segundo trabalho, dos acima referidos, é um volume de Frank Hankins — “The Racial Basis of Civilization” — publicado ha uns dois annos, livro erudito e bem pensado.

Finalmente: a opinião de Fritz Müller, o maior observador do seu tempo, na phrase de Darwin.

Convivendo com os negros e os mulatos desde 1852, elle escrevia ao seu irmão Hermann cerca de dez annos mais tarde: “Entre os meus discipulos deste anno, o melhor é um preto de puro sangue africano — (o poeta Cruz e Souza); comprehende

tudo facilmente e tem tal ancia de aprender como nunca encontrei, raro mesmo no vosso clima frio. Esse negro, representa, para mim, mais um reforço da minha velha opinião contraria ao ponto de vista dominante, que vê, no negro, um ramo por toda parte inferior e incapaz de desenvolvimento racional por suas proprias forças; quando em apoio disto se allega que no seu habitaculo não attingiu nenhum gráo elevado de civilização, e por isso se deve de ter como incapaz, esquece-se que ha dois mil annos poderiam Gregos e Romanos ter dito o mesmo dos nossos antepassados. Si Burmeister não achou nenhum interesse mais elevado no seu trato com os negros, tambem elle não teria sido mais feliz com os jornaleiros da Pommerania e do Meckleburgo. Conheço, entre negros, uma quantidade de physionomias nobres e expressivas como difficilmente se encontraria entre caucasicos vivendo em situação social igualmente deprimida, e si essa situação, em geral, condiciona uma grande imperfeição moral, observei, com frequencia, bastantes vestigios indiscutiveis de um sentimento profundo e delicado. Deve-se levar em conta a geral relutancia que tem o africano de nascimento em tratar com os brancos a respeito de sua patria. As perguntas a ella referentes, sempre obtive respostas evasivas. Que elles se esqueçam de sua patria rapidamente e se sintam melhor aqui, como affirma Burmeister, não parece ser ca-

so geral; ha cousa de um par de annos, em Bahia, um grupo que se libertára com as suas proprias economias, voltou para a Africa. Eu mesmo vi, uma vez, a alegria de uma velha negra taciturna á simples vista de um fructo de palmeira africana, que um amigo lhe trouxera. Sabido é que os filhos de brancos e mulatos, ás mais das vezes, se caracterizam por suas aptidões intellectuaes, emquanto que as suas frequentes falhas moraes, em geral, se explicam pela sua situação social”.

Fritz Müller era de uma severidade rara, de uma sinceridade quasi grosseira, de uma honestidade scientifica inegualavel. Esses conceitos, sobre negros e mulatos, formulados por um sabio de tal porte — precisam ser divulgados no Brasil.

Eu não conheço povo mais suggestionavel do que nós brasileiros. Não falta quem, mesmo dos nossos, nos atordoe gritando que os males da nação provem da raça e da mestiçagem.

Sirva de antidoto a palavra do “Principe dos Observadores”...



## VII

Chas. B. Davenport — conhecido biologo norte-americano, está distribuindo, como presidente da “Federação Internacional das Organizações Eugenicás” — um questionario a respeito dos cruzamentos na especie humana. A “Federação Eugénica” deseja saber quaes as regiões de mais intenso cruzamento, quaes as raças envolvidas no processo, quantas gerações foram até agora influenciadas, etc. Tendo recebido a circular de Davenport, vou responder o mais depressa possível, transmittindo-lhe o resultado de observações iniciadas ha uns vinte annos, se bem que tão cedo não possam ser definitivamente concluidas. Talvez nunca. Porque os elementos de perturbação anthropogenica no Brasil são infinitos.

Mal um typo começa a ser caracterizado, entram factores estranhos no systema. Lá se vae tudo quanto parecia aquisição definitiva. Os cafuzos ou curibócas, por exemplo. Formavam um typo muito interessante, embora feio. No começo

do seculo passado, eram numerosos em todas as regiões onde se deram encontros de indios e africanos. Em alguns logares era possivel encontral-os ainda ha uns trinta annos. Martius consagrou-lhes algumas paginas e algumas figuras suggestivas. Perto da Villa Mogy das Cruzes, em 1817, eram frequentes os cafuzos, que o naturalista descreveu como individuos longilineos, de reduzida musculatura, de pelle acobreada, rosto oval, malares salientes, nariz largo, labios grossos, olhos levemente obliquos. O cabello dos cafuzos foi, talvez, o que mais impressionou o grande viajante: cabello semelhante aos dos Papuas da Nova Guiné, emaranhado, exuberante, como se fosse uma descommunal peruca de quasi meio metro de altura. Hoje é typo anthropologico tão raro, que se pôde considerar extinto. Quasi ao mesmo tempo em que recebia a circular de Davenport, chegava-me o seu "Relatorio do Departamento de Génética" da Carnegie Institution de Washington, relativo ao anno de 1928.

O "Department of Genetics" — acha-se localizado em Cold Spring Harbor, Long Island, Nova York. O relatorio de Davenport começa traçando uma breve noticia historica da instituição. Foi a 8 de Dezembro de 1903 que o conselho director da Carnegie Institution resolveu fundar um Departamento para o estudo experimental da Evolução. A 11 de Junho de 1904 a "Station for

Experimental Evolution” começou os seus trabalhos que assim foram distribuidos: G. Shull (genetica vegetal); Frank Lutz (genetica entomologica); Anne Lutz (genetica cytologica); Davenport (Mendelismo na avicultura). Actualmente é numerosissimo o corpo de investigadores do Department of Genetics, dividido pelas duas secções: a “Station for Experimental Evolution” e “Eugenics Record Office”. A bibliotheca do Departamento possui cerca de 12.500 volumes especializados. As fichas genealogicas attingem numero consideravel. Em 1928 as “index cards” eram . . . 1.285.500. De toda parte recebe o instituto informações familiares, uteis aos seus fins eugenicos.

A parte mais interessante do relatorio de Davenport, diz respeito aos trabalhos de investigação em andamento. Refere-se o primeiro á identificação, no germino-plasma, o portador da herança biologica, das particulas destinadas a orientar o desenvolvimento, particulas que foram chamadas — génes — e, até agora, eram admittidas por hypothese, depois dos trabalhos de Weissmann, Morgan, e outros. Era sabido que os fragmentos do nucleo das cellulas — (chromosomas) — têm constituição granular. Já se tinha mesmo dado o nome de “chromomeros” a taes particulas formadoras dos chromosomas. Uma technica cytologica especial, devida

a Belling, permittiu, ha pouco, mais minudente conhecimento dos chromomeros.

A primeira questão que se apresentava era precisamente fundamental: verificar si o numero de "chromomeros" correspondia ao numero de "génes" ou determinantes theoricos dos caracteres herdados.

As pesquisas realizadas em certas plantas — (Alöe, Liliüm) — induzem a crer que realmente existe identidade dos "chromomeros" com os "génes". Isso representa uma conquista valiosissima da cytologia no capitulo da herança, embora fosse prevista, ha bastante tempo. Para as pessoas cultas que não acompanham de perto estas questões scientificas, basta dizer que já era sabido ser a herança biologica residente no nucleo das cellulas e sabia-se que os fragmentos em que o nucleo se divide (chromosomas) governam taes ou quaes caracteres. Admittia-se que os caracteres, por sua vez, estavam ligados á presença de particulas especiaes — "génes" — existentes nos chromosomas. Mas, até agora, não se tinha ainda conseguido individualizar as "génes". Foi o que se obteve, ao que diz Davenport, na sua phrase "chromomeres ares génes".

Outra questão interessante mencionada por Davenport é a modificação experimental do germino-plasma.

Todas as pessoas cultas sabem que, actualmente, a decantada "influencia do meio" — foi reduzida a limites muito mais restrictos. Os biologos, na sua maioria, não acreditam que o meio seja capaz de agir sobre os caracteres hereditarios, todos elles dependentes do plasma germinativo. O meio — é hoje corrente — modifica apenas o somato-plasma, a parte do ser vivo que não entra na herança. Convem dizer que, em rigor, as cousas não se passam inteiramente assim; e a discussão, de facto, continua entre a maioria e um grupo que ainda acredita na transmissão de caracteres adquiridos pelos seres vivos por influencia do meio. A opinião geral é que o meio influe sobre o "soma"; respeita, porém, o "germen". No "Departamento de Genetica" foram expostos aos raios X, durante 12 minutos, a 20 centimetros de distancia de um tubo Coolidge, trabalhando com 130.000 volts e 5 milli-ampéres, alguns individuos da mosca "*Drosophila melanogaster*" — animal preferido pelos experimentadores da genetica moderna.

Os cruzamentos de taes individuos, submetidos aos raios X, demonstraram o surto de novos caracteres, adquiridos experimentalmente, e transmittidos por herança. Logo, os raios X modificam o germino-plasma. Verdadeiras "mutações germinaes" foram tambem verificadas sob a acção do radium.

Outro assumpto interessante referido no relatório de Davenport é o cruzamento das raças humanas na Jamaica.

O trabalho de pesquisas começou ha algum tempo. Foi terminado, em 1927, por Steggerda. Algumas das suas conclusões são inesperadas. Assim, os segmentos dos membros inferiores equivalem-se, em brancos e negros da Jamaica. O pavilhão da orelha é mais redondo nos negros. Até a idade de 16 annos, os negros têm melhores dentes do que os brancos. Mais tarde as cousas se invertem. Os negros, na Jamaica, tem papillas digitas muito mais numerosas do que os brancos. São relativamente glabros.

O exame do sangue, pesquisa anthropologica que está na moda, revelou que os negros da Jamaica, conservam as características agglutinantes que denunciam sua ascendencia africana.

O metabolismo basico — indice do que se póde chamar intensidade de combustão vital — foi mais ou menos o mesmo encontrado nos brancos.

Uma estreita correlação manifestou-se entre o indice nasal — tanto maior quanto mais largo o nariz — e a cor da pelle. Quanto á capacidade musical foi verificado que os negros ultrapassam os brancos, no rythmo. No desenho, foram superiores os brancos. Na memoria visual, os

negros manifestaram-se decididamente mais bem dotados.

Em presença dos tests usados no exercito americano — Army Alpha tests — sobressahiram os brancos.

O estudo do crescimento mostrou que o comprimento dos membros inferiores dos negros não corresponde á persistencia de uma manifestação infantil, encontrada nos brancos de 12 annos, mas é característico existente desde o nascimento. Ao nascer, os negrinhos da Jamaica pesam menos do que os brancos; a sua cabeça é menor.

No Brasil, em alguns logares, isso tambem se verifica. Mas a minha observação me leva a crer que tal phenomeno corre antes por conta da má nutrição materna. Pesam menos, porque nascem de mulheres desnutridas...

As dez gerações que actualmente separam o negro da Jamaica do seu ascendente africano não foram sufficientes, diz Davenport, para differenciar-o do “negro da costa”. Ha, todavia, alguns traços modificados, “provavelmente devido a novas mutações”. Isso, no Brasil é facilmente demonstravel.

Em média, conclue o director do “Department of Genetics”, os mulatos occupam situação intermediaria entre brancos e negros, quanto á capacidade mental. Embora alguns mulatos sejam iguaes aos mais dotados brancos, quanto a certos

caracteristicos mentaes, comtudo entre elles existe uma grande porcentagem de individuos que parecem ainda menos aptos do que os proprios negros, para o fim de conseguir seu progresso natural.

Nós outros, no Brasil, tambem podemos dizer mais ou menos a mesma cousa. Mas estamos convencidos de que tudo isso corre por conta de causas muito mais "sociaes" do que "biologicas".

A velha anthropologia perdia um tempo enorme discutindo a origem do homem e outros cousas remotas, problemas quasi insoluveis. A moderna anthropologia é muito mais interessante e tem, os seus problemas actuaes, esse que é positivamente dominador: quaes são os factores da raça?

## VIII

O velho de Quatrefages, notavel anthropologo de todos conhecido e que por signal havia sido primeiro esposo de Mme. Linch, a companheira de Solano Lopes, não se esquecia jamais de apontar a importancia dos phenomenos physiologicos nas mais sérias questões referentes ás raças. O futuro deu-lhe toda razão. Pouco a pouco a anthropologia vae cuidando, como convém, de algo mais que medir cranios.

Sir Arthur Keith, desde muito, vem desenvolvendo idéas interessantissimas a respeito da origem physiologica das raças. Na "Horley Memorial Lecture", de 1928, que só agora pude ler — O Brasil, para o serviço das permutas internacionais de livros, continua a ser "là bas" — recorda o professor inglez alguns factos que permitem vislumbrar qual será o futuro da questão das raças. Horley traçava no globo duas grandes linhas: uma dos Steppes da Tartaria á Costa do

Ouro, na Africa; outra, da Gran-Bretanha á Australia.

A primeira ligava os “antipodas raciaes”, na phrase do mestre: amarellos e negros. A outra ia dos louros do norte da Europa (*Xanthochroides*) aos australianos.

Keith considera os quatro typos de Horley, do ponto de vista puramente zoologico, muito bem fundamentados. Mas accrescenta logo, como era de esperar, que o conceito actual da raça já não é mais o mesmo. Se as divisões propostas por Horley fossem tão rigorosas quanto elle queria, diz A. Keith, misturados cem individuos de cada grupo em uma só multidão, seria possivel separal-os documentadamente de accordo com os seus caracteres definidos. Ora, tal raça — no geral cada individuo é perfeitamente identico aos outros — é utopia. Si fosse possivel admittir a sua existencia teriamos o que Morley Roberts chamou “raça pandiacritica”, ultimo gráu da escala da differenciação anthropologica (100 %).

Essa escala principia no estado “adiacritico”, cousa que por sua vez é nimiamente theorica e não se verifica no mundo.

Seja como fôr, admittindo os quatro typos, como se teriam formado, indaga A. Keith, o louro europeu, o amarello da Asia, o negro africano e o australiano escuro?

E' claro que si os typos pôdem ser ainda hoje

acceptos, já ninguém mais pode concordar com as “duas linhas” de Horley.

Os typos intermediarios, ao que hoje acredita a maioria, surgiram por mestiçagem ou por mutação.

A formação dos quatro typos fundamentaes só agora se principia a vislumbrar, nos seus factores de origem, graças á physiologia moderna.

A chave das raças — é o crescimento do individuo.

No futuro, o estudo anatomico, physiologico e psychologico do desenvolvimento individual, permitirá, estou disso cenvencido, explicar as origens da differenciação racial. As glandulas intersticiaes, as supra-renaes, a thyroide, a glandula pituitaria, diz Keith — e diz muito bem — estão diariamente, pelas suas alterações, provocando, em individuos de certas raças, o surto de caracteres que, anthropologicamente, só em grupos daquelle muito afastados se manifestam. O esqueleto, a pelle, os cabellos, tudo se transforma sob o governo endocrinico. Não seria absolutamente razoavel concluir desde já, que as “glandulas explicam a raça”. Seria exagero injustificavel e condemnado pelo elementar senso critico. Mas tambem não ha como fechar os olhos ao que se vae descobrindo, e continuar a repetir os velhos termos com que os antigos disfarçavam a ignorancia. Keith é partidario da “theoria da fetalização”, desenvol-

vida pelo prof. Bolk (Amsterdam). Para elle, a despigmentação dos Nordicos é caracter fetal.

Os louros permanecem, na idade adulta, com os caracteres cutaneos communs aos fetos, caracteres transitorios que desaparecem nos adultos de outras raças.

Tres mezes antes de nascer, todos os negros são brancos...

“Mutações, mestiçagens, influencias dos systemas bio-chimicos do organismo, para me servir de uma expressão de Bechterew, concorrem na formação das raças. Ha, porém, outra condição que parece igualmente valiosa — a segregação. E, no Brasil, temos bons exemplos disso. “For the evolution of new human types or races, escreve Keith, we must postulate a double set of factors — one set physiological in nature, to mould the body; another set, to isolate and preserve the “cradle”, in which the physiological forces are in operation”.

Ao lado desse factor consideravel ha outro que o orador da “Horley Lecture” apenas menciona, apesar da sua formidavel preponderancia em certas regiões: a selecção social.

Mesmo nos paizes em que não ha questões de raça, como no Brasil, o phenomeno é de observação vulgar.

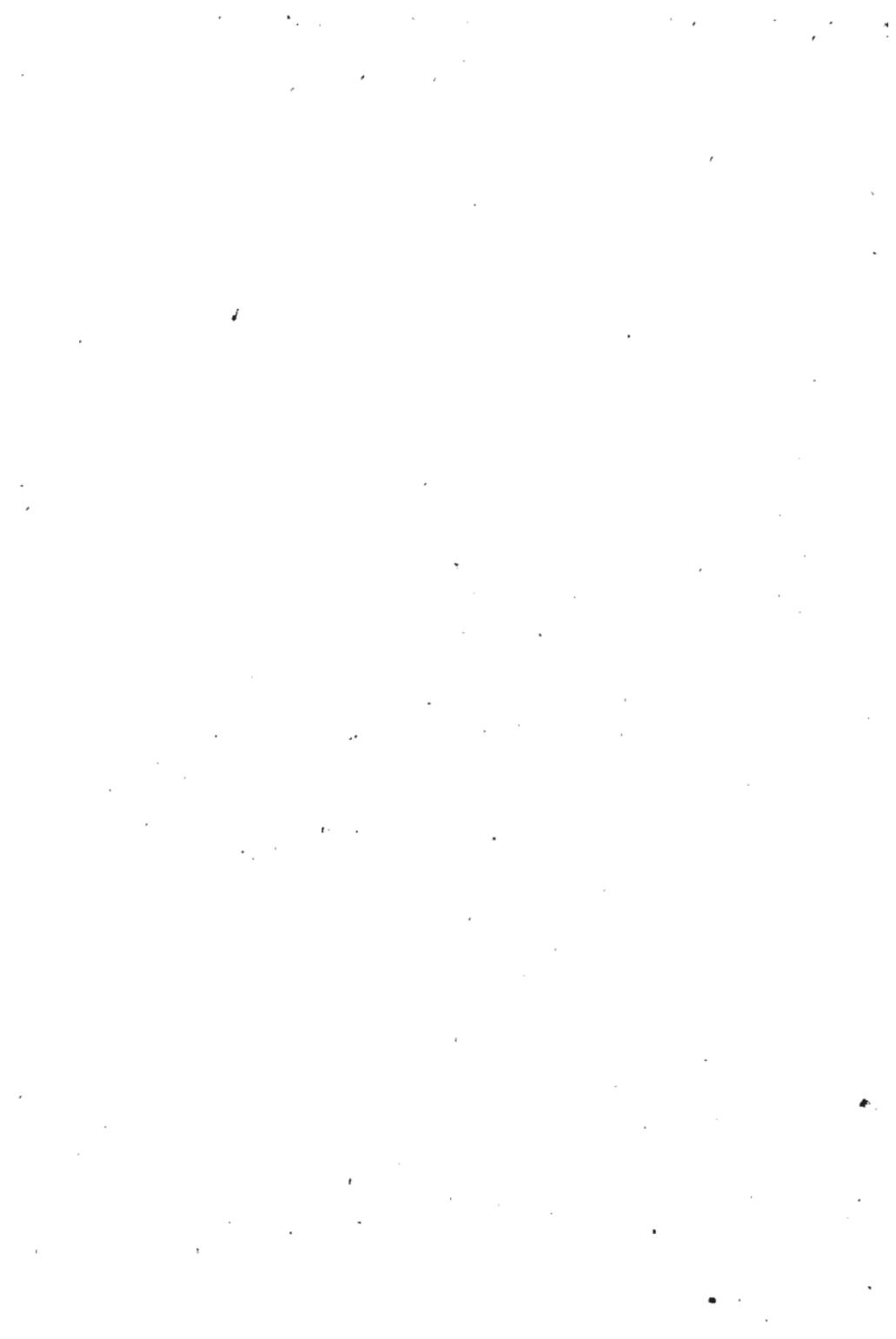
Em todo caso, Keith conclue que, ao lado do mecanismo physiologico, deve ter havido multi-

plas influencias psychologicas em joga, no processo de differenciação dos typos elementares.

Mas a civilização intervem nos recantos do globo em que as raças se elaboram.

Ha poucos mezes recebi de um amigo residente em um dos Estados do nordeste carta em que havia esta nota: "o automovel está acabando com o sertanejo".

E' a verdade. O progresso não acaba somente com o typo ethnico, desfazendo caracteres sociaes; desarticula tambem o typo anthropologico.



## I X

Escrevo estas linhas no fim do segundo dia de trabalho do Congresso de Eugenia, em julho de 1929.

A Academia de Medicina que o convocou e o meu querido mestre Miguel Couto, que o imaginou, devem estar satisfeitos pelos resultados da interessante e util iniciativa. Ainda quando fossem desenhadas as reuniões — e ellas têm sido realmente saborosas — restaria um grosso volume de memorias e monographias cada qual mais digna de leitura.

No correr das discussões sempre acaloradas — (gente apaixonada, esses Brasis) — algumas surpresas têm apparecido. E' natural. A Eugenia está, exactamente, na ponte que liga a biologia ás questões sociaes, á politica, á religião, á philosophia e... aos preconceitos. De sorte que seria exigir muito, um debate em que tanta gente reunida só dissesse cousas absolutamente certas e seguras. Depois, o conceito proprio daquella disci-

plina não está ainda muito claro no espirito de alguns, mesmo entre melhores. Ha pessoas, no Congresso, para quem "Eugenia" é apenas um nome, em moda, de que se enfeita a velhissima "Hygiene". Pode dizer-se mesmo que é só esse mal entendido o responsavel por algumas discussões que ali se têm verificado. Um dos contendores, por exemplo, fixa-se no ponto de vista "eugenico"; o outro se firma no lado "hygienico" de cada questão... E' quanto basta para dar agua pela barba do illustre presidente das reuniões, o dr. Levi Carneiro, homem talhado, por multiplas condições, para dirigir os trabalhos de uma reunião daquella natureza, onde se debatem problemas do maior alcance social, mas todos baseados na biologia, porque o Congresso não é de philosophia, de religião, de educação, de pedagogia, — é de "Eugenia". Eu mesmo, no posto sobremodo honroso em que me collocou a confiança pessoal de Miguel Couto, procurei mostrar que é preciso não esquecer, nunca nos trabalhos do Congresso, que a "hygiene" procura melhorar o "meio" e o "individuo"; a "eugenia" procura melhorar a "estirpe", a "raça", a "descendencia".

São preocupações bem differentes. Outrora acreditava-se que, melhorado o "individuo", estava por isso mesmo, melhorada a "especie". Foram os tempos heroicos da Hygiene, ha uns trinta annos. Naquella época o problema era entregar o

homem doente á medicina e o são, á hygiene, para o proteger. Esta prevenia a doença; aquella procurava curar os doentes. Afinal, verificou-se que a hygiene, sosinha, não consegue impedir que surjam certos typos de enfermos. Porque ha “doenças da raça”, ha doenças ou deficiencias do germen. E a hygiene não vae lá. Mais depressa vae lá a educação, promovendo a selecção artificial da boa semente, facilitando a sua larga propagação e entravando, senão estancando, a má. De onde ser a “herança biologica” o verdadeiro dominio da Eugenia. Em todo o caso, já na proxima reunião esses conceitos estarão, sem duvida, bem divulgados, como convem. Deste Congresso, até agora, a mais importante memoria foi, sem duvida, a que sobre “Immigração e Eugenia” apresentou Azevedo Amaral, trabalho, sem favor, muito brilhante, que o seu autor sustentou de maneira sobria e eloquente e que eu tive o prazer de discutir.

A nossa discussão, ou antes a nossa palestra, em face do Congresso, ha de ficar entre as recordações mais felizes da minha vida scientifica, tão alto e tão elevado sempre elle soube manter o nivel das idéas em attricto. O trabalho de Azevedo Amaral por si só, disse Levi Carneiro, seria o bastante para justificar a reunião do Congresso de Eugenia.

Subcrevo, sem reservas, o juizo. Azevedo Amaral soube ver, com espirito de rara penetração

e amplo descortino — o que, de facto, ha, para a Eugenia, no problema do immigrante attrahido pelo Brasil.

O impulso que leva os homens a caminhar como inilludivel condição e causa do processo da civilização — embora elle não falasse nos que partiram para “dilatar a fé e o imperio” — tudo ali está, maravilhosamente expresso, na sua monographia que honra o pensamento brasileiro. Finalmente, as conclusões da memoria, tal como foram aprovadas pelo Congresso de Eugenia — offerecem aos legisladores um corpo de doutrina seguro, fiel, perfeitamente demonstravel e, por isso, fundamentalmente scientifico”.

## I

“O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia dirigirá ao presidente da Republica, ás casas do Congresso Nacional e aos governadores dos Estados, um appello em que serão postos em fôco os gravissimos perigos da immigração promiscua, sob o ponto de vista dos interesses da raça e da segurança politica e social da Republica;

## II

O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, considerando que as influencias mesolo-

gicas não podem alterar, no individuo, os caracteristicos hereditarios transmittidos de geração em geração, julga que a selecção rigorosa dos elementos immigratorios é essencial e insubstituivel como meio de defesa da nossa raça;

### III

O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia aconselha que, no processo de selecção de immigrantes, sejam levados em conta os attributos collectivos das populações donde provierem as correntes immigratorias;

### IV

O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, embora reconhecendo o valor da selecção por meio de uma escala differencial das correntes immigratorias em muito desejaveis, e indesejaveis, julga, entretanto, que o criterio selectivo mais efficaz é o do exame das "condições individuaes" de cada immigrante;

### V

O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia chama a attenção dos poderes publicos para o facto de que a saude physica do immigrante

e a sua robustez muscular não bastam como característicos do valor engenico do individuo, o qual só pôde ser afferido pela apreciação das qualidades mentaes e moraes em que se traduzem os attributos profundos de sua herança e, portanto, do seu valor como elemento racial;

## VI

O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia considera que os característicos referidos na conclusão anterior, embora susceptiveis de apreciação por processos directos (tests), podem ser, entretanto, avaliados com sufficiente precisão por meios indirectos, isto é, por provas de habilitação professional ou technica do immigrante, o seu contracto para serviços especializados por empresas ou pessoas idoneas do paiz, ou pela posse da quantia substancial;

## VII

O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, considerando que, entre as manifestações mais frequentes das taras hereditarias que incapacitam o immigrante, como elemento ethnico indesejavel, figuram fórmias de desequilibrio mental traduzido em tendencias anti-sociaes, aconselha a exclusão inflexivel de todos os immigrantes com antecedentes criminaes;

## VIII

O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, considerando que, nas condições actuaes dos paizes super-populosos de alta civilisação, os individuos que gravitam para o pauperismo attestam com esse proprio facto a sua inferioridade mental e moral, condemna todas as formas de immigração subvencionada, que apenas podem concorrer para a entrada no nosso paiz de elementos indesejaveis;

## IX

O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia aconselha, de um modo geral, uma politica de reserva systematica em materia immigratoria, lembrando aos poderes publicos da União e dos Estados que, nas condições criadas pelo desenvolvimento mecanico de todas as formas de actividade productora, a questão numerica do povoamento passou a um plano secundario, dando-nos muito mais ampla liberdade de acção para exercermos desassombradamente severa vigilancia na selecção de immigrants”.

Si o Brasil não tiver mais tarde uma boa lei de immigração — redigida á luz de optimos preceitos anthropologicos e eugenicos — não será culpa do Congresso de Eugenia.



## X

E' indiscutivel que a *Eugenia* soffre uma contingencia terrivelmente desanimadora: propõe grandes questões, mostra o caminho para chegar ás soluções... mas esbarra de encontro a impossibilidades sem numero.

Talvez por isso, a serie de tratados publicados ultimamente a respeito della é realmente notavel. Karl Pearson observou, ha pouco tempo — (Dezembro de 1928) — que todo naturalista, botanico ou zoologo, julga-se, actualmente, obrigado a escrever tambem o seu *tratadozinho de Eugenia*. E' assumpto da moda: "fashionable" — como diz o mestre da *Biometrika*. O movimento bem se parece com o que surgiu no começo do seculo passado, quando todas as pessoas cultas entraram a falar de biologia como agora se fala de *Eugenia*...

Moda igualmente foi a *anthropologia*, assumpto das palestras eruditas no meiado do seculo.

Tanto a *biologia* quanto a *anthropologia*, diz Karl Pearson, sobreviveram á moda... Espere-mos que outro tanto aconteça á *Eugenia*...

O principal, todavia, não é falar nella; é practical-a ou, pelo menos, pesquisar os factos e as relações que permittam executal-a um dia. Mas ninguém acredite que, sem base biologica, sem heredologia, sem medicina, sem anthropologia e sem estatistica — algo se possa fazer em materia de eugenia especulativa. O fundador da Biometrika não esqueceu a estatistica... “et pour cause”. Convem, no entanto, ser cauteloso, para não cahir no exagero do sabio russo Shirokogoroff, que chegou a imaginar uma formula mathematica para definir a acção de dois grupos ethnicos, um sobre o outro...

Ha uma especie de pesquisa eugenic, grandemente util e facilmente realizavel por todos os que se interessam pela sciencia da moda. Trata-se do estabelecimento da propria genealogia.

Quantas pessoas, mesmo entre as mais cultas do nosso meio, serão capazes de traçar a sua arvore genealogica, acima dos avós?

Aqui se nos depara mais uma feição antagonista da nossa propria formação social. Terra de gente apressada e aventureira, durante seculos foi o Brasil, quanto ao povo, o areal movediço em que raros marcos puderam resistir, definindo a existencia das familias.

Galton — (Natural Inheritance, pag. 72) — confessou que o seu primeiro trabalho consistiu em obter o que elle chamou “Records of Family Faculties”. Esses repositórios de faculdades familiares foram, na sua maior parte, conseguidos por meio de premios pecuniarios, que o criador da Eugenia dava do seu bolso. O *edital* que elle lançou á publicidade para obter o material de estudo não é muito conhecido. Vale a pena traduzil-o.

“Mister Francis Galton offerece premios no valor de £ 500 aos subditos britannicos residentes no Reino Unido que lhe fornecerem, até 15 de Maio de 1884, os melhores resumos da sua historia familiar (Family Records).

Os referidos resumos serão conservados como documentos confidenciaes e usados sómente para fins de estatistica. A declaração dos nomes das pessoas e dos lugares é exigida apenas como garantia de authenticidade e com o fim de permittir a Mr. Galton communicar-se com os que attenderem ao seu appello, nos casos em que isso fôr necessario.

O valor dos resumos será determinado pelo grau de facilidade que elles proporcionarem ás investigações scientificas descriptas no prefacio do livro “Records of Family Faculties”.

Esse valor dependerá especialmente:

a) da inclusão de cada antepassado directo;

b) da inclusão de breves notas sobre os irmãos de cada antepassado;

c) da menção dos fundamentos sobre os quaes a informação é fornecida;

d) da clareza e da concisão das informações.

Os resumos deverão ser enviados a Francis Galton — Rutland Gate, 42 — Londres, S. W.

Os premios não serão menores de £ 5, nem maiores de £ 50”.

Setenta homens e oitenta mulheres responderam utilmente ao chamado de Galton. Aurora do feminismo.

\* \* \*

O material obtido por Galton serviu-lhe para o estudo da herança quanto á estatura, côr dos olhos, temperamento artistico, fertilidade, doenças, etc.

Depois que os methodos da genetica mendeliana principiaram a deixar na sombra a estatistica do mestre inglez, as pesquisas tornaram-se, aparentemente, ainda mais faceis. Puro engano. Basta recordar o que se passa com a transmissão hereditaria da *côr dos olhos*.

O caracter foi estudado pela primeira vez, segundo Karl Pearson, por Alphonse de Candolle, em Genebra, no anno de 1884.

Pelas suas observações o cruzamento de in-

dividuos de olhos castanhos dava descendentes providos de olhos da mesma côr. Os casos de De Candolle tinham sido colligidos em França, na Suissa, na Suecia e na Allemanha, mas os seus correspondentes deixaram de lado, segundo o seu desejo, os casos de antepassados providos de olhos claros...

Em Maio de 1886, continúa Pearson, começou Galton a tratar do assumpto, conseguindo acompanhar a côr dos olhos em quatro gerações. A revisão do seu material, feita mais tarde, pareceu indicar que a *côr dos olhos não obedecia* aos principios mendelianos.

Estavam as cousas neste pé, quando Davenport, nos Estados Unidos, depois de grande copia de observações, affirmou que a *côr dos olhos se transmite* como verdadeiro caracter mendeliano.

Foi quando Hurst mostrou que a simples inspecção é um máo processo para descobrir a verdadeira *côr dos olhos*, que só por meio de uma lente se pôde precisar, e determinou, então, o verdadeiro caracter mendeliano do phenomeno; pigmentação anterior da iris. Olhos, *verdadeiramente* azues, têm falta de pigmento anterior.

Karl Pearson quiz aprofundar o problema e obteve de um cirurgião que lhe entregasse os olhos estirpados dos seus doentes. Conseguiu, assim, uma duzia de olhos azues, sem pigmentação anterior. Em nenhum delles, apesar do seu aspecto

através da lente, o exame microscopico deixou de revelar granulações de melanina, que é o pigmento em causa.

Então, pergunta victoriosamente Karl Pearson, esquecido do conselho de Aristoteles: "What, then, is a true blue eye?"

Póde-se, hoje em dia, realizar a microscopia dos olhos "in-vivo", por intermedio de apparatus que permitem observar os meios oculares e a iris, illuminados por uma lampada especial. A biomicroscopia dos olhos chega a descobrir, no humor aquoso, em caso de traumatismo, os globulos vermelhos do sangue extravasado. E' portanto excelente processo de exame.

A iris é formada por tres camadas. Quando as duas primeiras — (anterior e media) — são transparentes, como acontece nos olhos azues, a luz é reflectida pela camada posterior. Compreende-se, facilmente, que a existencia de algumas granulações na camada anterior, não basta para modificar o aspecto microscopico do orgão.

De sorte que, em summa, até certo ponto, a observação de Karl Pearson continúa de pé.

Exigindo, porém, para todos os caracteres o rigorismo definidor que elle impõe na questão da côr dos olhos, seria o caso de perguntar, por exemplo "que é um individuo louro".

Em se tratando de um mulher, a resposta seria ainda mais difficil.

Discutindo o melhoramento humano á luz da herança e do meio, H. S. Jennings no "Prometheus" ataca de frente os eugenistas apressados.

Jennings começa dizendo não ser dos que consideram taes assuntos passíveis de discussão por simples *inspiração*. E' sempre materia que exige provas. A' primeira vista, a affirmativa parece ociosa. Provas, documentos, observações, experimentos são o proprio *abstractum* da sciencia. No entanto, a leitura de numerosos artigos de fundo scientifico, publicados nos jornaes diarios e assignados por pessoas de responsabilidade, basta para mostrar como Jennings tem razão naquelle aviso. Aqui mesmo, ha pouco, publicava-se imponente artigo do Prof. John Alfred Mjœen, do Winderen Laboratorium de Oslo, traduzido pelo Dr. Renato Kehl com o titulo — *Cruzamento de Raças*. Ao lado de muitas coisas certas e conhecidas, o professor Mjœen escreve o seguinte: "*Diabetes* — Sabemos hoje que o diabetes é devido a uma anomalia glandular. A frequencia dessa molestia nos individuos de *meio-sangue* vem a favor da mesma noção, a saber: o cruzamento racial causa perturbações glandulares." Então isso está certo? Será verdade que os *mulatos* dão maior contingente de *diabeticos*? Não é absolutamente o que verificam os medicos que tenho consultado. As estatisticas do obituario nacional contestam, formalmente, a maior frequencia do

diabetes nos individuos de *meio-sangue*. Mesmo porque, no Brasil, si isso fosse verdade, quasi ninguem morreria... sinão de diabetes. Consulte-se, por curiosidade, o Boletim Demographo-Sanitario...

Ahí está porque Jennings começa declarando que não pertence ao grupo dos que acham que "*inspired thinking may take place of experiment in such matters*". Já o Prof. Mjöen, aqui divulgado na excellente traducção do Dr. R. Kehl, pertence a outra escola.

As questões capitaes discutidas em *Prometheus* são as seguintes:

1.º) Muitos organismos têm sido melhorados, si por isso se entende que foram alterados para conseguir aproximar-se de um certo typo, considerado melhor.

2.º) Como se processa esse melhoramento?

3.º) Podem os mesmos processos ser applicados ao homem?

Antes de mais, convem combater a ideia de muitos considerarem a *herança* como uma especie de *força autonoma*, quando ella nada mais é do que a manifestação da presença de certa classe de material bio-chimico. Passa depois o professor da John Hopkins University a fazer uma carga cerrada contra a *theoria dos gene*. O classico eschema — um gene para cada caracteristico — é,

segundo Jennings, absurdo. Cada *gene* conta centenas de corpos chimicos. Os produtos intermediarios das reações mutuas precisam ser levados em conta. Dahi, para combater certa classe de eugenistas, não demora o autor de *Prometheus*: "*There is no way of controlling the combinations that shall enter into a child of given parents. It is, therefore, impossible to predict what kind of offspring will be produced by a given pair of parents.*" (pag. 34). Cada creança é uma nova combinação. A não ser os que pertencem ao dominio da pathologia, ninguem pode predizer o que serão os filhos de um casal. "Os caracteres de um homem adulto não estão necessariamente no germen de onde elle provem, do mesmo modo que um automovel não existe forçosamente no mineiro de ferro..."

Entre as phrases energicas de Jennings: "*What any cell shall become depends on the conditions surrounding it, on its relation to others cells*".

De tudo quanto diz Jennings resulta que, para elle, a herança é uma potencialidade, dependente, na sua manifestação, de condições do meio, durante o *desenvolvimento*. Para Jennings a distincção entre *caracteres adquiridos e caracteres hereditarios é artificial*. Nada mais *alteravel* do que os chamados *hereditarios*: os peixes tem dois olhos, um de cada lado da cabeça. Sujeitos a cer-

tas condições do meio, enquanto jovens, passam a ter um só. (Stackard). Afinal, o *numero* e a *posição* dos olhos... são tudo quanto ha de mais hereditario.

O processo geral de modificação humana, realizado antes que o desenvolvimento termine, é o que chamamos educação. O conceito biologico da herança, diz Jennings, como simples *predisposição*, não é facilmente aceito pelos medicos, que consideram *fixo* e *certo* o que é hereditario. O mesmo acontece, continua o autor do *Prometheus*, no que se refere aos problemas raciaes. "Ahí, então, é que a *falsa biologia* se expande... Nesse capitulo não faltam os da escola do prof. Mjoën para os quaes "*heredity is stressed as all-powerful; environment as almost powerless; a vicious fallacy, not supported by the results of investigation*". O que uma raça pode dar em meio diferente, nenhuma lei biologica permite, *a priori*, afirmar.

A conclusão do *Prometheus* é altamente consoladora: a humanidade é extraordinariamente *alteravel* e, portanto *melhoravel*, desde que as condições de vida sejam modificadas (invenções, disseminações do saber, etc.). No entanto, conclue o autor, a biologica, por si só, não permite prever nada em relação com o futuro humano. E' preciso ir acima: entender o proprio homem. O progresso condiciona novos surtos humanos mas, ao

mesmo tempo, traz consigo a proteção dos incapazes. Prometheu, dando o fogo á humanidade, concorreu definitivamente para a conservação dos debeis. A vacinação enche o mundo de gente fraca...

A respeito da Eugenia eis o que pensa o autor de *Prometheus*: Si a reprodução da especie humana dependesse apenas de *um individuo*, seria possivel esperar o melhoramento da especie pela selecção. Mas, visto que cada individuo se origina de um inextricavel complexo bio-chimico sempre variavel, como poder esperar uma certa estabilidade necessaria? O homem seria dono do seu porvir, si o ideal eugenico fosse de facto realizavel. Multiplicar os *melhores*... Mas, quaes são os *melhores*?

No entanto, para Jennings, o escolho maior encontrado pelos eugenistas é a herança *bi-parental*. A variedade, as surpresas, o *melodrama*, diz Jennings, existirão enquanto os homens se originarem de um casal. "Capitalistas continuarão a produzir artistas e poetas; operarios darão capitalistas, philosophos ou sabios; de sensatos nascerão levianos; *fools will produce wise men*"...



## XI

Passou quasi despercebido no Brasil o centenario de Gall, o homem de genio que a sciencia official tanto combateu e a satyra dos contemporaneos quasi inutilizou. No entanto, a sua fundamental descoberta não era a phrenologia das feiras, charlatã e mentirosa. Pondo de parte o que representa a sua contribuição para a anatomia dos centros nervosos, algumas de cujas descobertas correm hoje nos livros attribuidas a outros menos perseguidos, o que ha de genial na obra de Gall é a decomposição da alma e a sua concreta localização no cerebro. Chamem como os positivistas: *sentimento, intelligencia e character* ou como os psychologos academicos *affectividade, pensamento e vontade* o certo é que os taes grupos de factos psychicos ahi estão, irreductiveis e logicos.

No momento, já ninguem mais fala em Gall. Mas um notavel anthropologo austriaco, depois de mostrar que a sua obra ainda poderia, um dia,

vir a ser para a psychologia o que a percussão é para o diagnostico dos medicos, prognosticava a sua resurreição.

Li essa prophecia ha muitos annos e nunca mais della me esqueci. Agora, tendo entre as mãos um livro muito interessante de L. F. Clauss sobre a alma das raças e dos povos, vieram-me ao pensamento as conquistas e as tentativas do velho Gall.

Não é que o volume de Clauss, nem de longe, valha a honra de ser comparado com o genial autor das "Recherches sur le Système Nerveux". Mas bem merece ser posto ao lado do criador da "Phrénologie". O trabalho de Clauss foi publicado este anno (1929), em München. E', afinal, uma resurreição das idéas phrenologicas de Gall, dilatadas a toda a expressão physionomica e estendido ás variedades da especie humana, aquillo que o outro apenas reconhecia no individuo.

Clauss principia muito bem mostrando que ha dois caminhos a seguir no estudo das raças: o da anthropologia physica e o da anthropologia psychica. Mas logo depois começa, vaidosamente, a se attribuir a gloria de ter iniciado a segunda, logo depois da guerra, desde 1921.

Para elle a psychologia experimental é apenas um ramo da historia natural que, de psychologia, só tem o nome... O homem, desde logo, vae

pondo de manifesto as suas tendencias metaphysicas apuradissimas.

A humanidade, para elle, apresenta, quanto á expressão physionomica, uns tantos typos estylizados (Stiltypus): o nordico, o mediterraneo, o desertico, o asianico, e o turanio.

O Nordico (Stiltypus A) tem a cabeça de linhas fortes, elegantes, o contorno do cranio vem morrer suavemente na frente onde o nariz se origina sem quebrar a linha que os labios finos tambem respeitam. Todos os seus traços denotam o espirito aggressivo. Isso, diz Clauss, não deve ser tomado no sentido militar do termo. Ainda bem!

Trata-se, esclarece elle, de aggressividade na forma contra o meio: "den Angriff der Gestaltung auf die Umwelt". Typo nobilissimo! O que deve fazer, elle o faz sempre de modo sublime. A honra, nelle, só desaparece com o proprio ser! Tudo mais, *por el estilo*. E', naturalmente, o typo louro do Norte da Europa...

Stiltypus B é o exhibicionista (Darbietungstypus). A "pose" é o seu caracteristico essencial. Tem, geralmente, fórmas esgalgadas. Mas, emquanto os olhos e os cabellos do typo A são claros, aqui... é tudo escuro. O melhor representante que o autor encontrou para figurar o typo B foi um jovem veneziano. O individuo *realizador*, que é como o autor denomina, o typo nordico, dei-

xa-se photographar sem a minima emoção: "photographem-me á vontade, parece elle dizer, se isso lhes dá gosto!" Já com o typo B a cousa muda de figura.

Tirando-lhe o retrato percebem-se, immediatamente, os *fracos* da sua alma inquieta. Não ha meio de obter que se desinteresse da objectiva. Italianos, polacos, turcos, etc.

O terceiro typo — mystico (Berufungstypus) — é proprio dos desertos. Gente inquieta, que só o cinema pôde photographar, tem os olhos excessivamente moveis, que se não detêm em nenhum objecto. Ninguém sabe dizer, jamais, se o individuo desse typo, que tem diante da vista, é uma criança a brincar, um propheta ou um salteador. A designação de mystico, diz o autor, é dada em attenção aos seus mais desenvolvidos caracteristicos. Nunca se sabe si elle é corajoso ou poltrão. O olhar brilha quando a bravura lhe incendeia a alma; mas, quando cessa de brilhar, muitas vezes, a mesma chamma continua. As mulheres desse grupo são caprichosas. Não ignoram que o capricho augmenta o encanto que prende e tortura os homens. Sabidas raparigas!...

São arabes, judeus da Africa, etc.

Clauss denominou — (Erlösungstypus — Typo messianico) — ao typo D, commum nas populações asianas, gente de face larga, palpebras pesadas, mãos pequenas. E' um typo composto

que o proprio autor ainda considera "ein Problem". No entanto, existe por toda parte. Até mesmo na Allemanha...

Em um georgio da Transcaucasia encontrou elle o typo E — (Enthebungstypus ou typo Fatalista). Uma molleza geral das fórmãs, nariz *dependurado*, olhos á flôr da cara.

O resto do livro de Clauss é um amontoado de formulas metaphysicas, por entre as quaes, elle, ao que parece, adopta as idéas da chamada "Gestalttheorie". Cousas da moda. A "Gestalttheorie" é uma doutrina psychologica revolucionaria, em absoluta opposição á psychologia classica associacionista. Nós todos, adeptos da psychologia classica, interpretamos a noção do objecto como consequencia de uma série de associações. A idéa de uma paisagem resulta das differentes sensações que os seus attributos nos ministram: a vista das arvores, o cheiro das flores, o ruido da cascata, associam-se para compôr o quadro. Os *gestaltistas* dizem que está errado: primeiro temos a noção da paisagem. Depois, é que a decomponemos. Convém adiantar que nenhum delles explica assim, tão simplesmente, o que é o *gestaltismo*. Isso é o que me parece que elles querem. Porque, na verdade, conforme a expressão de Rignano, a falha principal da doutrina é que... a gente não a entende. Clauss fica, assim, muito bem entre os da *Gestalttheorie*, quando quer provar que, a

julgar pela “expressão”, só os louros nordicos são gente bôa.

O livro trouxe-me á lembrança uma historietta muito conhecida, traço de ironia attribuido a Leão XIII, o grande pontifice, ao tempo em que era simples parochó. A jactancia racial de Clauss bem merece a resposta de Leão XIII, acalmado um penitente que, no confissionario accusava-se de um orgulho desmedido, julgando-se o homem mais forte, mais bello, mais prendado do Universo:

— Isso não é peccado, meu filho. E' estupidez...

\*

\*      \*

Os conceitos de Clauss — perfeitamente *racistas* — em materia de psychologia levam-nos a considerar o progresso immenso que para a anthropologia vêm representando as modernas conquistas da physiologia e da bio-chimica. Não ha exagero nenhum em dizer que a sciencia das raças humanas, dentro do proximo decennio, fará tabo'a raza de quasi tudo quando havia archivado á luz da morphologia pura, afim de considerar de maneira definitiva e segura, pela *biometria* e pela *physiologia*, os grandes problemas que tem a seu cargo.

Traços morphologicos que parecem seguramente hereditarios — tal a forma geral do cranio

— sabe se agora são condicionados por factores biochimicos. Fischer e Neubauer, em 1924, verificaram experimentalmente, que a brachycephalia é uma questão de vitaminas. A desnutrição nos pequenos russos victimas da grande fome que succedeu á revolução, determinou verdadeira transformação de certos typos anthropologicos. E' noção corrente hoje que as formas e as proporções do corpo, a regulação do metabolismo do organismo e de todas as acções bio-chimicas que nelle se processam, bem como o desenvolvimento psychico e os traços caracteristicos da mentalidade humana — tudo isso, é condicionado pelo conjuncto das substancias que são lançadas na circulação pelas glandulas de secreção interna. Esses hormonios são, na phrase de Pende, “verdadeiros ruguladores do relógio da nossa existencia”. Timo, thyroide, para-thyroides, supra-renaes, hipophyse, glandulas sexuaes — governam o corpo e a alma das raças.



## XII

Ha, pelo menos, uma differença essencial entre os idiomas falados officialmente em Portugal e no Brasil: a pronuncia.

E' facto evidente, que ninguem contesta. Os vocabulos, escriptos do mesmo modo, são lidos de maneira diversa nos dois paizes.

Um golpe de vista no pequeno e curioso volume publicado por Gonçalves Vianna — da serie — “Skizzen Lebender Sprachen” (Victor) — permite colher exemplos a granel:

### *Portuguez*

Tanho dentru du mô páito  
doix muinhux a muêre;  
anda um, ôtro d'zanda:  
asim é u báim k'rer.

*Brasiliano*

Tenho dentro do mêo peito  
doix muinhox a môer;  
anda um, ôtro dizânda  
asim é u bêm kêrer.

\*

\*      \*

Isk'sêr — Eskecer;  
Primáiru — Primeiro;  
Pudáre — Podar;  
Furmôzu — Formozo.

Ainda mesmo os que, autorizadamente, castigam os “vícios” da boa fala, reconhecem que não é admissível levar o apuro ao ponto de exigir dos brasileiros a pronuncia lusitana. Diz muito bem o Sr. Julio Nogueira que si a correcção fosse radical, intolerante, teríamos que dizer: *m'nistro*, *v'cão*, *subrado*, etc., porque, apuradas as coisas, uma vez que não constituimos ainda dialecto independente, deveríamos pronunciar á maneira rigorosamente portugueza, do mesmo modo por que timbramos em falar francez, inglez, etc., sem que nos afastemos por forma alguma da pronuncia daquelles a quem taes linguas são nativas.

Parece, dest'arte, que se pôde falar correct-

mente o portuguez... pronunciando á brasileira. No entanto, ha factos que levam á convicção opposta. E' o caso dos bons actores brasileiros que, representando em Portugal, são obrigados a usar a pronuncia peninsular para que o grande publico os entenda. Em seguida, é observação de um mestre da lingua, que, educado em Portugal, até hoje tratou de conservar,meticulosamente a *boa pronuncia* para — diz elle — não se ver, inconscientemente levado a collocar mal os pronomes. Esses dois factos mostram a formidavel importancia da phonetica, na differenciação linguistica. O ultimo, principalmente. Pois si a pronuncia brasileira conduz a outra syntaxe! Ainda mais. Para que todos vejam como são hoje, diferentes os idiomas brasileiro e portuguez, é só escrever, usando o alphabeto internacional, algumas palavras taes quaes seriam colhidas na Europa e na America para designação dos mesmos objectos.

Um ethnologo estrangeiro que annotasse os vocabularios, nos dois continentes, usando o referido alphabeto — nunca chegaria a dizer que se trata de um mesmo idioma. Tão importante é a phonetica. Isso, não querendo aprofundar o exame, por meio dos processos que ora está pondo em pratica o Instituto de Phonetica Experimental de Copenhague.

Quanto ao vocabulario, não é menor a differenciação, desde que se abandone a linguagem cul-

ta. Um camponio de Portugal vê-se tonto para entender um sertanejo.

Em Lisboa o conductor de bondes nem sempre entenderá o passageiro do Rio, quando este lhe pedir o trôco, que lá se chama: *demasia*...

No caso dos pronomes a coisa continua: No Brasil, os que sabem grammatica, e os que não sabem, pouco se importam com o tenebroso problema que tantas criticas suscitou contra José de Alencar.

E' certo que por aqui ninguem diz "*Você fezeste*". Mas sahe naturalmente da bocca e da penna de todos, no Brasil: "Eu te esperei e você não veiu". "Eu o esperei" — é como falam os cuidadosos, tidos pela maioria na conta de exagerados, quasi preciosos... E é por isso que o mestre já citado conserva heroicamente, a pronuncia que ajuda os pronomes... Seria um absurdo afirmar que o idioma brasileiro já se encontra definitivamente constituido. Mas não é menos absurdo contestar a evolução adiantada que se está processando nesse sentido.

Os intolerantes deveriam, pelas suas mesmas razões, exigir que em Portugal se continuasse a falar latim. Acham que os portuguezes andaram muito bem estragando o latim; mas não nos querem conceder o direito de estragar o portuguez!

A alguns philologos, mestres no assumpto,

tenho pedido informes quaes são os caracteristicos de um dialecto.

Quando o brasileiro será dialecto ou idioma? Nunca? Impossivel! Toda a historia das linguas depõe que isso é fatal. Provado que a pronuncia é differente, lá e aqui, e sendo certo, como dizem os dictionarios, “que dialecto é uma variedade na lingua principal, variedade em pronunciar as palavras de um modo particular, etc.” — não sei como ainda haja quem insista em contestar o trabalho de transformação, que a passos largos, aqui se está verificando...

Eu não discuto as vantagens ou desvantagens do phenomeno. Como simples naturalista, sei que o finalismo leva aos maiores erros e sei mais que o nosso desejo e intimo sentimento não influem nos factos que as leis naturaes governam soberanamente.

E' um bem? E' um mal? Não sei. Mas é. A lingua brasileira está surgindo. E dentro de uns dois seculos, ella propria começará a se alterar para dar outros dialectos porque não é natural que o Brasil todo — do Amazonas ao Chuy — possa continuar, sempre, com um só. Será muito triste para o nosso amor patrio... uma desgraça para os nossos filhos... uma calamidade...

Não discuto. Verifico.

Os romanos diziam que se acredita facil-

mente naquillo que se deseja. De onde, difficilmente acceitarmos o que não desejamos.

Mas a vida é implacavel e a nossa repugnancia pouco influe no que tem de ser.

O fatalismo, porém, tem seus limites. Não ha só cruzar os braços. Cada geração tem responsabilidades proprias. Eu creio que as actuaes e as proximas não devem desprezar o assumpto, como desvalioso. Ao contrario; ha um grande trabalho a fazer, para condicionar as melhores circumstancias, buscando regularizar um rio cujo curso ninguem póde sustar.

E' por isso que me agradam todos os bons trabalhos feitos sobre o dialecto brasileiro ou, como diz, timidamente, a Academia, sobre o "brasileiro da lingua portugueza".

### XIII

“Zona de conforto” — é uma expressão interessante, usada pelos technicos para designar determinadas condições de temperatura, humidade e movimento do ar dentro do qual vivemos e nos agitamos.

Outrora, ha bem pouco aliás, acreditava-se que o problema do arejamento era fornecer ar puro ás habitações. O conceito do confinamento repousava em noções de alteração chimica da atmospheria dos aposentos. No fim de algum tempo faltando ar puro e renovado todos se sentem mal. As perturbações resultantes daquellas condições eram attribuidas á intoxicação. Intoxicação pelo gaz carbonico, resultante da respiração dos proprios individuos, pelo oxido de carbono, formado nas combustões incompletas (bicos de gaz, etc.) e pela supposta toxina respiratoria, veneno subtil que todo animal deveria expellir pelos pulmões, segundo a theoria de Brown Secquard.

A questão foi, nestes ultimos vinte annos, atacada fortemente pelos experimentadores; e o resultado é que actualmente já não se dá a mesma antiga importancia á impureza chimica habitual do ar confinado. Hoje está scientificamente demonstrado que são as condições phisicas da atmosphera, as que mais importam (calor, humidade, movimento), na genese do máu estar que assalta as pessoas reunidas em aposentos mal ventilados. O mesmo ar, sobrecarregado de traços accentuados de gaz carbonico, ou mesmo de oxido de carbono — em local confinado, deixa de ser prejudicial, póde tornar a servir sem maiores males, desde que seja resfriado, agitado e dissecado em justa medida.

O problema é tão importante para nós que em 1889, se bem me recordo, um engenheiro aqui domiciliado, o sr. João Frick, tentou organizar, no Rio de Janeiro, uma empresa destinada a captar os ares do Corcovado e canalizal-os para as habitações... No opusculo de João Frick, que ha tempos tive em mãos, havia o titulo "Ar puro a domicilio". O autor queria apenas isso: distribuir os ares das Paineiras, aos moradores do centro urbano.

Ora, provado que o abatimento, as tonteiras, a oppressão que sentimos, dependem, principalmente, de condições phisicas do ar, teremos ao nosso alcance a victoria, na luta contra o descon-

forto em que vivemos e trabalhamos durante o verão.

Escolas, fabricas, laboratorios, passarão a offerecer, a quem nelles penetrar, allivio semelhante ao que sentem os felizardos que sobem para Petropolis, quando attingem o Meio da Serra.

Penso que, no Brasil, o essencial não é o augmento global da população; para mim, fundamental é cuidar de augmentar a efficiencia do homem que trabalha. Entre os factores que concorrem para diminuir o rendimento do trabalho humano, o desconforto, no sentido que estamos relembrando, é primacial.

Ha poucos mezes encontrei na interessante revista de Adalberto Menezes de Oliveira e Eduardo de Brito e Cunha — “Sciencia e Educação” — excellente artigo do almirante Justino Lomba, discutindo, ao alcance de todos, o “condicionamento do ar para as habitações do nosso clima”. Agora, recebo do meu amigo Jorge Leuzinger um livro magnifico a respeito da mesma questão:

“A ventilação artificial das regiões tropicaes”.

E' livro que eu desejaría fosse lido por todas as pessoas cultas do Brasil. Especialmente pelas que estão encarregadas de dirigir as forças productivas do paiz: estadistas, professores, industriaes... Está repleto de notas e documentos. Cada pagina tem sempre alguma cousa de util ou

interessante. Leuzinger aceita e defende a opinião hoje corrente, acima resumida, sobre a função das características físicas do ar na sensação do conforto pessoal. Resume experiências e observações norte-americanas do Bureau de Minas, do Serviço de Saúde Pública e da Sociedade de Engenheiros Especialistas em Aquecimento e Ventilação. Por tais estudos ficou provado, entre outras cousas, que, na temperatura de 38.° c., basta diminuir a humidade do ar do ponto de saturação a 30 %, para que os individuos produzam quatro vezes mais trabalho.

Os pregoeiros das deficiências da raça hão de ficar desapontados, verificando o papel da humidade do ar ambiente na produção dos obreiros...

O calor e a humidade da atmosphera não diminuem apenas o rendimento humano. Vão além: condicionam os accidentes do trabalho. O minimo de accidentes ocorre entre 18.° c. e 21.° c. Acima de 21.° c., o numero de accidentes cresce muito, quanto aos homens, e um pouco menos quanto ás mulheres. Estas reagem melhor e mais depressa, ás mudanças... A proposito, cita Leuzinger um caso brasileiro que vale a pena recordar para ensino dos industriaes que passaram os olhos nestas linhas. E' o caso da Mina do Morro Velho. A empresa dessa mina de ouro inaugurou em Novembro de 1920, uma grande installação de refri-

geração do ar a ser injectado nas galerias. A melhoria do ambiente resultante deu logo o seguinte resultado, que dispensa qualquer commentario: nos 16 mezes anteriores á inauguração do apparelho refrigerante, deram-se 20 accidentes mortaes; nos 16 mezes seguintes, o numero de victimas do trabalho mineiro baixou a 6. A empresa, que dispendeu no primeiro periodo, de indemnizações, cerca de 80 contos, gastou, apenas, cerca de 35, no segundo.

Donde se vê, mais uma vez, que o patrão faz sempre um alto negocio zelando pelo conforto dos seus operarios.

E tudo isso resultou de pequena alteração na temperatura do ar injectado. Em compensação, houve grande mudança na velocidade da massa gazona.

O ar, no poço principal, movimentava-se a 1,m10; hoje corre com mais do dobro da antiga velocidade, 2,m70.

A temperatura effectiva, que era de 31° c., baixou a 25°, 8 c.

A temperatura effectiva é conceito basico para o estabelecimento da zona do conforto.

Sabido que não basta o simples gráu thermometrico para condicionar a sensação do bem estar, nem tampouco por si só, o gráu da humidade ou o estado de movimento do ar, resolveram os technicos adoptar a temperatura effectiva. O

almirante Justino Lomba assim a define: "Partindo de um estado qualquer da temperatura, humidade e velocidade do ar, é possível obterem-se muitos outros estados para os quaes reagimos da mesma maneira, até um em que o ar esteja saturado e em repouso; o thermometro secco e o humido marcarão a mesma temperatura e esta é a que foi denominada temperatura effectiva". E', pois, um indice que pôde representar diversas combinações dos tres factores essenciaes: calor, humidade e movimento do ar.

Ora, a sensação do conforto depende da temperatura effectiva.

A 0° c. a linha da temperatura effectiva coincide com a do thermometro secco. A zero, o conforto... é o calor. Pudera!

Já a 55° c. a temperatura effectiva coincide com a do thermometro humido. O conforto depende, neste caso, do estado hygrometrico. O movimento do ar é tão importante, para o suspirado conforto, que os leques e os abanos são de uso corrente em toda a humanidade e o foram em todos os tempos, sem falar no Panka dos hindús.

No entanto, a agitação do ar só aproveita ao corpo humano quando a temperatura da atmosphera é menor do que a do individuo.

E' claro que, não sendo os homens iguaes sinão perante a lei, (isso mesmo!...) é quasi impossivel estabelecer a temperatura do conforto

para um grupo de individuos. Mas é sempre possível determinar uma faixa — é a zona de conforto.

A zona de conforto nacional, nos Estados Unidos, foi determinada experimentalmente entre 17°, 22c. e 21°, 67 c. de temperatura effectiva.

E no Brasil? Teremos seguramente mais de uma. Até agora nada se fez para conseguir algo de firme no assumpto. Leuzinger propõe que, no Rio de Janeiro, seja fixada a temperatura effectiva de 24° ou 25° como base inicial, embora provisoria, até que o assumpto interesse aos poderes publicos.

“Essa constante nacional, diz o jovem professor, precisa ser rigorosamente determinada”.

Emquanto espera pelos elementos de pesquisa, que não lhe devem regatear, porque já mostrou quanto vale, Leuzinger toma por base os estudos de Alvaro Osorio de Almeida a respeito do metabolismo basico dos habitantes do Rio e conclue que a nossa temperatura effectiva deve ser mais elevada do que a dos americanos. De 24° a 26° acha-se a zona de conforto, para os brasileiros, proposta por Leuzinger.

Consequencia logica de tudo isso: assim como as habitações, as escolas, as fabricas, os grandes estabelecimentos publicos ou particulares, são artificialmente aquecidos durante o inverno, nos paizes de clima frio, já é tempo de pensarmos em

resfriar os nossos edificios, durante os mezes de verão.

Quem não buscará apressado, em Fevereiro ou Março, bibliothecas e theatros confortaveis?

Que fabrica terá falta de operarios?

Ha muitas outras notas suggestivas no excellente trabalho de Leuzinger. O jovem professor consagrou mesmo algumas linhas á critica do vestuario, elemento não desprezivel em todos os casos. Entendo muito pouco deste assumpto. E creio que, nessa materia, o "quanto menos, melhor", que elle aconselha, está, por si mesmo, abrindo caminho...

## XIV

A leitura de algumas declarações do *philosopho* Keyserling, que ora se encontra em Buenos Aires, deu-me a impressão daquelles quadros em que o pintor se retrata: Keyserling peint par lui même.

Com seus vigores e coloridos, é uma tela interessante. No entanto, cheia de traços e riscos muito conhecidos, sem nenhuma originalidade e muitas vezes destorcidos.

Logo de inicio elle affirma que a philosophia do seculo XVII criou o "homem abstracto", typo irreal, que ninguem encontra por entre os individuos "concretos" que se acotovelam na humanidade. Assim quer ser e assim quer viver. Detesta os livros e a erudição que fizeram os grandes philosophos do passado. E' o homem que pensa, por si, sem nenhum conselho estranho, diante da natureza, á luz da sua propria intelligencia. Vê-se que o philosopho ainda crê na possibilidade de arrancar do cerebro, sem o concurso do passado,

tudo quanto os homens precisam saber para condicionar um futuro melhor.

A velha Minerva, espirrando na cefalalgia de Zeus...

Para elle o cerebro já não é mais a "placenta espiritual" entre o homem e a especie. E' órgão autonomo. Cada qual trate de si. Visto que somos todos tão differentes, como encontrar e propor methodos ou processos philosophicos que resolvam, de um modo geral, os nossos problemas espirituaes?

Philosophia eminentemente separatista!

Keyserling entende, e entende muito bem, que o verdadeiro é o "progresso da alma", o progresso interior.

Isso, porém, não póde ser admittido ao pé da letra. Ou então cahiriamos todos naquelle estado de renuncia em que viveram os eremitas da Thebaida.

E ninguem comprehende hoje que se possa desprezar tudo quanto a sciencia tem posto á disposição da humanidade para que ella se approxime e confraternize — (radio, aviação, etc. etc.) — para ir "melhorar o interior" comendo raizes no deserto.

O homem occidental, na Idade Media, tinha conseguido, diz o Snr. Keyserling, attingir aquelle grau de perfeição levado pela fé.

A quem conhece a admiravel apreciação phi-

losophica da civilização medieval, feita por Augusto Comte, não pode deixar de parecer elementar a de Keyserling. No entanto, elle assegura que o mesmo resultado, obtido outrora pela fé, hoje deve ser conseguido por diversos meios.

A fé, segundo diz o philosopho, já não existe. E' outra contestavel affirmativa. Todo mundo, diariamente, a toda hora, dá provas de uma credulidade indizível. O exame da vida usual de uma população civilizada mostra, sem trabalho, que todos confiam: o homem que sóbe num taxi, sem saber si o conductor é um epileptico, o que toma um ascensor, o que pede uma canja num restaurante, o que engole a droga comprada na primeira pharmacia que encontra... Todos confiam cégamente nos outros. E ainda ha quem diga que hoje ninguem mais tem fé!

A fé acompanha o progresso. Sem ella, não se anda para a frente.

Finalmente Keyserling confessa que o seu grande mestre, o homem que maior influencia exerceu na formação do seu espirito philosophico, foi Houston Stewart Chamberlain, que se dedicou como é sabido, a propagar, na Allemanha, as idéas retrogradadas do Conde de Gobineau, talvez o maior apostolo do moderno imperialismo. Ernest Sellière, em 1917, chamou-o: "le plus récent philosophe du pangermanisme mystique". E' o apostolo maior do defunto aryanismo desde 1899. O mes-

tre proclamado de Keyserling nasceu na Inglaterra. Era poeta, musico e philosopho. Foi educado em França e na Allemanha, onde se fixou casando-se com uma filha de Wagner. Membro eminente da "Gobineau Vereinigung" deixou, como obra capital, expressão das suas theorias, os dois volumes "Grundlagen des Neuzehten Jahrhunderts" (Bases do Seculo Dezenove).

Delles nada se pode dizer de melhor, como segura e justa apreciação, do que o escripto por Frank Hankins, em 1926.

São volumes diffusos e loquazes, exhibicionistas, cheios de sciencia de encyclopedia barata, sem espirito critico definido, eivados de preconceitos. Por todas essas "qualidades" cahiram na sympathia do povo. Poucos livros tiveram, na Allemanha, sahida maior.

A tarefa da sua divulgação não era difficil porque, realmente, Chamberlain, se não tem dotes de sciencista, nem de philosopho, é escriptor dos mais brilhantes e imaginosos, suas phrases são, muitas vezes, impressionantes para quem não as analisa, nem medita sobre o seu significado.

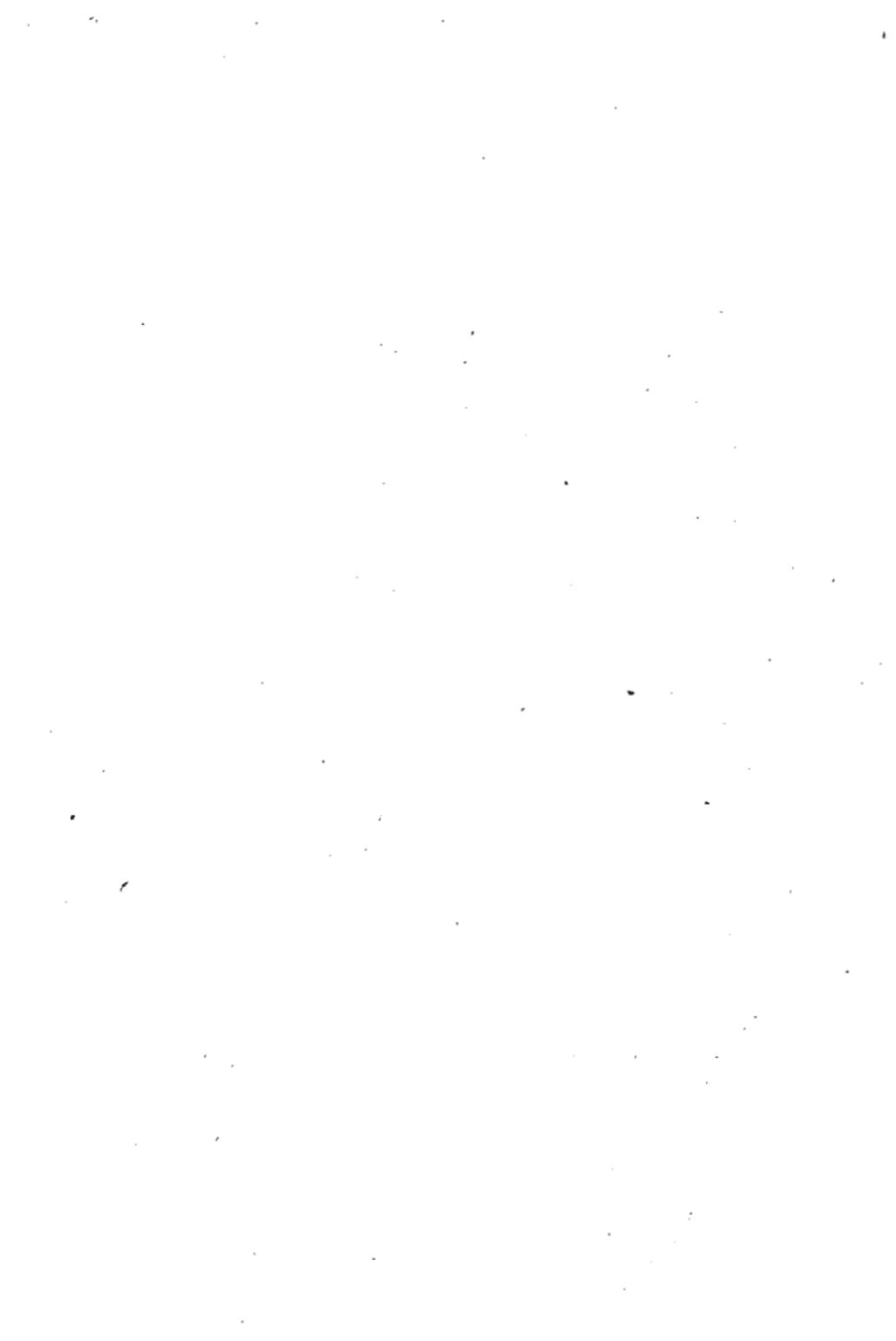
Para Chamberlain as Bases do Mundo Moderno repousam em cinco elementos: a arte, a litteratura e a philosophia da Grecia; a lei, o estado e as idéas da cidadania de Roma; a revelação redemptora de Christo; a influencia contraria e dissolvente dos Judeus e do Judaismo; o poder re-

gerador, reorganizador, ennobecedor, salvador, dos Teutões, que elle considerou os melhores representantes do "aryanismo" espiritual, uma vez que reconhecia a fallencia da tal "raça aryana".

O teutonismo de Chamberlain não era, todavia, restrictivo. Para elle, Gaulezes e Germanos deviam ser fundidos no grande typo.

"O hymno teutonico" de Chamberlain é impressionante, pela fé que denota e pela ingenuidade das gratuitas affirmativas: "Elle é uma especie á parte, na Humanidade. Tudo de grande que o Mundo tem visto — foi feito por elle. Tanto menos teutonico um paiz, tanto mais barbaro e atrasado."

Todos os grandes homens da arte, da sciencia, em summa da cultura humana, foram arianos teutos. Christo? Foi, para Chamberlain, um ariano-teuto, nascido, por acaso, na Judéa...



## XV

Ha dois argumentos frequentes na phrase dos que versam o problema do povoamento deste paiz:

a) Tem o Brasil mais de oito milhões e meio de km.<sup>2</sup>. Si é certo que aqui existem uns 35 milhões de individuos, a densidade da população é de 4 habitantes por kilometro. Para eleva-la rapidamente como convém, só appellando para os alienigenas.

b) O Brasil precisa de braços para tirar partido de suas riquezas.

\*  
\* \*

O assumpto é de importancia excepcional.

Primeiro — porque tóca de perto os nossos interesses espirituaes: lingua, crenças, habitos.

Segundo — porque interessa grandemente a

um certo numero de regiões cuja riqueza está latente.

Terceiro — porque ha um grande numero de respeitaveis capitalistas, agricultores e industriaes, cuja fortuna, de grande importancia para a economia geral do paiz, não se desenvolve em passo accentuadamente acelerado *porque falta o homem.*

Reconhecendo, deste modo, toda a sua grandeza, examinemos de perto os dois argumentos.

\*

\* \*

Os nossos  $8\frac{1}{2}$  milhões de kilometros jamais poderão receber, integralmente, os habitantes que se lhes quer dar.

E' indispensavel cortar, naquelles kilometros, a immensa superficie que cabe ás *planicies arenosas*. Lembremo-nos do *mar de areia* de Antonio Pires de Campos, do grande chapadão que se estende de Mato-Grosso ao interior dos estados no Nord'Este. E não será demais juntar algumas *regiões das seccas*...

\*

\* \*

O caso, então, muda de figura. Já não temos os taes  $8\frac{1}{2}$  milhões a povoar.

Calculando muito por baixo cada parcella acima apontada, restam, de facto, para o Brasil *oecumenico*, no sentido de Ratzel, uns cinco milhões: A *densidade* real deve ser, pois, actualmente, de 7 habitantes por km.<sup>2</sup>. Estamos, em verdade, muito longe da densidade da Espanha (40) ou da Italia (140) ou de Portugal (65). Mas estes numeros não são o ideal. Já indicam plethora de gente. São esses os paizes da Europa em que maior emigração se verifica.

Levadas em conta as nossas condições de vida facil (ausencia de invernos rigorosos, necessidades alimentares mais reduzidas...) admitta-se que a *densidade hespanhola* é optima para o Brasil. Admitta-se, apenas para raciocinar. Mesmo porque a *densidade de população* não é, como pensam os pregoeiros do povoamento *à outrance*, condição de progresso. Basta lembrar que os Estados Unidos da America têm a exigua densidade de 15 habitantes por km.<sup>2</sup>... Conceda-se, porém, que são precisos os 40 habitantes por km.<sup>2</sup> para que o progresso se desencadeie, aqui, ainda mais velozmente.

\*

\* . \*

Ora, o Brasil tinha cerca de 4 milhões de habitantes no começo do seculo passado.

Em cem annos passou a ter trinta. Desses trinta foram trazidos uns dez milhões, (negros e europeus). A observação estatística demonstra que o *crescimento global*, é de tal ordem que a população, aqui, duplica em cerca de 30 annos.

Quer isto dizer que, ao chegar o fim deste seculo, a população do Brasil contará uns 150 milhões approximadamente.

\*

\* \*

As coisas, de facto, não se passam inteiramente assim. Porque a *curva de crescimento da população* é como a do crescimento de um individuo. Não sóbe regular e continua. Ha phases de estacionamento. Portanto, em 1980 não seremos, realmente, tão numerosos. Mas seremos, seguramente, cerca de 100 milhões. Haverá, então, por km.<sup>2</sup> de *Brasil oecumenico*, cerca de 20 habitantes.

Isto é, porém, um dado que precisa ser corrigido. Porque, de facto, estamos raciocinando como si os nossos portos permanecessem absolutamente fechados aos estranhos, coisa absurda. A immigração espontanea tende a augmentar, por diversas causas:

Primeiro — porque os que vivem bem aqui, naturalmente, influem para que outros venham...

Segundo — porque as condições de conforto e as facilidades de trabalho, a prosperidade economica do Brasil, fatalmente hão de ir melhorando.

Terceiro — porque a verdade sobre a vida do immigrante no Brasil será cada vez mais bem conhecida: as nossas publicações, as viagens, o cinema, o radio, levarão noticias menos exageradas (boas e más) a nosso respeito.

\*

\* \*

Examinemos, agora, o segundo argumento.

Desejar *braços* para as fazendas e as fabricas, sem nenhuma outra consideração, é um ponto de vista indefensavel.

Então o problema não seria mais absolutamente anthropologico, como não o é o ajuste de um electricista. . .

Mas, ainda no interesse da demonstração, supponhamos que assim seja: faltam braços?

\*

\* \*

*Faltariam braços* — si todas as existencias já estivessem com a sua capacidade normal esgotada, si todos os braços já estivessem utilizados com rendimento accetavel. Estamos longe disso.

A producção individual, no Brasil, é tão pequena que surprehende os que conhecem de perto o trabalhador nacional. Li, uma vez, no Instituto Historico, a copia de uma carta de Martius, dirigida ao Consul Sturz (1852). O grande naturalista dizia, naquelle documento, que nenhum paiz podia ser comparado ao Brasil com mais verdade do que a ilha de Cuba. Por todas as razões. Pois bem: são precisos seis brasilianos para obter a producção de um cubano (1)...

*Dizer que o Brasil precisa de braços* — é afirmar a irremediavel insufficiencia da sua gente. Chega-se ao seguinte irrisorio absurdo: é preciso que o Brasil tenha muitos milhões de habitantes para realizar o que outro qualquer paiz consegue com poucos milhões.

Falhas da terra? Da gente?

\*

\* \*

A terra, de facto, não é aquelle *lugar vizinho do Paraizo*, de que falou Americo Vesputio. Mas é "generosa e boa" como queria Rio Branco.

---

(1) BRASIL: Sup. — 8.511.190 k.<sup>2</sup> Pop. — 36.871.000 hb. Densidade por k.<sup>2</sup> = 4.3 hb. Exportação — 3.970.273.455\$000. Per capita = 10\$700.

CUBA: Sup. 1.114.525 k.<sup>2</sup> Pop. — 3.569.000 hb. Densidade por k.<sup>2</sup> = 31 hb. Exportação 2.613.600:000\$000. Per capita = 62\$000.

(Knauss = Welt — Atlas — 1928).

E a gente?

A gente vai resolvendo os seus casos praticos, vencendo, galhardamente a conquista das suas riquezas territoriaes, com uma valentia e com uma tenacidade unicas nos fastos universaes. Repito sempre os mesmos exemplos: o movimento bandeirante, a occupação do Amazonia e a conquista da Rondonia. Repito porque desejaria que todos os brasileiros pudessem recordar esses episodios quando, em hora de desanimo, perguntassem: que tem feito a minha gente de realmente grandioso, para que volte a ter confiança nella?

Os tres formidaveis episodios são coisas objectivas, certas, indiscutiveis. Não são affirmações sentimentaes, nem rhetoricas...

\*

\* \*

Mas, além disso, a gente vai tambem resolvendo o seu proprio problema, eliminando suavemente certos typos e plasmando-se em outros de que este trabalho dará noticia.

De onde, então, provem a insufficiencia?

Unica e exclusivamente de um elemento decisivo: *falta de organização nacional*. (Alberto Torres). *O Brasil*, pregava o homem de genio, *tem de ser obra de arte politica*. E' uma nação que será o que as classes cultas fizerem della.

\*

\* \*

*Organização nacional, no Brasil, quer dizer principalmente, educação do povo, nacionalização da economia e circulação das idéas e da riqueza.*

\*

\* \*

Quando o immigrante é collocado ao lado do nosso homem rustico (S. Bernardo — S. Paulo) — nacionaliza-se depressa. Mas passa a ter a mesma diminuta *efficiencia paradoxal* apontada. Quando isolado, em boas condições de meio, começa a *produzir progresso* (colonias de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul) — mas não se nacionaliza *tão depressa* quanto seria desejavel, por culpa daquellas causas.

O ambiente não é favoravel. Logo, não é da *raça a deficiencia*, uma vez que já se apontou o que ella vale. *Falta de braços significa máu aproveitamento dos braços existentes.*

\*

\* \*

A politica do povoamento do Brasil, desde o inicio, foi sempre baseada em maus *expedientes*:

a) Trucidou o indio.

b) Importou negros escravos — o que foi uma necessidade — *mas os deixou absolutamente embrutecidos*. Não deu um passo para elevá-los e prepará-los para a liberdade.

c) Mandou buscar, a peso de ouro, gente branca, sem *escolha*, nem *fiscalização*, entregando-lhe, desde logo, um capital apreciavel, terra, casa, ferramentas, assistencia...

d) Abandonou á triste sorte da sua indigencia os melhores elementos nacionaes.

\*

\* \*

Visto que o seu modo de agir, na luta pela conquista da terra, não permite que se considerem os mestiços do Brasil como *gente moralmente degenerada*, vejamos si as suas características anthropologicas mostram signaes de decadencia anatomica ou physiologica; vejamos si é gente *physicamente degenerada*.

Comecei ha cerca de vinte annos a colligir dados anthropometricos, para verificar as características da população do Brasil.

Não desejo dar por terminado esse trabalho porque julgo ser conveniente ir sempre acompanhando a evolução morphologica dos typos. E' por isso um trabalho, digamos, que não acaba... Co-

mo não acaba a observação do crescimento de uma arvore secular que é, até certo ponto, indeterminado.

Em vez de me servir das fichas obtidas (cerca de 2.000) e determinar as diferentes *medias arithmeticas*, preferi fazer a analyse dos typos, realizando a *seriação dos caracteres*, de accôrdo com a sua frequencia, conforme hoje se pratica em toda a biologia. Tomei para base desses estudos, *rapazes de todos os estados, filhos e netos de brasilianos, de 20 a 22 annos*, TODOS SA-DIOS e sujeitos ás mesmas condições de vida. O numero dos individuos poderia ter sido maior. Mas isso, de facto, importa pouco, visto que, fazendo a *seriação*, no fim de um certo numero obtem-se uma *curva* ou *polygono de frequencia*, cujo vertice se mantem nas proximidades da mesma abcissa, embora vá subindo, naturalmente, com o numero de observações. Foi mesmo por isso que, depois de estudar todas as fichas, procedeu-se á selecção mais rigorosa do material, abandonando grande numero e só aproveitando as que se apresentavam isentas de quaesquer senões em relação com a technica anthropometrica adoptada (2).

---

(2) "Da nie alle Individuen einer Gruppe untersucht werden können, sondern gewöhnlich nur ein ganz geringer Bruchteil der Beobachtung zugänglich ist, so ist wiederholt die Frage aufgeworfen worden, wie gross ein Material sein müsse, um zuverlässige Resultate, die für das Ganze gelten, zu gewinnen, Je

A technica empregada foi a mesma que está descripta no Boletim do Museu Nacional.

Desde 1923 acham-se publicados os resultados geraes destes trabalhos no Relatorio do Director do Museu Nacional (Rio, 1923). Alguns dados estão expostos ao publico nas salas da Secção de Anthropologia.

\*

\* \*

Os principaes typos anthropologicos caracterizados na população brasiliana podem ser reunidos em 4 grupos:

- 1 — Leucodermos (Branco).
- 2 — Phaiodermos (Branco×Negro).
- 3 — Xanthodermos (Branco×Indio).
- 4 — Melanodermos (Negros).

Todos os outros typos: Cafusos, Xibáros, Caborés, etc., são numericamente insignificantes.

---

grösser die Individuenzahl, um so grösser ist naturgemäss auch die Wahrscheinlichkeit, dass die berechneten Durchschnittswerte, die Grenzen der Variabilität usw. mit den wirklichen Verhältnissen der Gesamtgruppe übereinstimmen. Im allgemeinen wird diese Uebereinstimmung eingetreten sein, wenn das einmal gewonnene Resultat durch Hinzufügen neuer Fälle nicht mehr verändert, d. h. wenn ein berechneter Durchschnittswert in seiner gesamtem Zahl konstant wird."

"Rudolf Martin — *Lehrbuch der Anthropologie*, Zweite vermehrte Auflage. — Erster band: Somatologie — Jena. 1928.

Em 1922, pelos estudos realizados no Museu Nacional, a constituição anthropologica do povo brasileiro era a seguinte:

Branços . . . . .	51 %
Mulatos . . . . .	22 %
Caboclos . . . . .	11 %
Negros . . . . .	14 %
Indios . . . . .	2 %

\*

\* \*

Os brasileiros leucodermos apresentam dois typos de estatura: ao redor de 1m,63 e de 1m,69. A estatura dos brancos tende a augmentar. Acham-se os mais numerosos entre os typos acima da media geral dos hominidios (1m,65). Os mais altos, em geral, são individuos mais claros. São mais frequentes no sul do paiz.

Italianos . . . . .	1,58 a 1,66	— Livi.
Portuguezes . . . . .	1,63	— — Mendes Corrêa
<b>Brasilianos</b> . . . . .	1,63	— — Roquette-Pinto.
Francezes . . . . .	1,64	— — Bertillon.
Russos . . . . .	1,64	— — Rojdestwensky.
Polonezes . . . . .	1,64	— — Magierowski.
Rumaicos . . . . .	1,65	— — Pittard.
Belgas . . . . .	1,65	— — Houzé.
Bavaros . . . . .	1,65	— — Ranke.
Turcos . . . . .	1,66	— — Pittard.

Hollandezes . . . .	1,67	— —	Deniker.
<b>Brasilianos</b> . . . .	1,69	— —	Roquette-Pinto.
Servios . . . .	1,69	— —	Lajorevitch.
Suecos . . . .	1,72	— —	Lundborg-Linders.

As estaturas predominantes nos leucodermos não denunciam degeneração. Ao contrario. Collocam esses typos entre os mais bem dotados da raça branca.

\*  
\* \*

A curva de frequencia do *indice cephalico* mostra notavel homogeneidade, ao redor do indice 81, que corresponde a moderada brachycephalia:

Suecos . . . .	77,7	—	Lundborg-Linders.
Italianos . . . .	78,5 a 85,9	—	Livi.
Japonezes . . . .	80,5	—	Matsumura.
<b>Brasilianos</b> . . . .	81	—	Roquette-Pinto.
Normandos . . . .	81,3	—	Spolikowsk.
Russos brancos . . . .	81,5	—	Rojdestwensky.
Eskimós . . . .	81,6	—	Boas.
Philippinos . . . .	81,8	—	Bean.
Chinezes . . . .	81,8	—	Hagen.
Indios Trumai . . . .	81,9	—	Ranke.

\*  
\* \*

Dolichocephalos . . . . .	x — 75,9
Mesocephalos . . . . .	76,0 — 80,9
Brachycephalos . . . . .	81,0 — 85,4
Hyperbrachycephalos. . . . .	85,5 — x

(R. Martin)

\*

\*

\*

O *índice nasal* dos leucodermos brasileiros segue uma curva que apresenta dois pontos de maior densidade: 62 e 68.

Suecos . . . . .	62,7	— Lundborg-Linders.
<b>Brasilianos</b> . . . . .	62	— Roquette-Pinto.
Portuguezes. . . . .	65	— Mendes Corrêa.
Escossezes . . . . .	65	— Beddoe.
Armenios . . . . .	66	— Pittard.
Inglezes .. . . .	67	— Beddoe.
Francezes . . . . .	67	— Collignon.
Italianos. . . . .	67,3 a 68,8	— Livi.
<b>Brasilianos</b> . . . . .	68	— Roquette-Pinto.
Esquimós . . . . .	68	— Boas.
Rumaicos . . . . .	69	— Pittard.
Hindús . . . . .	80	— Risley.

Pelo índice nasal, os brasileiros brancos ocupam lugar de destaque entre os representantes das raças de nariz mais afilado (Leptorrhinos):

Leptorrhinos. . . . .	x — 69,9
Mesorrhinos . . . . .	70 — 84,9
Chamaerrhinos . . . . .	85 — 99,9

(R. Martin)

\*  
\* \*

A altura da face é, nesses typos, muito menos variavel do que a largura. Na curva da linha bi-zygomática notam-se dois pontos salientes (134 e 140). Acredito que nos typos brancos a face larga (140) denuncia influencia de sangue indio. Creio que a largura bi-zygomática é, no cruzamento, factor amarello *dominante*.

A comparação das curvas do *perimetro thoracico* e da espirometria, nos leucodermos, é interessante. Emquanto, nos brasilianos brancos, ha dois perimetros thoracicos dominantes (85 e 91), a capacidade respiratoria não apresenta os mesmos accidentes; anda por 3,7 litros a mais frequente.

\*  
\* \*

Os typos brasilianos leucodermos podem ser caracterizados, em resumo:

*Individuos de pelle branca em geral trigueira (n.ºs. 10 a 19 da Escola de von Luschan), cabellos negros e ondulados (kymatotrichos), olhos em geral escuros (pardos ou negros), estatura mediana, ou pequena, brachycephalia, leptorrhinia accentuada.*

\*

\* \*

Os mulatos brasileiros têm estatura predominante ao redor de 1m,64. Mas apresentam um outro typo menos frequente, perto de 1,73. A curva movimenta-se claramente para a estatura menor levando-os para as proximidades dos brancos mais baixos.

E' certo que a maioria dos africanos recebidos pelo paiz tenham vindo da costa occidental.

Braz do Amaral, aponta as regiões de Lagos, Abeokuta, Loanda, Mossamedes, Serra Leôa, como origem do maior numero.

Nessas regiões, orçam as estaturas pela media dos nossos mulatos (1,64). Pygmeus, não os recebeu o paiz, nem seria razoavel importar escravos tão pequenos. Alguns hottentotes, visivelmente, foram trazidos. Mas deve correr por conta dos negros Mandingo — ou dos Sudanezes a estatura mais elevada que nos phaiodermos se encontra; em alguns deriva do sangue branco dos leucodermos mais altos.

Nos Estados Unidos a estatura elevada dos mulatos (1,69) parece ter proveniencia branca.

\*

\* \*

A curva de frequencia do *indice cephalico*, nos mulatos do Brasil, denuncia uma grande homogeneidade ao redor do indice 78. Elles têm a cabeça pouco mais longa do que os brancos. São mesocephalicos proximos das populações negras, da Africa Occidental.

\*

\* \*

A curva do indice nasal dos mulatos do Brasil é extraordinariamente interessante, visto que se trata do mais importante caracter anthropologico. Vê-se bem, pelo exame desse traçado, a grande variação do caracter fundamental no typo instavel que é o dos mulatos, oscillando entre os extremos em que se firmam os progenitores.

Em todo caso, nota-se que existem tres accentuados accidentes na curva (72, 78 e 84) e mais que o seu movimento é francamente dirigido no sentido dos indices menores. Ha uma tendencia marcada nos mulatos para os indices leptorrhinos. O confronto das curvas dos indices nasaes de leucodermos e phaiodermos permite verificar que existem numerosos mulatos que, pelo esqueleto do nariz, se acham na vizinhança dos brancos ou, possivelmente, com elles confundidos. E' bem menor o dos que tendem á raça negra. De qualquer modo, mais uma vez fica bem demonstrado

que não existe, nunca, a cerebrina  *fusão das raças*...

\*

\* \*

Os graphics referentes ao comprimento e á largura da face, ao perimetro thoracico e mesmo á capacidade vital dos mulatos confirmam a variedade do typo.

São mais frequentes as faces estreitas. A curva de frequencia da linha bi-zygomática coincide quasi com a dos leucodermos (184-140).

Mas, tendo a mesma largura na face, os mulatos apresentam um typo de muito maior comprimento ou altura (127) que, nos brancos, se não encontra.

\*

\* \*

Quanto ao perimetro thoracico, ha nos mulatos dois typos, um de peito menor (85) que é o mais numeroso e outro de thorax amplo (91). Esses dados coincidem tambem com o que se vê nos brancos.

*A capacidade vital* é um pouco maior nos mulatos. Mas nisso influem mais do que a raça as condições profissionaes.

\*  
\* \*

Os mulatos do Brasil formam um grupo pouco homogêneo. Há nelles accentuada tendencia para a raça branca de que muito se approximam por differentes caracteres. Nenhum dos caracteres estudados (estatura, indice cephalico, indice nasal, perimetro thoracico, comprimento da face, largura bi-zygomática, espirometria) permite consideral-os como typos involuidos.

Podem ser, em resumo, assim caracterizados:

*Individuos de pelle parda mais ou menos escura (nos. 20 a 30 da Escala de von Luschan); olhos escuros (negros ou pardos); cabellos ulotrichos; estatura mediana; mesocephalos; mesorrhinos; face estreita.*

\*  
\* \*

A estatura dos brasileiros xanthodermos (caboclos) apresenta dois pontos de maxima densidade (1,63 e 1,69). O movimento geral da curva dirige-se visivelmente para a estatura mais elevada. Afasta-se a curva da que encontramos nos phaiodermos e aproxima-se bastante da que se verifica nos brancos. Os indios mais altos do Brasil (Bororo — 1,73 — Karajá — 1,68 — Nahu-

quá — 1,68) pouco influíram no cruzamento. Os Tupí, Aruak e Carahiba do extremo norte, alguns Gê do Sul da Bahia e de Minas deram o contingente maior. São todos de pequena estatura (1,58 a 1,64). De sorte que deve correr, francamente, por conta do sangue dos brancos a estatura relativamente elevada dos nossos caboclos.

\*

\* \*

O *índice cefálico*, bastante homogêneo, superpõe-se ao dos leucodermos (81). A curva do *índice nasal* denuncia dois typos. Um, ao redor de 67, leptorrhino vizinho de alguns brancos (68); e outro junto do índice 82 mesorrhino próximo dos mulatos. O movimento da curva faz-se no sentido da leptorrhinia, como era de esperar, visto que o nariz estreito e saliente é caracter mendeliano dominante, sobre o nariz chato (Fischer). A influencia da raça branca é aliás notavel visto que os indios do Brasil que conhecemos têm índices muito maiores: Auetô — 69,5; indios do Xingú — 73,6; Nahuquá — 75,4; Pareci — 71; Nambikuara — 85.

\*

\* \*

Nos caboclos a largura da face é homogênea. Orça pelos 134 mm. Quanto á altura, as faces curtas predominam de maneira notavel (117). Parece existir um segundo typo de face mais longa (126). A caracterização, porém, vai se fazendo no sentido do primeiro.

\*

\* \*

O perimetro do thorax, nesses typos, é relativamente grande (880). Mas, apesar da regularidade da sua curva, nota-se que a *capacidade vital* não segue a mesma linha e apresenta dois pontos de maxima densidade ( $3^1,4$  a  $4^1$ ). A curva da espirometria ajusta-se facilmente á da estatura. Isso parece indicar um typo de *respiração abdominal* predominante, dependente mais da estatura do que dos diâmetros do thorax.

\*

\* \*

Caracteres geraes nos xanthodermos: *Pelle 20 a 30 de von Luschan; cabellos negros, lissotrichos; olhos escuros; ás vezes, de fenda palpebral levemente obliqua; face larga; estatura mediana ou pequena; brachycephalos; leptorrhinos ou mesorrhinos.*

\*

\* \*

Os brasileiros melanodermos grupam-se, quanto á estatura, ao redor de 1m,64. Ha, entre elles, um segundo typo mais alto (1,73) que a curva parece indicar estar perdendo terreno em beneficio do primeiro. Tudo isso está de accôrdo com o que se sabe a respeito das tribus negras importadas durante os seculos da escravidão.

A massa geral, como já vimos, veiu de regiões em que a estatura de 1,64 predomina (Ioruba, Minas, Angola). Dos povos africanos de estatura mais elevada vieram poucos (Mandingo, etc. — 1,70).

\*

\* \*

O indice cephalico dos negros brasileiros anda pela brachycephalia (81 a 84).

São os negros africanos, em geral, dolichocephalos (72 a 75). Entre elles, de cranio curto, citam-se apenas os Sara (82,5), medidos pelo Dr. Poutrin, gente aparentada com os Haussás, nação mahometana que deu em 1808 os revoltosos de 8 de Junho, na Bahia (3).

---

(3) Australianos, 68; Neo-Caledoneos, 70; Malinké, 71; Bakongo, 72; Fulbé, 73; Hotentotes, 74; Papuas, 74; Haussás, 76; Achantis, 76. (Deniker).

A brachycephalia geral dos nossos negros actuaes é, assim, uma surpresa. Acredito que ella deve correr por conta de uma differenciação local, muito possivelmente oriunda de velhos cruzamentos. A menos que não seja caso de mutação (Davenport), ou influencia da *peristase* (Boas).

E', no entanto, quasi certo que não existam hoje *negros puros* no Brasil, a não ser os centenarios, vindos directamente e seus raros descendentes. E' o que parece demonstrar a curva de frequencia do indice nasal dos brasilianos melanodermos. Acham-se nella tres pontos de densidade 70, 79 e 85. No entanto, percorrendo os indices nasaes de todos os negros, verifica-se que elles se encontram sempre entre os *platyrrhinos*, de 85 para cima. Os negros da costa occidental, cujos representantes inundaram o Brasil, attingem indices nasaes maximos (Angola — 107 — Mandingos — 101). Ora, os melanodermos brasilianos de nariz mais achatado (85) são comparaveis, desse ponto de vista, aos *Bastardos* do Sul da Africa (Fischer), aos *Philippinos* (Bean), e acham-se fóra do grande grupo negro. Sendo o indice nasal o mais importante dos caracteres anthropometricos, na discriminação das raças, é quasi certo que isso corra por conta dos factores apontados (4).

---

(4) Philippinos, 83,8; Bastardos, 85,5; Polynesios, 89,8; Pygmeus, 91,7; Malés, 94,5; Dinkas, 98,9; Bushmen, 102; Achantis, 107; Australianos, 107. (R. Martin).

A face tende para o alongamento. A largura bi-zygomática, porém, é grande no maior numero. Ella é mesmo muito maior nos negros do que nos caboclos. Ainda aqui, acredito, ha influencia do cruzamento xanthodermico que só no esqueleto se póde encontrar. O thorax dos negros é amplo (870), vizinho da frequencia encontrada nos caboclos. A espirometria leva-os para perto dos mulatos.

\*

\* \*

*Caracteres geraes dos melanodermos: Pelle 30 a 36 de von Luschán; Olhos escuros; lophocomos ou eriocomos; estatura mediana ou alta; brachycephalos; face alongada.*

\*

\* \*

Os processos biometricos são realmente preciosos no estudo de certos phenomenos considerados pelos naturalistas. Só elles permittem verificar, na enorme desordem apparente, os differentes rythmos da criação. Galton affirmou que nada conhecia mais apto a manifestar a ordem existe no Cosmos do que a *lei de frequencia*. Os gregos, continuava o sabio, tel-a-iam personificado e

endeusado si a tivessem conhecido. "Ella reina, silenciosa e serena, sobre a mais selvagem confusão".

Tres processos têm sido empregados successivamente pelos anthropologos para o estudo e a comparação do material resultante das observações realizadas:

- a) A determinação da media dos valores;
- b) A seriação dos valores;
- c) O calculo biometrico.

De facto, os tres processos, hoje, são applicados simultaneamente. No entanto, nas monographias anthropologicas dos primeiros tempos, quasi que só encontramos as *médias*. E' sabido que foi Quetelet desde 1835 quem, na Belgica, iniciou o movimento biometrico. Em França, muito mais tarde, em 1863, Adolphe Bertillon propoz na Soc. d'Anthropologie a adopção systematica do methodo de *seriação*. Em 1880, Morselli, na Italia, introduziu esse methodo de maneira brilhantissima. Mas desde 1875, na Inglaterra, Galton havia iniciado os seus notaveis trabalhos, seguindo o mesmo rumo. Na Allemanha, em 66, já Welcker havia usado a seriação no exame de material anthropologico.

Do methodo biometrico *strictu sensu* é innegavel que cabe a F. Galton a iniciativa. Elle mesmo, porém, attribuiu a Karl Pearson e a Weldon

a definitiva constituição da *biometria*. "The methods were greatly elaborated by professor Karl Pearson, and applied by him to Biometry. Professor Weldon, of this University, whose untimely death is widely deplored, aided powerfully. A new science was thus created primarily on behalf of Biometry, but equally applicable to Eugenics because, their provinces overlap". Isso se passava por ocasião da publicação da "Natural Inheritance", 1889.

Actualmente existem ainda muitos mestres, para quem todos os processos estatísticos nada mais são, como queria Augusto Comte, do que "empirismo disfarçado em mathematica"... e ao lado de taes scepticos, existem os entusiastas, como Shirokogoroff, que acredita ser possível exprimir em uma formula as acções mutuas de dois grupos ethnicos.

A verdade em tudo isso está na phrase de Johannsen, notavel biologo e biometra de autoridade, quando affirma que os nossos estudos devem ser feitos *com mathematica* e não *como mathematica*: "Mit Mathematik nicht als Mathematik." E sendo assim, é innegavel que as constantes biometricas, reduzidas á sua justa significação, prestam real serviço. Como, porém, a massa geral dos casos observados soffre a triagem necessaria e indispensavel, sem o que o *naturalista* poderia ser dispensado, vê-se que o essencial é antes a *seriação*,

que o cálculo biometrico não é capaz de substituir vantajosamente, na pratica.

No entanto, é interessante consignar aqui alguns dados biometricos do mais importante dos caracteres anthropologicos — o indice nasal — nos dois grupos mais numerosos da população brasileira (leucodermos e phaiodermos).

As formulas empregadas foram as seguintes:

- a) Media arithmetica:

$$Ma = \frac{\sum V}{n}$$

- b) Desvio padrão (Standard deviation):

$$\sigma = \pm \sqrt{\frac{\sum e^2}{n}}$$

- c) Coefficiente de variabilidade:

$$C V = \frac{\sigma}{Ma}$$

- d) Erro medio da media:

$$Er Ma = \pm 0,6745 \cdot \frac{\sigma}{\sqrt{n}}$$

e) Erro medio do desvio padrão:

$$Er. \sigma = \pm 0,6745 \frac{\sigma}{\sqrt{2n}}$$

f) Erro medio de CV:

$$Er. C. V. = \pm 0,6745 \frac{C V}{\sqrt{2n}}$$

$\Sigma$  =somma;  $V$ =variante;  $n$ =numero de casos observados;  $e^2$  quadrado dos desvios da media ( $\pm$ ).

## LEUCODERMOS

(INDICE NASAL)

$$n = 367.$$

$$Ma = 64,12.$$

$$\sigma = \pm 6,86.$$

$$CV = \pm 0,10.$$

$$Er. Ma = \pm 0,2023.$$

$$Er. \sigma = \pm 0,13490.$$

## PHAIODERMOS

(INDICE NASAL)

$$n^1 = 320.$$

$$Ma = 68,30.$$

$$\sigma^1 = \pm 8,48.$$

$$CV = \pm 0,10.$$

$$Er. Ma = \pm 0,2698.$$

$$Er. \sigma = \pm 0,2225.$$

\*  
\* \* \*

Para comparar as duas medias, determina-se a sua differença:

$$68,30 - 64,12 = 4,18$$

e por outro lado determina-se a somma quadratica dos erros medios de ambas as medias de accôrdo com a formula:

$$S = \pm V \overline{\left(\frac{\sigma}{Vn}\right)^2 + \left(\frac{\sigma^1}{Vn^1}\right)^2}$$

No caso considerado:

$$\begin{aligned}
 S &= \pm \sqrt{\left(\frac{6,86}{\sqrt{367}}\right)^2 + \left(\frac{8,48}{\sqrt{320}}\right)^2} = \\
 &= \pm \sqrt{(0,02023)^2 + (0,2698)^2} = \\
 &= \pm \sqrt{0,040 + 0,072} = \pm \sqrt{0,112} = \pm 0,33
 \end{aligned}$$

As medias têm significação real, quando a *somma quadratica* (Boldrini) dos respectivos erros é menor que a diferença existente entre ellas.

A comparação dos resultados ( $\pm 0,33 < 4,18$ ) mostra que leucodermos e phaiodermos são typos bem diferenciados.

\*  
\* \*

Embora do ponto de vista anthropologico o *peso* e a *força* muscular da mão direita tenham muito pouco valor, é interessante consignar algumas das medias obtidas:

#### PESO

100	Leucodermos . . . . .	60-61 kilos
"	Phaiodermos . . . . .	59-63 "
"	Xanthodermos. . . . .	58-62 "
"	Melanodermos. . . . .	61-65 "

## DYNAMOMETRO (mão direita):

100	Leucodermos . . . . .	39k,100
"	Phaiodermos . . . . .	41k,800
"	Xanthodermos. . . . .	41k,500
"	Melanodermos. . . . .	41k,200

\*

\* \*

A força muscular é, pois, menor nos leucodermos. Mas isso deriva de condições profissionais e não tem nenhuma significação anthropologica.

No grupo dos brancos predominavam estudantes, empregados de escriptorio e outros que habitualmente não exercitam os seus musculos como os trabalhadores ruraes e operarios que forneceram os maiores contingentes dos outros grupos.

\*

\* \*

Do ponto de vista physiologico as pesquisas provaram que os cruzamentos entre brancos  $\times$  negro, e branco  $\times$  indio dão sempre typos normaes, a menos que os progenitores não sejam portadores de herança morbida.

Em geral, tem-se o habito de considerar degenerados, mestiços que são apenas doentes ou dysgenicos. Não é o cruzamento; é a doença a causa do aspecto debil de muitos delles.

Durante muito tempo raciocinou-se *a priori* sobre o resultado dos cruzamentos, em vez de procurar, sem idéas preconcebidas, os documentos necessários ao estabelecimento de uma opinião certa.

E' uma questão bastante difficil, á primeira vista; pois que o resultado dos cruzamentos é condicionado não somente por *factores biologicos* mas também por *factores sociaes*.

O crescimento vegetativo mais accentuado no Brasil, revela-se na região dos estados do nordeste onde se encontra uma prova manifesta contra a opinião dos que acreditam nos prejuizos do cruzamento sobre a vitalidade das raças.

Desse ponto de vista, o Estado do Ceará é particularmente interessante. Não recebeu imigração européa, como os do Sul, e, no entanto, é a região de população mais densa. E' a região das familias numerosas, embora seja uma das mais castigadas pelas seccas que, ás vezes, matam alguns milheiros de pessoas. E, por outro lado, é a provincia de homens excepcionalmente dotados, como resistencia *physica* e firmeza moral. Foram elles, principalmente, que conquistaram o immenso territorio da Amazonia. Não ha um rio da grande bacia, onde não exista hoje um estabelecimento, por assim dizer civilizado, ou antes, christão. E' trabalho desses filhos do nordeste, no meio de perigos e difficuldades sem numero. E' talvez

a região em que houve o maior cruzamento leucodermo  $\times$  xanthodermo.

\*

\* \*

A mestiçagem branco  $\times$  negro dá, em geral, famílias pouco numerosas. Não por causa de infertilidade; a razão é outra e prende-se sobretudo a *causas sociaes*. E' que a familia, condição essencial para a protecção das crianças, é muito precaria entre estes mestiços (branco  $\times$  negro ou mulato) devido á falta de educação. E' preciso não esquecer que os seus avós foram escravos, expostos ás piores condições de moralidade. E si se remontar á terceira ou quarta geração, pode-se alcançar mesmo africanos anthropophagos... Por isso a mortalidade de mestiços (sobretudo de mulatos) é muito mais alta na primeira infancia. Mais tarde faz-se uma verdadeira selecção dos mais robustos. Mas, continuando a sua vida de homens que não receberam a minima instrucção, comprehende-se que as doenças (syphilis, malaria, verminose), muito mais que os vicios (embriaguez) os eliminem ainda jovens.

Não é por fraqueza constitucional que esses mestiços estão desaparecendo; é sobretudo pela influencia de condições sociaes.

Do ponto de vista intellectual, os mestiços não se mostram, em coisa alguma, inferiores aos brancos. E' verdade que elles não são tão profun-

dos, embora sejam ás vezes, mais brilhantes. Mas ainda ahi é possivel citar exemplos denunciando que é sobretudo uma questão de cultura, orientada segundo qualidades que os povos latinos prezam de modo particular. Os mestiços que recebem instrucção technica (mesticos, operarios especializados, etc.), são tão bons quanto os europeus. Os que não conhecem sinão os mestiços degradados das grandes cidades, onde o meio cosmopolita corrompe facilmente aquelles que a educação não fortifica, e os que só conhecem os mestiços opilados ou impaludados do interior, não podem fazer idéa da perseverença, da firmeza, da dedicação de que dá prova o do *hinterland*, cuja sobriedade é proverbial.

Do ponto de vista moral, no entanto, é preciso reconhecer que os mestiços manifestam uma accentuada fraqueza: a emotividade exagerada, optima condição para o surto dos estados passionaes.

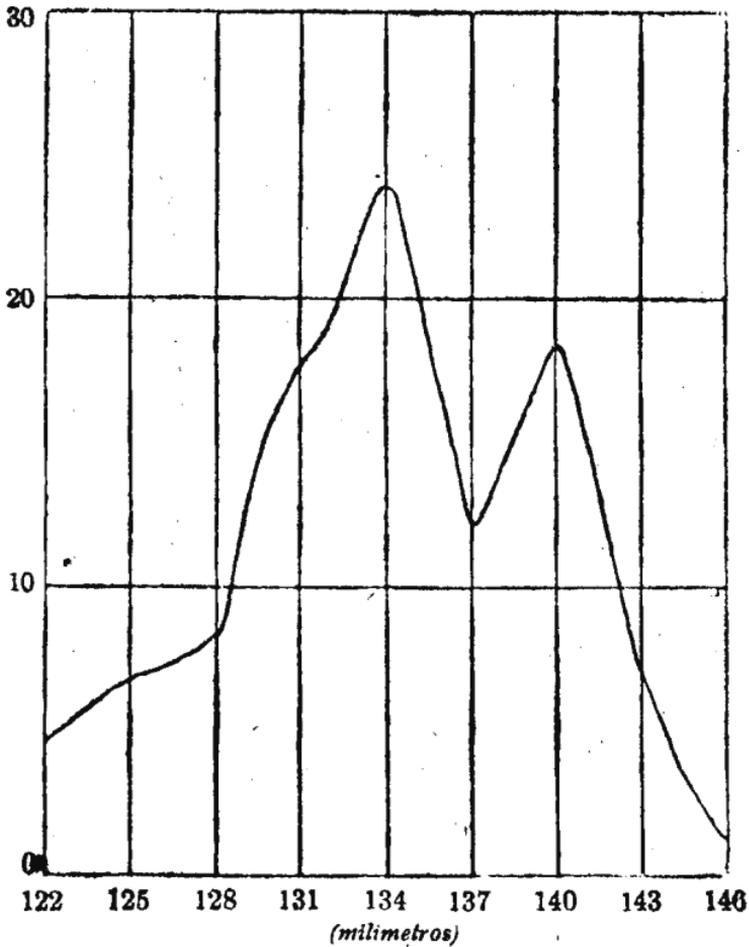
\*

\* \*

O *problema das raças* não existe no Brasil. Negros, indios, mestiços ou brancos, todos gozam mais ou menos das mesmas considerações sociaes que só dependem do grau de instrucção ou de riqueza. D'ahi decorre que os cruzamentos são frequentes, dando uma descendencia no meio da qual vêm-se filhos que tendem para a raça negra ou

## Phaiodermos

0/0



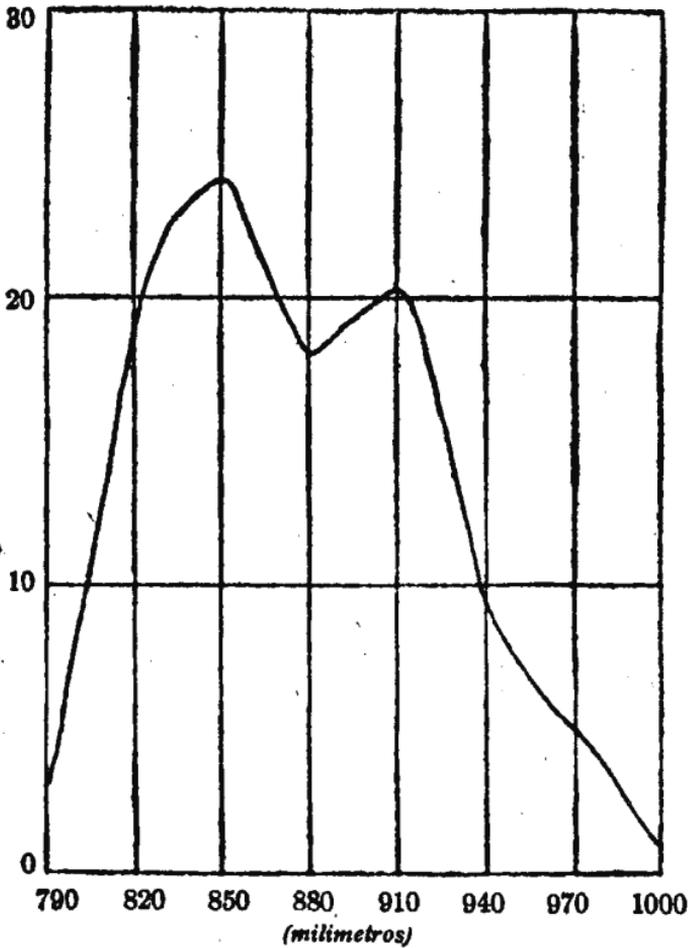
$n = 237$

By-zygomatiko



## Phaiodermos

%



$n = 237$

Perimetro thoracico





Consideremos, por exemplo, os dois casaes A e B. Sejam dois italianos ou dois allemães ou dois portuguezes que se cruzem com duas negras. Na primeira geração (F. 1), os filhos são sempre mulatos. Em geral, no entanto, a união não se faz entre o *homem branco* e a *negra*. E' antes entre o *branco* e a *mulata*, sempre typo bem constituido, quando os paes não têm taras pathologicas.

Si os descendentes (F. 1) se casam entre si, é o caso mais frequente, teremos mulatos, negros e brancos, segundo as leis de Mendel, que regem os cruzamentos na especie humana, de accôrdo com as observações de Fischer no Sul da Africa, que os meus estudos, no Brasil, confirmam plenamente.

Examinando-se os graphicos, verifica-se que, por simples jogo de *herança mendeliana*, chega-se a ver, como eu já vi muitas vezes, uma *criança branca* ( $b^1$ ), nos braços de uma *negra*, sua avó ( $n^2$ ).

Entre as duas correntes, uma que affirma a herança mendeliana na especie humana (Davenport), e outra que a contesta — (Boas) — as minhas observações levam-me a preferir a primeira.

No entanto, o individuo negro, ou os individuos mulatos oriundos do cruzamento aqui lembrado, não têm as mesmas garantias de longevidade. Porque, embora não exista a *questão de raças*

no Brasil, não é menos certo que negros e mulatos não encontram a mesma facilidade de vida, o mesmo *amparo social*, que os brancos.

A acção conjugada da *herança mendeliana* e da *selecção social* não pode, dest'arte, ser desprezada quando se consideram os typos anthropologicos do paiz.

\*

\* \*

E' possivel que a mais notavel tentativa até hoje realizada para a caracterização psychologica das raças tenha sido a de S. D. Porteus e M. E. Babcock, effectuada em Hawaii. O livro que a respeito publicaram (*Temperament and Race* — Boston — 1925) é obra interessantissima, cheia de notas curiosas e inegavelmente escripta com accentuado espirito critico. No capitulo da comparação psychologica dos grupos raciaes do Hawaii, a obra mostra, no entanto, os pontos fracos das pesquisas comprehendidas — e os autores não escondem as falhas existentes no processo adoptado. Assim procuraram elles determinar o que chamam o *Racial Efficiency Index*, depois de haver abandonado as conclusões colhidas em relatorios de officiaes de *Bureau of Immigration*. "The method dizem elles, of basing conclusions ou such reports and opinions is of course a rather insatisfactory one..."

Para o Índice de Efficiencia Racial seguiram outros caminho. A população obreira de Hawaii constava de:

Japonezes . . . . .	298
Philipinos . . . . .	438
Chinezes . . . . .	80
Koreanos . . . . .	14
Porto-riquenses . . . . .	7
Hawaiianos. . . . .	16
Portuguezes . . . . .	62
Espanhoes . . . . .	4
Diversos. . . . .	6

Quasi todos dedicavam-se á industria assucreira, seja na parte agraria ou na mecanica.

A respeito da população foram obtidos 25 depoimentos de pessoas conhecedoras da terra e da gente; 16 eram administradores de fazendas, outros eram chefes industriaes, medicos e educadores. As investigações levaram em conta apenas seis grupos raciaes:

1 — Japonezes; 2 — Chinezes; 3 — Portuguezes; 4 — Hawaiianos; 5 — Philippinos; 6 — Porto-riquenses.

Como os portuguezes frequentemente occupavam os postos de responsabilidade (skilled and semi-skilled jobs) — os autores pediram aos 25 juizes que se guiassem antes pela sua propria experiencia passada do que pela consideração da

“present condition of affairs in plantation work”. Isso porque os taes portuguezes “may perhaps be above the average of their racial group”...

O questionario de Porteus e Babcock apresentado aos 25 juizes foi o seguinte:

“1 — *Group planning capacity*”

Das 6 raças consideradas, qual é a que demonstra possuir a maior capacidade de planejar, qual a que tende mais ao preparo do futuro, qual a que mais se esforça por adaptar os seus proprios meios ao fim collimado, “to be long-headed” (sic.).

“2 — *Resistance to suggestion — self determination*”

Qual é o grupo mais suggestionavel, qual o que tende a agir de accordo com a ultima opinião recebida de outrem?

“3 — *Inhibition of impulse — Prudence*”

Qual o grupo racial mais impulsivo, o que mais age sem adequada ponderação?

“4 — *Resolution — Determination*”

Qual o grupo mais resolutivo em frente ás difficuldades ou perigos?

“5 — *Self control*”

Qual é o grupo que mais consegue controlar as emoções, mantendo a mesma linha em circumstancias inusuaes?

“6 — *Stability of interest*”

Qual o grupo que demonstra maior pertinacia e maior estabilidade no rumo do seu objectivo?

“7 — *Conciliatory attitude — Tact*”

Qual é o grupo que menor consideração presta aos que se oppõem á sua ambição?

“8 — *Dependability*”

Qual é o grupo que manifesta maior fidelidade, mais cuidado no cumprimento dos seus contractos e obrigações?

\*

\* \*

Dos seis grupos raciaes do Hawaii, interessam-nos aqui os Portuguezes, os Japonezes, os Chinezes e os Porto-riquenses.

Os resultados obtidos pelos autores foram os seguintes. (Maximo=5 pontos):

Previdencia :

Japonezes . . . . .	5,00
Chinezes . . . . .	3,80
Portuguezes . . . . .	3,24
Porto-riquenses . . . . .	1,28

Resolução:

Japonezes . . . . .	4,84
Chinezes . . . . .	3,92
Portuguezes . . . . .	2,64
Porto-riquenses . . . . .	1,56

Estabilidade:

Japonezes . . . . .	4,68
Chinezes . . . . .	4,44
Portuguezes . . . . .	3,48
Porto-riquenses . . . . .	1,65

Self-Control:

Japonezes . . . . .	4,44
Chinezes . . . . .	4,40
Portuguezes . . . . .	2,44
Porto-riquenses . . . . .	1,65

## Previdencia:

Japonezes . . . . .	4,24
Chinezes . . . . .	4,28
Portuguezes . . . . .	2,64
Porto-riquenses . . . . .	1,60

## Self-Determination:

Chinezes . . . . .	4,28
Japonezes . . . . .	4,00
Portuguezes . . . . .	3,64
Porto-riquenses . . . . .	2,40

## Fidelidade (Dependability):

Chinezes . . . . .	4,72
Japonezes . . . . .	3,80
Portuguezes . . . . .	3,04
Porto-riquenses . . . . .	1,26

## Conciliação:

Chinezes . . . . .	3,96
Portuguezes . . . . .	2,28
Japonezes . . . . .	1,88
Porto-riquenses . . . . .	2,30

Os autores commentam, em seguida, os dados colligidos. . . mas se *esquecem* de dizer si não eram norte-americanos os taes 25 juizes.

A respeito dos Porto-riquenses escrevem "Racially the Porto Rican is a hybrid of widely different blood stains, a mixture of spanish, negro, and aboriginal Indian — (como os brasileiros) — so that in his racial affinities he may be said to out-Mexican the Mexican. He shows the worst qualities of the Portuguese and the Philipino..."

E' quasi certo que os 25 juizes eram norteamericanos.

\*

\* \*

A posição occupada pelos Japonezes, nesse inquerito anthropo-psychologico, é mais uma prova brilhantissima contraria aos que maldizem os cruzamentos. Si ha povo de origem hybrida — como dizem os autores — são os Japonezes, derivados de velhos cruzamentos entre os typos humanos que tambem concorreram no Brasil: ainos (brancos), mongóes (amarellos) e indonésios (negroides).

\*

\* \*

Não é preciso encarecer as falhas do trabalho aqui resumido. Ellas se ostentam luminosamente, no simples enunciado do methodo e dos resultados

apresentados. No entanto, vale a pena cotejar aquelles dados com os que foram obtidos no Brasil.

\*

\* \*

Em 1926 a Sociedade Nacional de Agricultura publicou um grande volume contendo os resultados de um inquerito realizado a respeito da immigração. Foram distribuidas 6.000 circulares, contendo um questionario de que só nos interessa aqui uma das perguntas:

“X — Quaes as idéas de V. Ex. a respeito do trabalhador nacional, sua localização, seu apego a terra, sua aptidão para a lavoura e a criação?”

Foram recebidas 166 respostas provenientes de agricultores, medicos, advogados, engenheiros, industriaes, jornalistas, etc.

Os resultados obtidos acham-se assim expressos:

Francamente favoraveis . . . .	84
Favoraveis em principio, mas reclamantes de providencias pela prophylaxia, hygiene, educação e instrucção . . . .	39
Sem opinião a respeito . . . .	22
Desfavoraveis . . . . .	21

Os vinte e um depoimentos desfavoraveis justificam o voto, em resumo, affirmando que são instaveis, impulsivos, indolentes, ignorantes ou doentes.

\*  
\* \*

A titulo de simples ensaio, de valor muito aleatorio, pelas razões apresentadas acima, quando foi apreciado o trabalho de Porteus e Babcock, em Hawaii, foram consultadas pelo Museu Nacional 15 pessoas, capazes de opinar — (naturalistas, medicos, professores, engenheiros, militares, fazendeiros) — todas ellas conhecedoras profundas da terra e da gente, dotadas de alto censo critico, representantes das diversas raças. Foi-lhes apresentado questionario identico ao daquelles autores.

Os resultados dessas pesquisas são os seguintes (Medias):

1) Previdencia:

Leucodermos . . . . .	4,50
Phaiodermos . . . . .	3,00
Xanthodermos . . . . .	2,40
Melanodermos . . . . .	1,70

2) Suggestibilidade:

Phaiodermos . . . . .	4,10
Melanodermos . . . . .	3,80

Xanthodermos . . . . .	2,60
Leucodermos . . . . .	2,30

## 3) Impulsividade:

Phaiodermos . . . . .	4,00
Xanthodermos . . . . .	3,60
Leucodermos . . . . .	3,10
Melanodermos . . . . .	2,80

## 4) Decisão:

Xanthodermos . . . . .	4,20
Leucodermos . . . . .	4,00
Melanodermos . . . . .	3,50
Phaiodermos . . . . .	3,40

## 5) Dominio proprio (Self-Control):

Xanthodermos . . . . .	4,20
Leucodermos . . . . .	4,00
Melanodermos . . . . .	3,10
Phaiodermos . . . . .	2,20

## 6) Pertinacia:

Leucodermos . . . . .	4,50
Xanthodermos . . . . .	4,00
Phaiodermos . . . . .	2,70
Melanodermos . . . . .	2,50

## 7) Conciliação:

Phaiodermos . . . . .	3,80
Leucodermos . . . . .	3,50

Melanodermos . . . . .	2,80
Xanthodermos . . . . .	2,50

## 8) Fidelidade:

Xanthodermos . . . . .	3,80
Melanodermos . . . . .	3,70
Leucodermos . . . . .	3,60
Phaiodermos . . . . .	1,50

Caracteres dominantes em cada grupo em relação aos outros:

- 1) Leucodermos — Previdencia, Pertinacia.
- 2) Phaiodermos — Suggestibilidade, — Impulsividade, — Conciliação.
- 3) Xanthodermos — Decisão, — Self-Control, — Fidelidade.

\*  
\*   \*  
\*

A' vista de todos os dados condensados nesta monographia, póde-se concluir que nenhum dos typos da população brasileira apresenta qualquer estigma de degeneração anthropologica. Ao contrario. As características de todos elles, são as melhores que se poderiam desejar.

Fica tambem provado mais uma vez que o cruzamento, longe de ser uma  *fusão*  ou  *caldeia-*

*mento*, seguiu aqui leis biologicas já conhecidas, e de nenhum modo — documentadamente — póde ser considerado factor dysgenico.

\*  
\*      \*

O numero de individuos somaticamente deficientes, em algumas regiões do paiz, é realmente consideravel. Isso, porém, não corre por conta de qualquer factor de ordem racial; deriva de causas pathologicas cuja remoção na maioria dos casos independe da anthropologia. E' questão de politica sanitaria e educativa.

\*  
\*      \*

Os caracteres de duas raças que se cruzam, diz muito bem Eugen Fischer, ficam lado a lado, nos descendentes a espera que a selecção suscite o predomínio de um delles. Scheidt — (1925) — é ainda mais explicito: — “Todas as observações rigorosas até hoje realizadas — infelizmente ainda pouco numerosas — mostram que não existe *dominancia* de uma raça sobre outra, sendo os caracteres raciaes particulares herdados de per si; a raça como complexo de caracteres determinados, no cruzamento, como tal, pode desaparecer, e

em geral desaparece, representando o *mestiço* uma nova composição de varios caracteres raciaes recebidos dos progenitores”.

A expressão — *mistura de raças* — é absurda. A *mestiçagem* é antes *combinação* — que bem se póde approximar das que se passam em certas reacções chemicas. As substancias que entram no phenomeno não apparecem, no resultante, com os seus caracteres globaes, nem conservam as suas propriedades. Outras propriedades surgem, então, que, ás vezes, nada fazia prever houvessem de se manifestar no produto da combinação. No Brasil é o que se está verificando.

E’ preocupação ociosa e anti-scientifica pretender que o Brasil seja um dia habitado por *um typo* anthropologico. Só os que, erradamente, confundem *raça* e *povo* desejam para este paiz aquella utopica unidade.

Resta agora saber si os typos da raça branca poderão um dia por si só crescer e dominar todo o paiz; si não lhes farão falta alguma gottas de sangue amarello ou negro. Os *alpinos* e *mediterraneos* é fóra de duvida que se aclimatam muito bem sob os tropicos. Dos *nordicos* já se não póde dizer o mesmo.

Fischer affirma a convicção de que si alguns nordicos podem viver nos climas quentes, o grupo não se adapta nem mesmo no sul da Europa. Ri-

pley já dizia outro tanto, alinhando numero exhaustivo de anthropologos do mesmo pensar.

No entanto, multiplos factores, que se enquadram na selecção, agem de modo silencioso e seguro. Hoje sabemos que o processo selectivo não é, de facto, o infinito transformador de organismos. Mas é fora de duvida que elle é capaz de desarticular os phenotypos, dando relevo aos genotypos. Os documentos reunidos aqui demonstram isso mesmo na população brasileira.

Aos responsaveis pelos destinos deste paiz presta, assim, a anthropologia, um enorme serviço, apresentando-lhes documentos que não devem ser desprezados em beneficio de phantasias rhetoricas desanimadoras.

A anthropologia prova que o homem, no Brasil, precisa ser *educado* e não *substituido*.

O processo geral de adaptação das raças aos diferentes meios brasileiros segue de accôrdo com o que a sciencia póde desejar. A anthropologia do Brasil desmente e desmoraliza os pessimistas.

## XVI

Seria de grande vantagem commemorar o jubileu da immigração japoneza no Brasil, promovendo um grande inquerito, scientificamente orientado, a respeito da influencia anthropologica dos nipões neste paiz.

Muita coisa que anda por ahi, affirmada sob simples presumpção, passaria pelo crivo da experiencia e todos lucrariam. Em vez de opiniões, factos viriam illustrar as discussões.

Preconceitos, autoridades, sentimentos deixariam o terreno ao que apurasse a sciencia.

Technicos em numero sufficiente, de preparo adequado para realizar a indagação aqui lembrada, existem de sobra. Faltam recursos aos que seriam capazes de executar o programa. Ficará para o centenario... si até lá já houver peso de opinião capaz de impor taes medidas aos que dispõem dos meios publicos. Emquanto se espera, vamos nós dando uma vista d'olhos ao que se sabe

quanto aos caracteristicos anthropologicos dos japonezes.

E', de algum modo, uma introducção ao que se propõe na ideia do inquerito indicado.

\*

\*

\*

A Anthropologia, como todas as sciencias fundamentaes, tem merecido cuidados particulares nos centros universitarios do Japão. Quando em França ainda havia muitos *gros légumes* dos elencos officiaes que se recusavam a *perder tempo* estudando a historia natural dos bominidios, na propria França de Broca, já o Japão tinha incluido a anthropologia entre as cathedras systematicas das Universidades.

Adachi, Fudjisawa, Hasebe, Iijima, Iwata, Koganei, Matsumura, Migita Otsuka, Miwa, Nakano, Ogata, Onishi, Sakaki, Tori, Tsuboi, Yamanuchi — são nomes conhecidos na bibliografia, sábios japonezes que, em multiplos assuntos, contribuíram para a documentação da anthropologia nacional.

No entanto, as primeiras observações a respeito dos caracteres raciaes dos nipões, no vivo, são devidas a León de Rosny — (1872).

Os primeiros dados craniometricos de japonezes foram publicados pelos naturalistas hollan-

dezes J. van der Hoeven em 1836 e G. Sandifort em 1838.

Em 1883-85 E. Baelz publicava em Yokohama a sua conhecida monographia *Die Körperlichen Eigenschaften der Japaner*.

Ervin Baelz era *Professor emeritus* da Faculdade de Medicina da Universidade de Tokio e o seu trabalho fez epocha na literatura scientifica. Foi considerado exhaustivo. No entanto, estava longe disso. Nos meios scientificos do proprio Japão foram apontados graves falhas na grande obra do illustre professor. Uma observação que a respeito encontro no *Journal of Faculty of Science — Imperial University of Tokio — March — 1925* — é que elle incluiu entre os individuos adultos examinados, rapazes de 15 annos...

Deixando de parte numerosos trabalhos menos importantes, japonezes ou europeus, não ha esquecer os de Mishima em 1895, Ogata em 1901, Miwa no mesmo anno, Hasebe em 1917, Matsu-mura em 1923-25, Tarii em 1918 sobre os *Ainos*.

A anthropologia do Imperio tem de considerar separadamente dois grupos: um primitivo, nitidamente filiado na raça branca, actualmente encontrado nas ilhas do extremo norte do Japão — os *Ainos*; outro, dos *Japonezes propriamente ditos*, constituindo a grande massa da população nacional.

Os *Ainos* são brancos que outr'ora dominaram a maior parte do archipelago e foram rechassados para as ilhas Kurilas, onde gradualmente se vão extinguindo frente ao progresso cultural dos seus conquistadores. Aconteceu no Japão com a raça branca outr'ora dona da terra, o que com a raça amarella succedeu na America... Apenas, aqui, foram os brancos os conquistadores. Aparentados aos Indús pelo sangue, segundo pesquisas serologicas, os *Ainos* são brancos, cabelludos, de rosto europeu (*europäische Gesichter*), apesar do nariz largo, proporções caucasicas, dolichocephalia. De passagem não deixa de ser interessante apontar as chamadas *theorias* propostas para explicar a origem dos *Ainos*: a *theoria continental* que dá para essa gente origem siberiana; a *theoria Caucasica* — que os aproxima dos Tódas do Indostão, dos Vedas do Ceylão e dos Kubus de Sumatra; a *theoria polynesica* que admite sejam os *Ainos* originarios das ilhas do Pacifico; a *theoria européa*, segundo a qual elles representam no mundo moderno elementos proto-nordicos. O norte do Japão seria dest'arte actualmente reducto dos brancos primitivos que, depois de haver dado as populações da Europa, foram aos poucos rechassados para as ilhas em que se acham. Os japonezes propriamente ditos, população que forma em nossos dias uma das grandes potencias da terra em sciencia, em arte, em te-

chnica... e em força representam a mais significativa documentação contrária ao espirito racista. Porque os japonezes surgiram, como os russos e os brasileiros, da mais complexa mestiçagem (Nagai), Ainos (brancos), Koreanos, Chinezes e Mandchus (amarelos) e Malaios (mestiços) foram as fontes raciaes do grande Imperio.

Nos dois tipos que, em geral, se distinguem no povo japonês: *O tipo Chosu* e *o tipo Satsuma* — este é o mais grosseiro de forma, parece mais influenciado pelos malaios, tem maior tendencia ao prognatismo, tem nariz mais achatado, rosto mais largo. E' o tipo essencialmente popular. O primeiro é mais delicado, tem a cabeça mais longa, o nariz mais fino, é mais claro, mais delgado. O indice nazal, que é de 73,3 para os homens dos tipos Chosu orça por 85 no tipo Satsuma (E. Fischer). O olho mongol é menos accentuado no primeiro. Já o nosso conhecido *genipapo*, da terminologia brasileira popular, a *mancha morada* dos espanhóes ou *mancha mongolica* dos anthropologos, segundo Kato, é encontrada em 99,5 % de todos os infantes.

O crescimento é outro dado interessante que o inquerito proposto no começo desta nota não deverá desprezar. Os meninos de 6 annos têm, no Japão, (Nagai) — 1079 m/m de estatura; na Suissa, (Schwerz.) — 1146; em França, (Varet Chaumet) — 1099; nos Estados Unidos,

(Boas) — 1160; no Brasil, (Niteroi, Rio de Janeiro) Madeira e Backer, Fontenelle e Sampaio encontraram respectivamente 1100, 1090, e . . . 1050mm.

Ogata verificou diferenças importantes na anthropometria das operarias japonezas: a estatura é bem menor nas que se dedicam ao trabalho pesado enquanto que os diametros do pelvis são nelas bem maiores.

De Matsumura tenho em mãos o mais importante dos trabalhos japonezes realizados sobre a estatura e o indice cephalico nesse povo. E' a monographia que, sem favor, pode ser dita monumental. Elle conclue que os japonezes são brachycephalos (80,5) e apresentam, quanto á estatura, dois pontos de maxima densidade na curva de frequencia:  $1,^{m}61$  e  $1,^{m}63$ .

Baseando-se na estatura e no indice cephalico Matsumura classificou anthropologicamente os japonezes em 9 grupos:

- 1 — Brachycephalos - altos:  
Provincias — Yamashiro, Iga (Tsushima).
- 2 — Brachycephalos - medianos:  
Provincias — Tamba, Settsu, Kawachi, Yamato, Kii, Omi, Izumi, Mino, Owari.
- 3 — Brachycephalos - baixos:  
Provincias — Satsuma, Osumi, Suwo, Mimasaka, Harima, Hida, Ise.

- 4 — Mesocephalos - altos:  
 Provincias — Bizen, Rikuchu.
- 5 — Mesocephalos - medianos:  
 Provincias — Hizen, Hyuga, Bungo, Tosa,  
 Izumo, Bitchu, Echizer, Sagami, Echigo,  
 Uzen, Ugo, Mutsu, Awaji, Shima.
- 6 — Mesocephalos - baixos:  
 Provincias — Nagato, Iwami, Bingo, Shino-  
 nano, Boshu, Iwashiro, Sado.
- 7 — Dolichocephalos - medianos:  
 Provincias — Higo, Chikugo, Chikuzen, Iyo,  
 Awa, Aki, Hoki, Inaba, Tajima, Tango,  
 Kaga, Etchu, Musashi, Kazusa, Hitachi,  
 Iwaki, Rikuzen.
- 8 — Dolichocephalos - baixos:  
 Provincias — Sanuki, Wakasa, Mikawa,  
 Totomi, Suruga, Kai, Izu, Noto, Kotsuke,  
 Shimotsuke, Shimosa.
- 9 — Ultra Dolichocephalos - baixos ou medianos:  
 Provincias — Diki, Hoki.

Quem comparar o que se sabe hoje dos tipos anthropologicos do Brasil com os dados raciaes japonezes chegará facilmente a esta conclusão:

Considerar *eugenicamente* indesejavel o cruzamento dos japonezes com os brasileiros é, mais

ou menos, condemnar o casamento de nortistas e meridionais do proprio Brasil.

Quero repetir, para terminar, o que disse a respeito ha muito tempo: Pode haver motivos que desaconselhem a livre recepção de japonezes sadios e educados neste paiz. Serão motivos de ordem social, politica, religiosa, estetica, . . . ou esoterica.

Razões eugenicás e anthropologicas — *scientificas* — não.

---

# ENSAIOS de ANTHROPOLOGIA BRASILIANA

## Indice de obras

AMARAL, AZEVEDO — “Immigração e Eugenia” . . . . .	71
BAELZ, ERVIN — “Die Koperlichen Eigenschaften der Japoner”, Yokohama, 1883-85 . . . . .	175
BILDEN, RUDIGER — “Brazil, Laboratory of Civilization” . . . . .	50
BUFFON — “Arithmetique Morale” . . . . .	6
CHAMBERLAIN, HOUSTON STEWART — “Grundlagen des Neuzehnten Jahrhunderts” . . . . .	114
DAVENPORT, CHAS. B. — “Relatorio do Departamento de Genetica”, da Carnegie Institution de Washington, 1928 . . . . .	56
FRICK, JOÃO — “Ar puro a domicilio” . . . . .	104
GALTON, FRANCIS — “Natural Inheritance” . . . . .	79
HANKINS, FRANK — “The Racial Basis of Civilization” . . . . .	51
JENNINGS, H. S. — “Prometheus or Biology and the Advancement of Man”, Col. To-day and To-morrow, Kegan, Paul, Editors, Londres . . . . .	83
KEITH, SIR ARTHUR — “Horley Memorial Lecture”, 1928 . . . . .	63
LEUZINGER, JORGE — “A ventilação artificial das regiões tropicaes” . . . . .	105
MALTHUS — “Essay on the Principle of Population” . . . . .	7

MARTIN, RUDOLF — “Lehrbuch der Anthropologie” Zweite, Vermehrte Auflage, Erster band: Somatologie — Jena. 1928 . . . . .	127
PEARL, R. — “Vitality of Peoples of America” . . . . .	15
PORTEUS, S. D. e BABCOCK, M. E. — “Temperament and Race”, Boston, 1925 . . . . .	160
SILVA CORREIA, PROF. GERMANO DA — “Le Climat et la Nosografie de l’Inde Portugaise”, “Les Rames de Satary” e “Les Lusos Descendants de l’Inde Portugaise” . . . . .	38
SWEENEY, SHIRLEY — “The Natural Increase of Mankind”, 1926 . . . . .	9
TAYLOR, GRIFFITH — “Evironment and Race” . . . . .	23

### Indice de materias

ALMAS DAS RAÇAS (Gall, L. F. Clauss, Fischer, Neubauer, Pende) . . . . .	89 a 95
ANTHROPOLOGIA DO JAPÃO (Léon de Rosny J. van der Hoeven, G. Sandifort, Ervin Baelz, Mishima, Ogata, Miwa, Hasebe, Matsumura, Farii, Fischer, Kato) . . . . .	173 a 180
ANTHROPOLOGIA PORTUGUEZA NA INDIA (Fonseca Cardoso, Mendes Correia, Alberto Germano da Silva Correia, Rodrigues dos Santos Junior, Gonçalves Lopes, Costa Ferreira, Eduardo Valença, Barros e Cunha, Fischer) . . . . .	37 a 41
DIALECTO BRASILIANO (Gonçalves Vianna, Julio Nogueira) . . . . .	97 a 102
EMIGRAÇÃO (Alberto Torres, Griffith Taylor) . . . . .	17 a 24
ENGENIA, CONGRESSO DE — (Miguel Couto, Azevedo Amaral, Levi Carneiro) . . . . .	69 a 75

EUGENIA, PRATICA DA — (Karl Pearson, Shirokogonoff, Galton, Alphonse de Candolle, Davenport, Hurst) . . . . .	77 a	82
FACTORES DA RAÇA (Chas. B. Davenport, Martius, Weismann, Morgan, Belling) . . . . .	55 a	62
FRITZ MULLER E OS NEGROS (Fritz Muller, Rudiger Bilden, Frank Hankins) . . . . .	49 a	53
MELHORAMENTO HUMANO (H. S. Jenings, Prof. John Alfred Mjoen) . . . . .	82 a	87
NEGROS E BRANCOS (R. Pearl, L. Lapique, Galton) . . . . .	43 a	47
PHILOSOPHIAS (Keyserling, Augusto Comte, Houston Stewart Chamberlain, Conde de Gobineau, Ernest Selliére, Frank Hankins) . . . . .	111 a	115
PHYSIOLOGIA E AS RAÇAS (Arthur Keith, Horley, Bolk, Bechterew) . . . . .	63 a	67
POPULAÇÃO (Malthus, Robinet, Robert Wallace, Richard Cantillon, Giammaria Ortes, Buffon, W. Welch, R. Pearl, Shirley Sweeney, Sunbarg, Reed) . . . . .	5 a	16
RAÇA . . . . .	25 a	35
TYPOS ANTHROPOLOGICOS DO BRASIL (Antonio Pires de Campos, Martius, Americo Vespuccio, Rio Branco, Alberto Torres, Rudolf Martin, Fróes da Fonseca, Braz do Amaral, Fischer, Poutrin, Deniker, Davenport, Boas, Bean, Galton, Quetelet, Adolphe Bertillon, Morselli, Welcker, Karl Pearson, Weldon, Augusto Comte, Shirokogoroff, Johannsen, Boldrini, Mendel, S. D. Porteus, M. E. Babcock, Scheidt, Ripley) . . . . .	117 a	172
ZONA DE CONFORTO NO BRASIL (Brown, Secquard, João Frick, Justino Lomba, Jorge Leuzinger, Alvaro Osorio de Almeida) . . . . .	103 a	110



## INDICE ALPHABETICO

- Adiacritica (Raça) — 64  
Acclimação — 38  
Africa — 13, 64  
Africanos — 132  
Aínos — 175  
Alôe — 58  
Alpinos — 171  
America — 13  
Amarellos — 64  
Anthropologia — 77  
Anthropometria — 30  
Amazonia — 19 e 123  
Antonio Conselheiro — 42  
Anatomia dos negros — 45, 60  
Antipodas raciais — 64  
Angola — 138  
Aphrodite de cnido — 27  
Argentina — 13  
Arithmetique Morale — 6  
Aryanismo — 113  
Aruak — 136  
Arlesiana — 27  
Associações (Theoria) — 93  
Auetô — 136  
Australia — 13, 64  
Azevedo Amaral — 70  
Asia — 13  
Babugem — 23  
Bacon — 44  
Baker — 44  
Bandeirantes — 123  
Bastardos (Sul da Africa) — 139  
Bahia — 52  
Barros e Cunha — 37  
Bean — 44, 129  
Bechterew — 66  
Beddoe — 130  
Bertillon — 141  
Baeld — 175  
Bilden — 50  
Billing — 58  
Biologia — 14, 77  
Biometria — 16, 140  
Biometrika — 77

- Biomicroscopia — 82  
 Boldrine — 8  
 Boas — 129  
 Bororo — 135  
 Brasil — 11, 12, 17, 66, 78 e 117  
 Brasileiros — 5, 98  
 Brachycephalia — 96  
 Brachycephalos — 139  
 Brown-Secquard — 103  
 Braços — 121  
 Braz do Amaral — 132  
 Browlee — 11  
 Bolk — 66  
 Buffon — 6  
 Burmaister — 52  
 Caborez — 127  
 Carahiba — 136  
 Capital — 5  
 Cantillon — 6  
 Caullery — 8  
 Cancer — 45  
 Cafuzos — 55, 127  
 Candolle (De) — 80  
 Capacidade vital — 134  
 Caboclos — 135  
 Cerebro (funções do) — 89  
 Chosu — 175  
 Chamaerhinos — 130  
 Chile — 13  
 Chromosomas — 57  
 Chromomeros — 57  
 Chamberlain (H. S.) — 13  
 Concursos de belleza — 25  
 Colorline — 27  
 Costa Ferreira — 37  
 Colonia Agricola Preparatoria — 22  
 Conforto — (Zona D) — 103, 109  
 Costa Rica — 11  
 Congresso Brasileiro de Eugenia  
     — Rio, 1929 — 69  
 Confinamento do ar — 103  
 Comte (A.) — 113  
 Collignon — 130  
 Coefficiente de variabilidade — 143  
 Clauss — (L. F.) — 90  
 Cruzamentos — 16, 40, 59, 60,  
     147, 168  
 Criterios da belleza — 31, 34  
 Crew — 8  
 Cruz e Souza — 51  
 Curibócas — 55, 127  
 Curvalogistica — 14  
 Davenport — 55, 56, 81  
 Dephasing social — 20  
 Desenho — 60  
 Desvio padrão — 143  
 Diabeticos — 83  
 Dialectos — 100  
 Dinamarca — 13  
 Doenças da raça — 70  
 Delicocephalos — 130  
 Drosophila — 59  
 Dynamometro — 146  
 Esthetica — 32, 34  
 Educação — 20, 23, 40, 70, 86  
 Estatística — 12, 71  
 Emmigração — 17  
 Estados Unidos da America —  
     13, 16

- Eugenia — 11, 40, 69, 77, 88  
 Europa — 13  
 Escravidão — 51  
 Estatura — 128  
 Erros — 143  
 Face — 131, 137  
 Factores da raça — 43, 44, 65, 66  
 Fetalisação (Theoria da) — 66  
 Fichas familiares — 79  
 Filmagem em Anthropologia — 33  
 Ficher — 38  
 Flandres — 27  
 Fritz Müller — 153  
 França — 13  
 Frick — 104  
 Fonseca Cardozo — 37  
 Força muscular — 147  
 Fontenelle e Sampaio — 178  
 Fuzão de raça — 134  
 Gall — 89  
 Galton — 45, 79, 140  
 Gê — 136  
 Genese — 84  
 Genetica — 59, 80  
 Genipapo — 177  
 Genealogia — 78  
 Germania — 27  
 Gestalttheorie — 93  
 Germinoplasma — 57  
 Gini — 8  
 Glandulas sexuaes — 96  
 Glandulas endocrinas — 65  
 Glandulas intersticiaes — 65  
 Goa (Nova) — 37  
 Gonçalves Lopes — 37  
 Gonçalves Vianna — 97  
 Grippe (1918) — 13  
 Griffith Taylor — 23  
 Guerra (1914) 13, 14  
 Hagen — 129  
 Hankins — 51  
 Haussás — 138  
 Herança — 43, 59, 85  
 Heredologia — 78  
 Herskovits — 44  
 Hipophyse — 96  
 Holandezes — 42  
 Hoeven — 175  
 Harmonios — 96  
 Hong-Kong — 13  
 Horley — 63, 64  
 Hottentotes — 132  
 Hrdlicka — 8  
 Hygiene — 70  
 Hurst — 81  
 Idiomas — 97  
 India Ingleza — 13  
 India Portuguesa — 39  
 Indice Nasal — 33, 60, 130, 133,  
 136  
 Indice cephalico — 129, 133, 136,  
 138  
 Indice de Efficiencia Racial — 160  
 Indios do Brasil — 135  
 Inglaterra — 11, 13, 64  
 Imigração — 70, 72, 124  
 Iorubas — 138  
 Iris — 82  
 Jamaica — 11, 60  
 Japão — 11

- Japonezes — 163, 173  
 Jennings — 83  
 Johannsen — 142  
 Karajá — 135  
 Kehl — 83  
 Keith (Arthur) — 63  
 Keyserling — 111  
 Lapicque — 45  
 Leptorrhinos — 130  
 Leucodermos — 127, 131  
 Leuzinger (Jorge) — 105  
 Levedo — 14  
 Likium — 58  
 Levi Carneiro — 70  
 Livi — 129, 130  
 Linch (Mme.) — 63  
 Ljundborg — 8, 129  
 Lomba — (J.) — 105  
 Lutz — 57  
 Luschan (von) — 131  
 Mahometanos (negros) — 138  
 Malés da Bahia — 138  
 Madeira e Qacker — 178  
 Mancha mongolica — 177  
 Mandingas — 132  
 Mathematica — 142  
 Matsumura — 129  
 Martin (Rudolph) — 127, 139  
 Media arithmetica — 143  
 Mediterraneos — 171  
 Meio natural — 40, 43, 59  
 Meio social — 40  
 Melanina — 81  
 Melanodermos — 127, 138, 140  
 Malthus — 6  
 Martius — 56  
 Mendes Corrêa — 37, 130  
 Mendel — 80, 157  
 Mjöen — 83  
 Menezes de Oliveira — 105  
 Mesorrhinos — 130  
 Mexico — 13  
 Metabolismo basico — 60  
 Mestiçagem — 38  
 Microscopia — 81  
 Minas — 19  
 Minas (negros) — 138  
 Mesocephalos — 130  
 Montessori — 29  
 Morgan — 57  
 Morley Roberts — 64  
 Morselli — 141  
 Mortalidade — 16  
 Mortes — 10, 12  
 Morro Velho: (Mina) — 106  
 Mulatos — 61, 83, 132, 135  
 Mutações — 59, 61, 139  
 Musica — 60  
 Municipios — 12  
 Nahuaquá — 136  
 Mambikuára — 136  
 Nascimentos — 10  
 Negros — 45, 52  
 Nogueira J. — 98  
 Nordeste — 17  
 Nordicos — 66  
 Nova Zelandia — 13  
 Olhos — 80  
 Ortes — 6  
 Ozorio de Almeida (A.) — 109

- Pandiacritica (raça) — 64  
Papilas digitales — 60  
Paraná — 12  
Parecí — 136  
Pathologia racial — 44  
Peristase — 139  
Peso — 146  
Pearl — 7, 14, 43  
Paula Souza — 8  
Pearson — 77, 81  
Pende — 96  
Phaiodermos — 127  
Phonetica — 99  
Philippinos — 139  
Phrenologia — 89  
Physiologia — 11, 63, 94  
Pitt-Rivers — 8  
Pituitaria (glandula) — 65  
Pittard — 130  
População — 5, 9, 15  
Portugal — 37, 97  
Poutrin — 138  
Porteus e abcock — 159  
Praxiteles — 27  
Prometheus — 84  
Protozoarios — 14  
Pressão de população — 15  
Pygmeus — 132  
Quatrefages (de) — 63  
Quetelet — 141  
Raça — 25, 33, 40, 49  
Radium — 59  
Raios X — 59  
Rappard — 8  
Ranke — 129  
Reed — 14  
Registro Civil — 13  
Risley — 130  
Rio de Janeiro — 8  
Rio Grande do Sul — 12  
Rodrigues dos Santos — 37  
Riqueza — 5  
Robinet — 6  
Rojdestwensky — 129  
Rondonia — 123  
Roquette-Pinto — 8, 129  
Rosny — 174  
Russos — 96  
Sandifort — 175  
Sangue — 60  
Santa Catharina — 12  
Sara — (Negros) — 138  
Satsuma — 175  
S. Paulo — 12  
Secas — 22  
Seleção social — 66  
Segregação — 66  
Serição — 142  
Sertanejos — 17, 68  
Schlaginhaufen — 8  
Scheidt — 167  
Silva Correia — 37  
Shirley Sweeney — 9, 11, 13  
Shull — 57  
Sören-Hansen — 8  
Somato-plasma — 59  
Solano Lopes — 63  
Spolikowsk — 129  
Somma quadratica — 146  
Steggerda — 60

- Stilypus — 91  
Steppes — 63  
Sudanezes — 132  
Suecia — 81  
Suissa — 81  
Supra-renaes (Glandulas) — 65,  
96  
Sunbarg — 9  
Torres (Alberto) — 123  
Tests psicologicos — 61  
Thyroide — (Glandula) — 65  
Thorax — 131, 137  
Trabalhadores — 19, 23, 166  
Trabalho — 5, 106  
Tupí — 136  
Typos — 27, 30, 64, 127  
Uruguay — 13  
Valença (Eduardo) — 37  
Verhulst — 14  
Ventilação — 104  
Vital index — 7, 9, 12  
Vitaminas — 96  
Wagner — 114  
Wallace — 6  
Weich — 7  
Weissmann — 57  
Weldon — 141  
Welker — 141  
Wells — 14  
Xanthochroides — 64  
Xanthodermos — 127, 137  
Xibáros — 127  
Xingú — 136

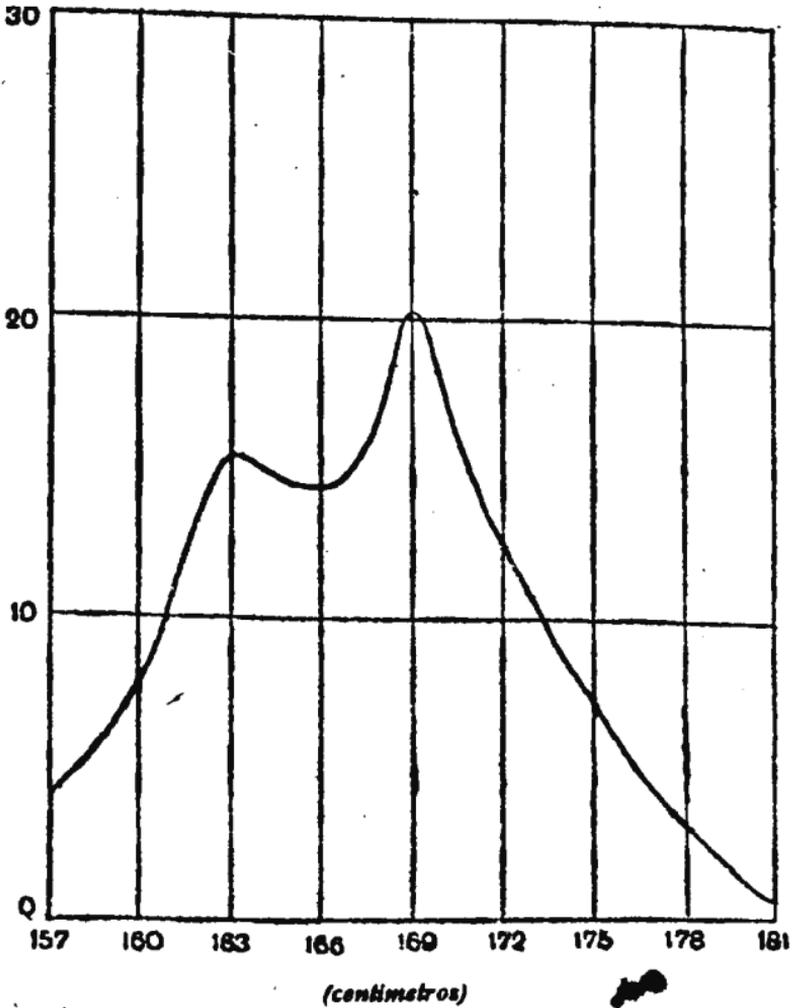
---

---

Este livro foi composto e impresso nas Offi-  
nas da Empreza Graphica da "Revista dos Tri-  
bunaes", em São Paulo, para a Companhia  
Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 26-28-30,  
em Outubro de 1933.

## Leucodermos

%

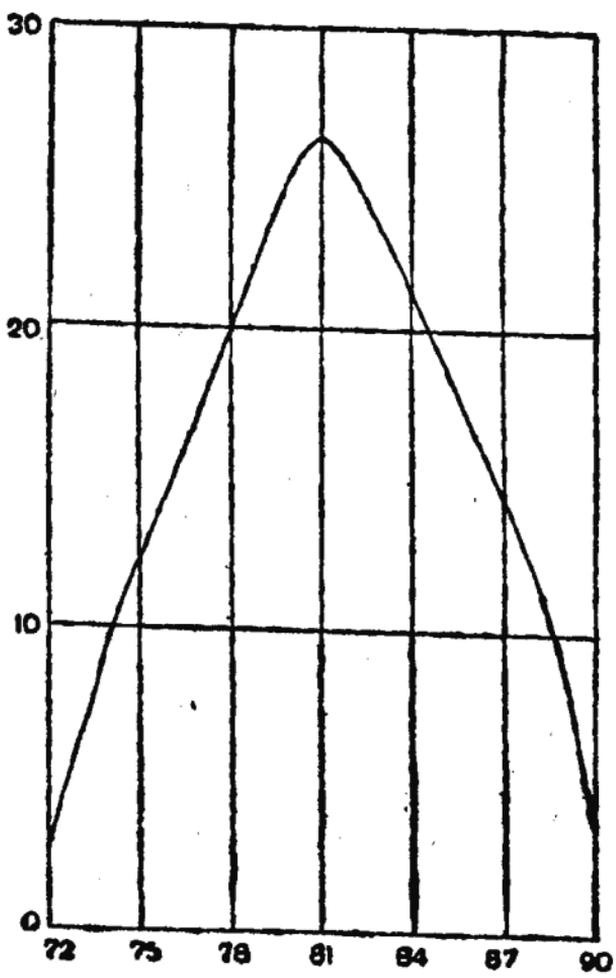


n = 426

Estatura

# Leucodermos

%

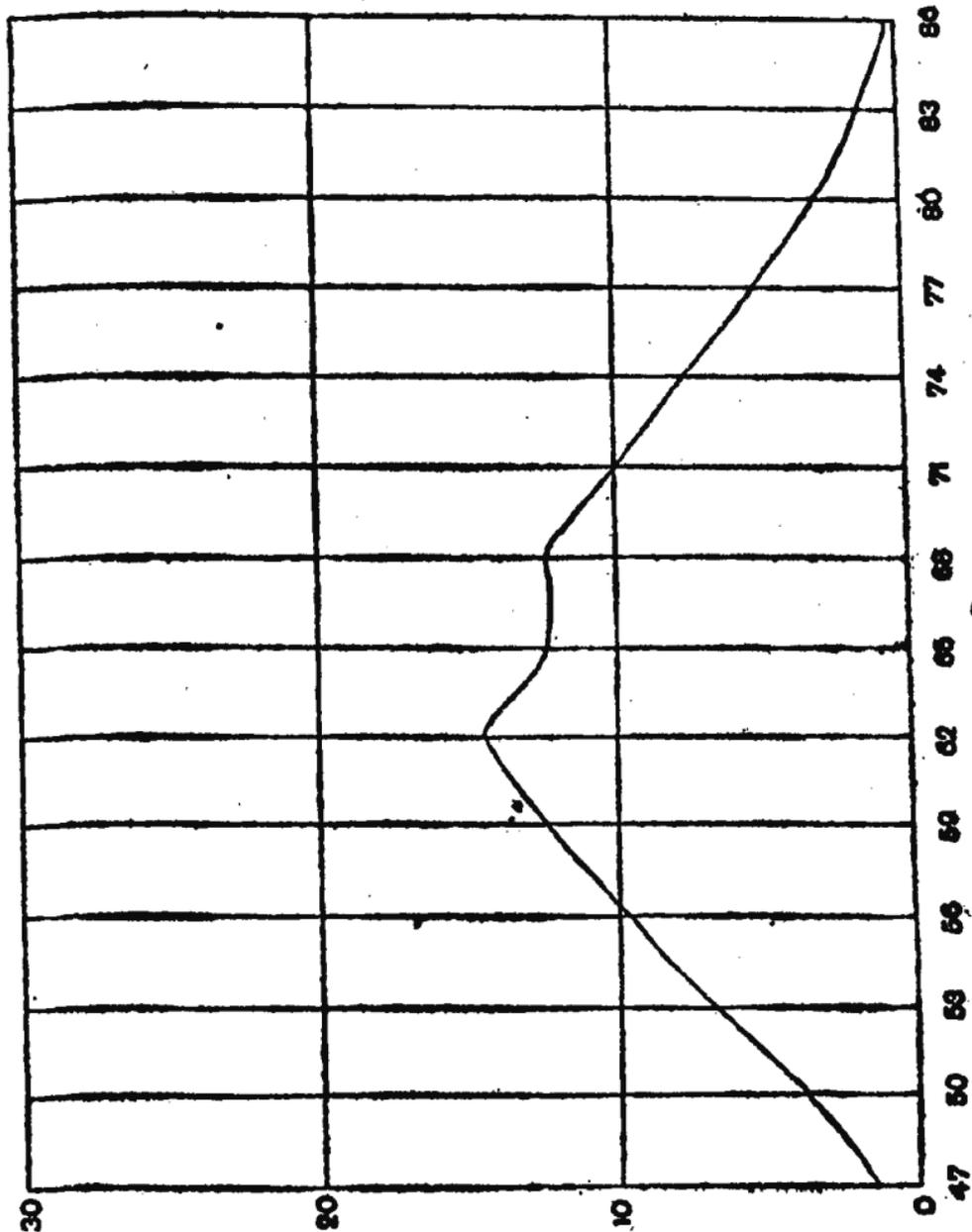


n = 413

Indice cephalico

# Leucodermos

%

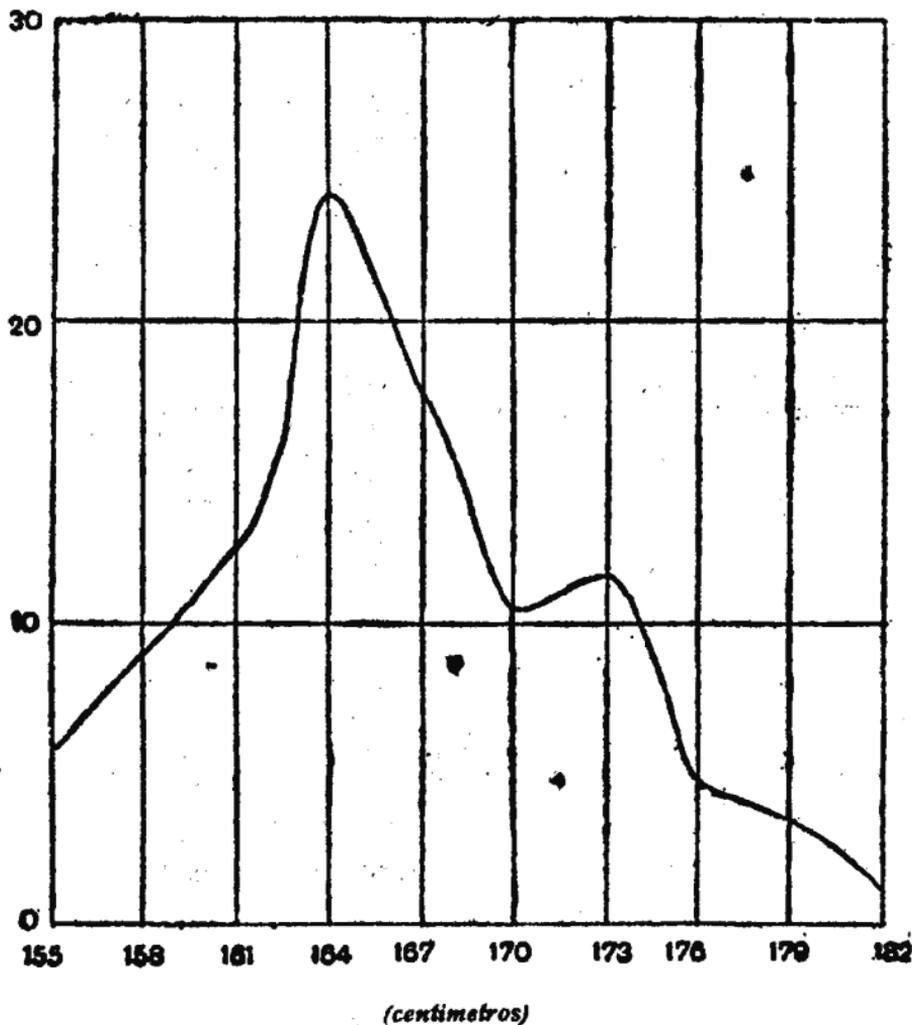


n = 367

Indice nasal

## Phaiodermos

%

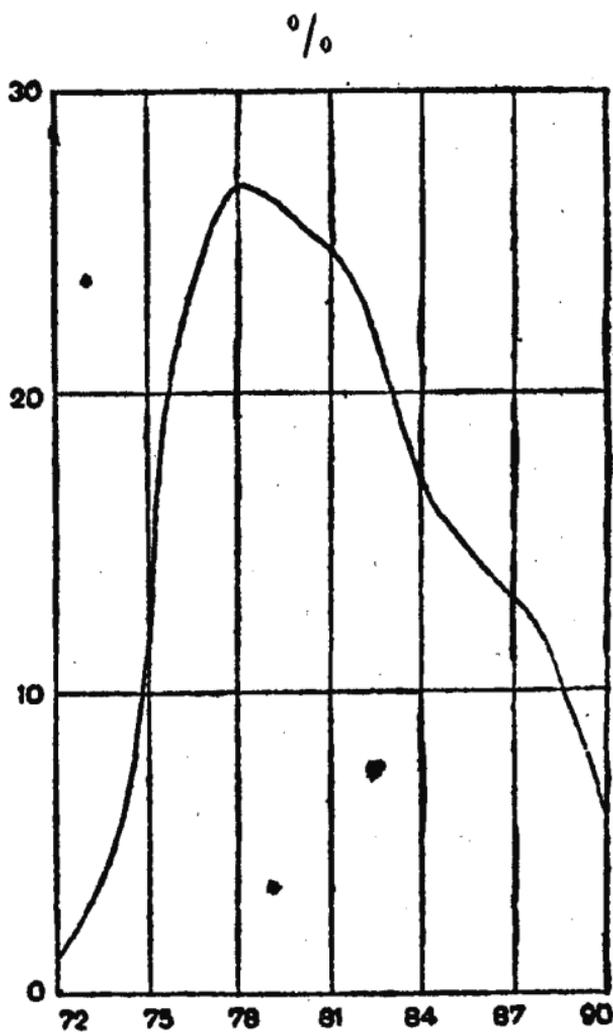


(centímetros)

$n = 325$

Estatura

## Phaiodermos

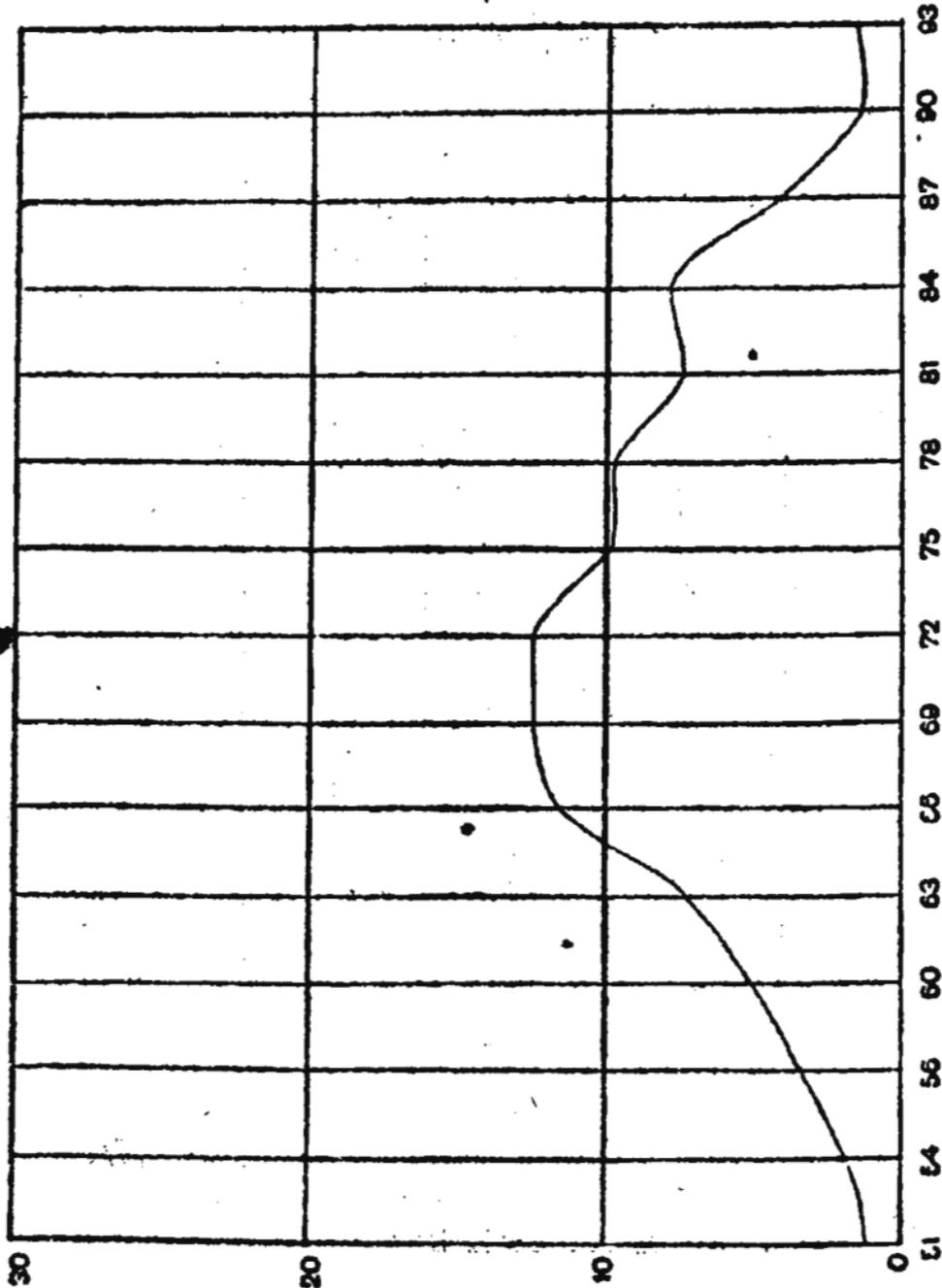


$n = 237$

Indice cephalico

# Phaiodermos

%

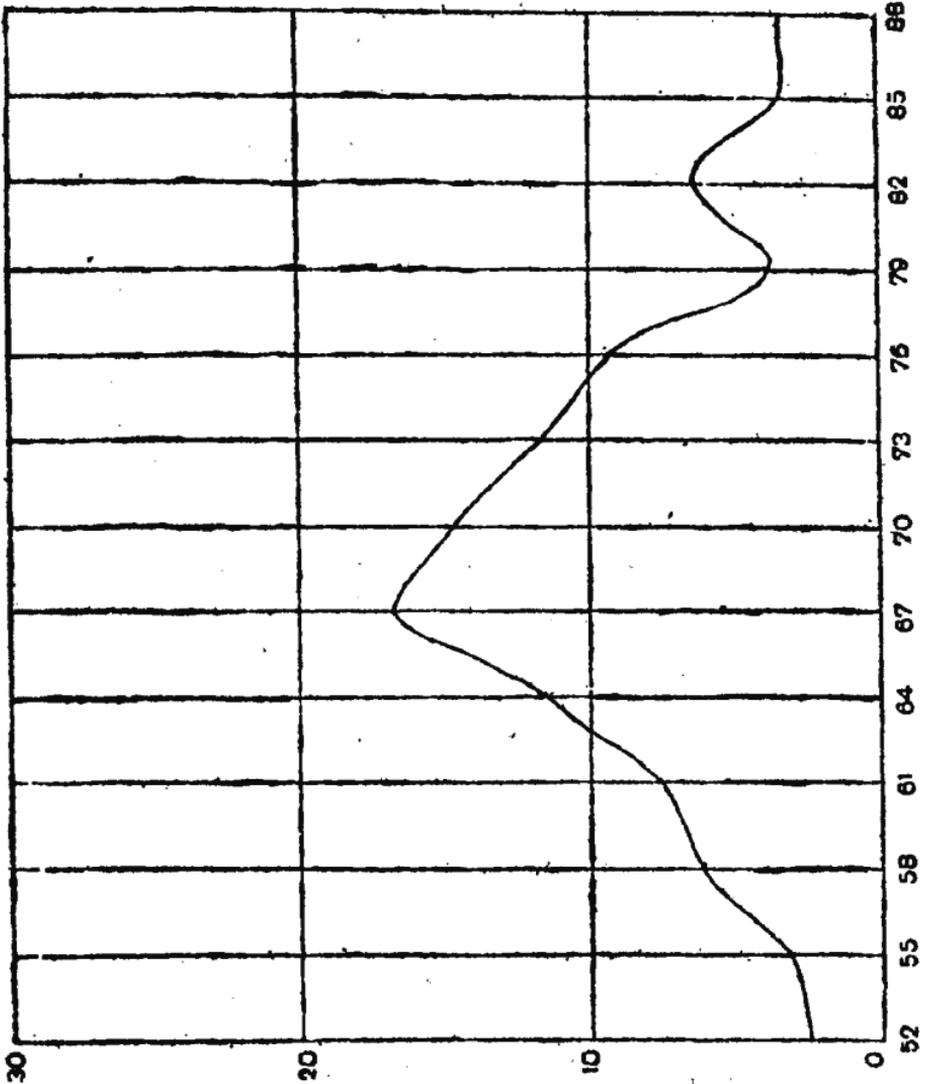


$n = 320$

Indice nasal

# Xanthodermos

%

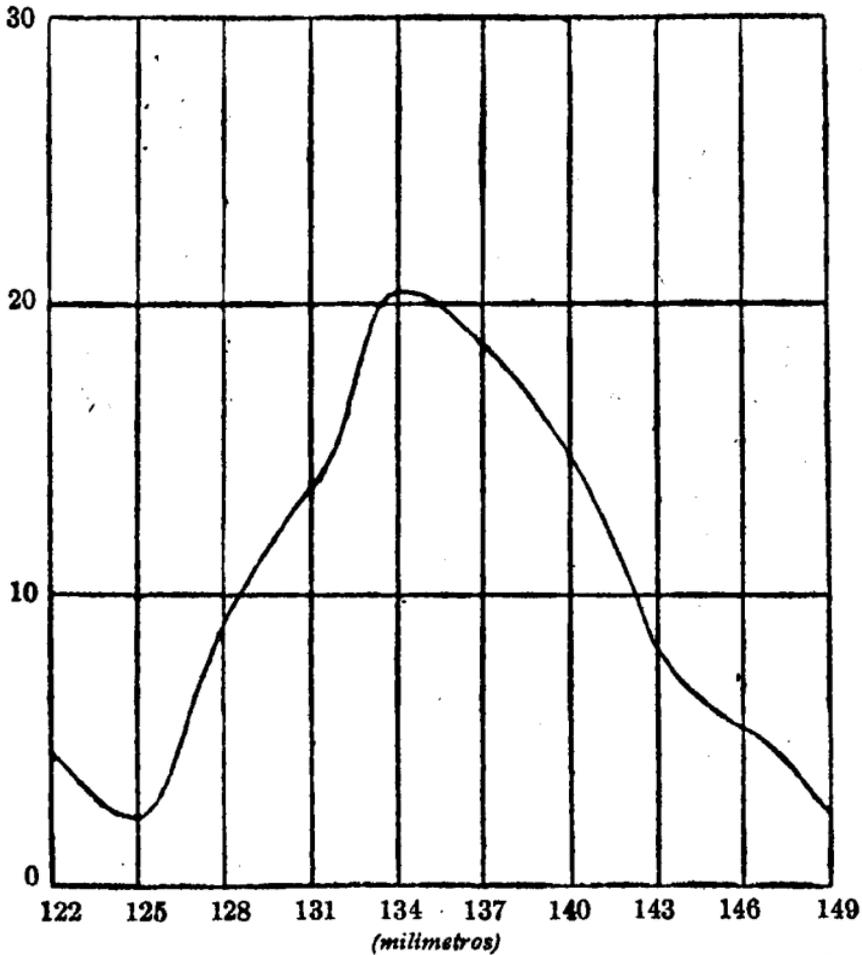


$n = 129$

Indice nasal

## Xanthodermos

%

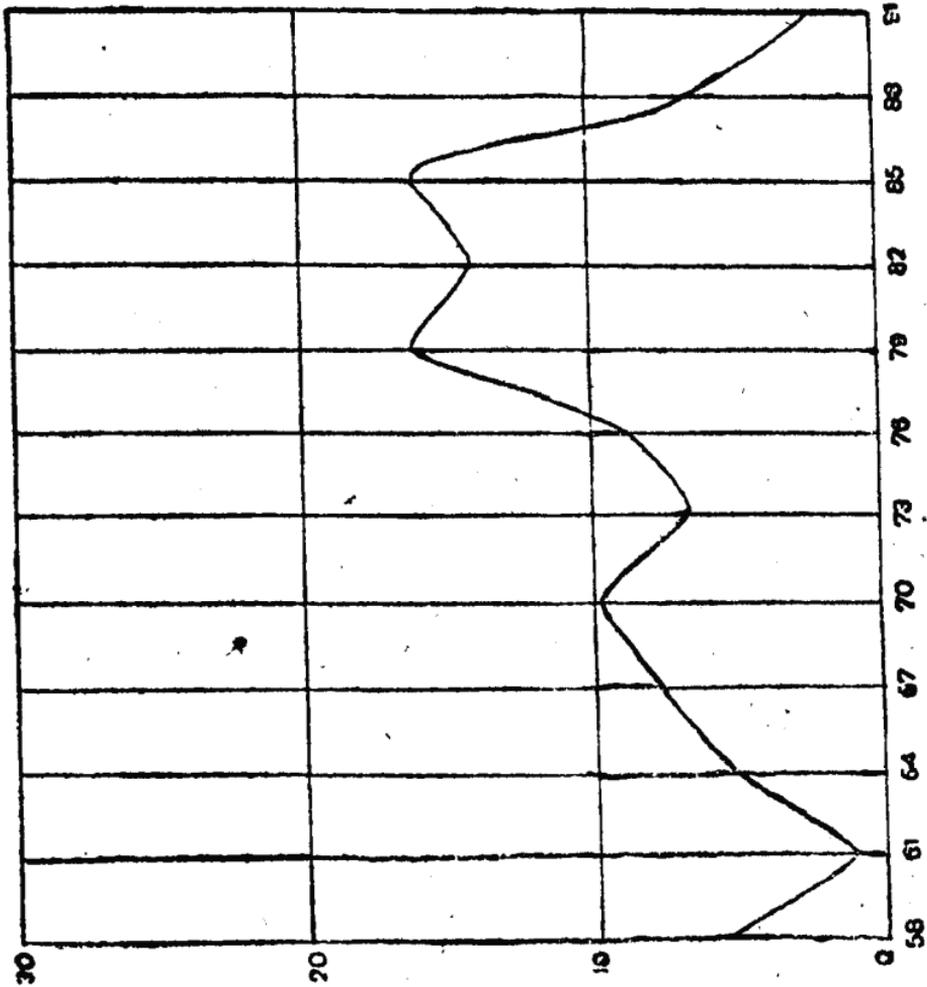


$n = 128$

By-zygomatico

## Melanodermos

%



$n = 175$

Indice nasal